



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

CELSO ABRÃO DOS REIS

**O DISCURSO SOBRE O CORREDOR BIOCEÂNICO COM SENTIDO DE
INTEGRAÇÃO DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA**

Campo Grande/MS

2016

<p>M</p>	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p> <div data-bbox="874 409 1056 560" data-label="Image"> </div> <p>CELSO ABRÃO DOS REIS</p> <p>O DISCURSO SOBRE O CORREDOR BIOCEÂNICO COM SENTIDO DE INTEGRAÇÃO DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA</p> <p>O DISCURSO SOBRE O CORREDOR BIOCEÂNICO COM SENTIDO DE INTEGRAÇÃO DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA</p> <p>Campo Grande/MS 2016</p>
<p>REIS, CELSO ABRÃO DOS</p>	
<p>O DISCURSO SOBRE O CORREDOR BIOCEÂNICO COM SENTIDO DE INTEGRAÇÃO DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA</p>	
<p>2016</p>	

CELSO ABRÃO DOS REIS

**O DISCURSO SOBRE O CORREDOR BIOCEÂNICO COM SENTIDO DE
INTEGRAÇÃO DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Campo Grande/MS
2016

R299d Reis, Celso Abrão dos

O discurso sobre o Corredor Bioceânico com sentido de integração dos países da América Latina/ Celso Abrão dos Reis. Campo Grande, MS: UEMS, 2016.

142p.; 30cm

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Unidade Universitária de Campo Grande, 2016.

1. Discurso. 2. Corredor Bioceânico. 3. América Latina. 4. Brasil. 5. MERCOSUL. 6. NAFTA. I. Título

CDD 23.ed.401.41

CELSO ABRÃO DOS REIS

**O DISCURSO SOBRE O CORREDOR BIOCEÂNICO COM SENTIDO DE
INTEGRAÇÃO DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Paulo Cesar Tafarello
Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT

Prof. Dr. Daniel Abrão
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza(Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira (Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS/CNPq/FUNDECT

Campo Grande/MS, 1 de abril de 2016.

À minha esposa, Leyde, grande companheira, parceira em tudo que faço e de todos os caminhos, com flores ou espinhos, sempre presente e maior incentivadora.

À minha mãe, Albertina, de quem guardo as lembranças mais belas, suas mãos sobre as minhas desenhando as primeiras letras, os primeiros números, os primeiros passos, o princípio de tudo.

Ao meu falecido pai, Benedito, por rejeitar fortemente a ideia de eu sucedê-lo em sua profissão braçal, que tudo fez para dar a um filho as oportunidades que não teve em vida.

AGRADECIMENTOS

A meu Deus, nem sempre lembrado pelos pequenos milagres concedidos todos os dias.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ambas responsáveis pela primeira oportunidade que tive em solo acadêmico, entidades de notória importância estratégica para o País.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, o reconhecimento e a gratidão pela generosidade, pela paciência e, sobretudo, pelas lições práticas de humildade e militância por uma educação pública de qualidade, sempre disposto a compartilhar seus amplíssimos conhecimentos.

A todos os professores e professoras que participaram, de alguma forma, de minha jornada pelo mestrado em Letras; Produção de Texto Oral e Escrito; Análise do Discurso, mais especialmente ao Prof. Dr. Daniel Abrão, pelo exemplo de perseverança e de profissional respeitado em que se transformou, pelo incentivo para que eu participasse do processo seletivo do Mestrado, pela acolhida calorosa que se seguiu e pelo espírito de generosidade que compartilha com todos os profissionais da UEMS.

Há beleza no inesperado...

*É na formulação que a língua ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde).
Momento de sua definição: corpo e emoções da/na linguagem. Sulcos no solo do dizer. Trilhas. Materialização da voz em sentidos, do gesto da mão em escrita, em traço, em signo. Do olhar, do trejeito, da tomada do corpo pela significação. E o inverso: os sentidos tomando corpo. Na formulação – pelo equívoco, falha da língua inscrita na história – corpo e sentido se atravessam.*

*(Eni P. Orlandi, *Discurso e Texto: Formulação e Circulação de Sentidos*).*

REIS, C. A. *O discurso sobre o Corredor Bioceânico com sentido de integração dos países da América Latina*. 2016. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2016.

RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de analisar o discurso sobre os Corredores Bioceânicos de integração dos países da América Latina, que constituem suas vantagens em meio ao processo de significação da globalização das economias e das políticas mundiais. Tais sentidos, supostamente, se constituem em grandes oportunidades para práticas de expansão das exportações de mercadorias e serviços que, por consequência e efeito de sentido, produziriam crescimento econômico traduzido no aumento de demanda pelo sentido de produção agrícola, pecuária, industrial e de insumos, bem como, a criação de maiores e melhores oportunidades de emprego e intercâmbio cultural, gerando resultados favoráveis nas balanças comerciais das nações envolvidas. Nesse contexto, é possível percebermos nos discursos em circulação ditos e não-ditos referentes as consequências da união dessas nações e que se relacionam a geopolítica e as soberanias da região. Assim, é possível considerar que existem sentidos de defesa de interesses ideológicos e econômicos materializando-se em propostas de tratados de livre comércio discutidos em diversos eventos destinados às suas formalizações. Nesse sentido, foram contextualizados discursos de bloco econômico a partir do final da segunda guerra mundial, enquanto alicerces históricos de importantes formulações que se seguiram. Com isso, evidenciou-se no processo de globalização um sentido repleto de silenciamentos conscientes, servindo como “braço forte” de nações industrializadas. Foram analisadas algumas formalizações de alianças, traduzidas pelas mais variadas propostas de tratados, para isso, elencamos e discorremos, brevemente, sobre aquelas não dissecadas nesta pesquisa, mas, de grande interesse da perspectiva da “queda de braços” entre Latino-americanos *versus* Anglo-saxões. Abordamos mais detidamente o que consideramos como os discursos mais significativos enquanto propostas, uma vez que, ilustram em seu desenho geográfico contendas latentes, visíveis em reticências nos discursos em circulação, notadamente do NAFTA e do MERCOSUL. Com isso, observou-se o surgimento de posições sujeito, seguidas de análises balizadas por categorias, possivelmente mais relevantes, assim, tal abordagem acaba expondo os sentidos de algumas controvérsias diplomáticas permeadas por um sentido de interesses os mais variados. Em seguida, analisamos o surgimento da posição sujeito de Corredor Bioceânico e alguns dos aspectos da circulação de sentidos. A partir deste ponto, destacamos a posição sujeito da extinta Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes (GEIPOT), entidade que, de maneira muito peculiar, expõe em seus enunciados algumas contradições e possíveis negligências no planejamento estratégico brasileiro. Outro ponto de nossa reflexão é dedicado às entrevistas com alguns representantes da posição sujeito Estado Brasileiro, com isso, ao longo desta pesquisa tornou-se possível analisarmos material discursivo “represado” e silenciado em propostas antagônicas.

Palavras-chave: Discurso. Corredor Bioceânico. Integração. América Latina. Brasil. MERCOSUL. NAFTA.

REIS, C. A. *Le discours sur le Couloir Biocéanique en ce sens d'intégration des pays de l'Amérique Latine*. 2016. 142 f. Mémoire de Master en Lettres - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2016.

RÉSUMÉ

Cette recherche a pour but d'analyser les discours sur les Couloirs Biocéaniques d'intégration des pays de l'Amérique Latine, lorsque ces derniers cherchent à justifier les avantages d'une telle mesure dans le processus de signification de mondialisation des économies et des politiques. Ces sens sont présentés comme de véritables opportunités pour les pratiques d'expansion des exportations de marchandises et de services, dont les conséquences et effets de sens seraient liés à la croissance économique et traduits par l'augmentation de la demande de sens de la production agricole, de l'élevage animal, de l'industrie et des produits de consommation, ainsi que la création de plus d'opportunités d'emploi et d'échange culturel, produisant ainsi des résultats favorables dans les balances commerciales des nations participantes. Dans un tel contexte, l'on peut voir dans les discours circulants des dits et des non-dits rapportés aux conséquences de l'union de ces nations, notamment à la géopolitique et aux souverainetés de la région. Nous pouvons donc inférer la présence de sens de défense des intérêts idéologiques et économiques qui prennent forme dans les propositions des traités de libre commerce, à l'occasion d'événements destinés à leur formalisation. La recherche se contextualise ainsi à partir des discours des blocs économiques créés à la fin de la seconde guerre mondiale, en tant que piliers historiques d'importantes formulations qui s'ensuivent. Dans le processus de globalisation, des sens pleins de silences conscients sont mis en évidence, énoncés par les nations industrialisées. Nous avons analysé également quelques formalisations d'alliances, traduites par les plus diverses propositions de traités. Pour cela, nous avons relevé et analysé brièvement les propositions qui ne faisaient pas partie de cette recherche mais dont l'intérêt est justifié par les disputes entre latino-américains et anglo-saxons. Nous analysons plus finement ce que nous considérons comme les discours les plus porteurs de sens en tant que propositions, du fait qu'ils illustrent dans leur dessin géographique des disputes latentes, à peine perceptibles dans les réticences des discours circulants, notamment ceux du NAFTA et du MERCOSUD. Du coup, des origines et des positions sujets ont été observées, suivies d'analyses balisées par des catégories. Une telle approche finit par exposer les sens de quelques controverses diplomatiques marquées par des intérêts les plus variés. Nous analysons par la suite l'origine et la position sujet du Couloir Biocéanique, ses aspects et la circulation de sens à son propos. La même démarche a été suivie pour la position sujet de l'ancienne Empresa Brasileira de Planejamento e Transportes (GEIPOT), une entité qui, de manière très particulière, laisse voir dans ses énoncés des contradictions et des possibles négligences du plan stratégique brésilien. Enfin, un autre point important de notre réflexion est consacré aux entretiens réalisés avec des représentants de la position sujet de l'État brésilien. De cette manière, tout au long de cette recherche nous avons essayé d'analyser du matériel discursif "oublié" et mis sous silence par des propositions antagoniques.

Mots-clés: Discours. Couloir Biocéanique. Intégration. Amérique Latine. Brésil. MERCOSUD. NAFTA.

SUMÁRIO

Introdução	15
Objeto	17
Objetivo geral	17
Objetivos específicos	17
Metodologia	18
Relatório de campo I	19
Sujeito entrevistado I: Heitor Miranda dos Santos	19
Relato descritivo da entrevista do sujeito entrevistado I	19
Relatório de campo II	20
Sujeito entrevistado II: Zeca do PT (José Orcírio Miranda dos Santos).....	20
Relato descritivo da entrevista do sujeito entrevistado II.....	20
Corpus	21
CAPÍTULO I	22
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
1.0. Sobre a análise do discurso	22
1.1. Ideologia, sentido e sujeito.....	22
1.2. Assujeitamento, formação discursiva e interdiscurso (já dito)	23
1.3. Intradiscurso (dito), posição-sujeito e paráfrase	23
1.4. Condições de produção, polissemia, efeito de sentido.....	24
1.5. Considerações sobre o discurso	24
CAPÍTULO II	26
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	26
2.0. Breve história dos alicerces dos blocos econômicos	26
2.1. Sobre o processo de globalização das economias e da política mundiais.....	27
2.2. Sobre a constituição de tratados internacionais	30
CAPÍTULO III	33
CORREDOR BIOCEÂNICO	33
3.0. Da origem e da posição-sujeito do Corredor Bioceânico	33
3.1. Sobre o discurso de Corredor Bioceânico.....	33

CAPÍTULO IV	37
TRATADOS DE LIVRE COMÉRCIO	37
4.0. A discursividade do Tratado Norte Americano de Livre Comércio (NAFTA)	37
4.1. Da origem e da posição-sujeito do NAFTA	38
4.2. Das Análises Discursivas do Tratado Norte Americano de Livre Comércio	38
4.2.1. Do discurso de objetivo.....	38
4.2.2. Do discurso de metas e prazos	39
4.2.3. Do discurso de mercado	39
4.2.4. Do discurso de legalidade	40
4.2.5. Do discurso de pertencimento	41
4.2.6. Do discurso de liberdade	42
4.2.7. Do discurso de limites	43
4.2.8. Do discurso de soberania.....	44
4.2.9. Do discurso de concorrência	44
4.2.10. Do discurso de diferença entre o NAFTA e a UE.....	45
4.3. A discursividade do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)	46
4.3.1. Da origem e da posição-sujeito do MERCOSUL	46
4.4. Das Análises Discursivas do Mercado Comum do Sul	47
4.4.1. Do discurso de união	47
4.4.2. Do discurso de metas.....	47
4.4.3. Do discurso de mercado	48
4.4.4. Do discurso de legalidade	48
4.4.5. Do discurso de ambientalismo	49
4.4.6. Do discurso de pertencimento	49
4.4.7. Do discurso de concorrência	50
4.4.8. Do discurso de liberdade	50
4.4.9. Do discurso de igualdade entre o MERCOSUL e a UE.....	51
4.5. EMPRESA BRASILEIRA DE PLANEJAMENTO DE TRANSPORTE (GEIPOT)	52
4.5.1. A discursividade da Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes	52
4.5.2. Da origem e da posição-sujeito da Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes.....	53
4.6. Das Análises Discursivas do <i>Estudo de Corredores Bioceânicos - 1996</i>: alguns discursos, possíveis sentidos e efeitos de sentido.	54

4.6.1.	Do discurso de setor de transporte	54
4.6.2.	Do discurso de surgir.....	55
4.6.3.	Do discurso de distâncias	55
4.6.4.	Do discurso de objetivo.....	56
4.6.5.	Do discurso de omissão.....	56
4.7. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM ALGUNS REPRESENTANTES DA POSIÇÃO-SUJEITO ESTADO BRASILEIRO		57
4.7.1.	Posição-sujeito entrevistado I.....	58
4.7.2.	Assujeitamento do entrevistado I.....	58
4.7.3.	Das Análises Discursivas do Sujeito Entrevistado I	58
4.7.3.1.	Do discurso de historicidade.....	59
4.7.3.2.	Do discurso de conflito	60
4.7.3.3.	Do discurso de diplomacia.....	60
4.7.3.4.	Do discurso de integração	61
4.7.3.5.	Do discurso de liderança.....	62
4.7.3.6.	Do discurso de bloco.....	63
4.7.3.7.	Do discurso de otimismo	64
4.7.3.8.	Do discurso de apogeu	66
4.7.4.	Posição-sujeito entrevistado II	67
4.7.5.	Assujeitamento do entrevistado II.....	67
4.7.6.	Das Análises Discursivas do Sujeito Entrevistado II	67
4.7.6.1.	Do discurso de historicidade.....	67
4.7.6.2.	Do discurso de obstáculo	69
4.7.6.3.	Do discurso de conflito	70
4.7.6.4.	Do discurso de diplomacia.....	71
4.7.6.5.	Do discurso de integração	72
4.7.6.6.	Do discurso de liderança.....	74
4.7.6.7.	Do discurso de bloco.....	76
4.7.6.8.	Do discurso de otimismo	78
4.7.6.9.	Do discurso de apogeu	81
4.7.6.10.	Do discurso de agronegócio.....	82
4.7.6.11.	Do discurso de isolamento.....	84

CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
Referências bibliográficas	89
ANEXO I – Recortes de enunciados	93
Recortes 1: Dos enunciados (discurso) do NAFTA:.....	93
Recortes 2: Dos enunciados (discurso) do MERCOSUL	94
Recortes 3: Dos enunciados (discurso) do GEIPOT	95
Recortes 4: Dos enunciados (discurso) geopolíticos do sujeito entrevistado I.....	96
Recortes 5: Dos enunciados (discurso) da posição-sujeito do sujeito entrevistado I.....	98
Recortes 6: Dos enunciados (discurso) da posição-sujeito do sujeito entrevistado II	100
ANEXO II – Questionário aplicado aos entrevistados	107
Questões	107
ANEXO III - Transcrição das entrevistas	109
Posição-sujeito entrevistado I	109
Posição-sujeito entrevistado II	120
ANEXO IV – Mapas Referenciais	131
ANEXO V – Mapas das propostas de Corredores Bioceânicos	138

Introdução

O objetivo desta pesquisa é analisar o “discurso” (ORLANDI, 2013) de alguns interlocutores da “posição-sujeito” (ORLANDI, 2013) Estado Brasileiro em defesa da integração dos países latino-americanos, no período de 1996 até 2006, vez que, há um vasto material discursivo disponível em circulação e repesados ao mesmo tempo, que pressupõe conflitos da ordem dos interesses políticos e comerciais. Nessas “condições de produção” (ORLANDI, 2013, p. 30-31), desde a década de 1990 é possível constatar uma efervescência dos efeitos da “discursividade” (ORLANDI). Nessa direção, não obstante, a seleção do *corpus* da presente pesquisa, que são as entrevistas com personalidades e autoridades governamentais enquanto posição sujeito, pode ser justificado se considerarmos que há discursos em defesa de interesses internos e externos à região da América Latina protagonizados por diferentes “posições sujeito” (ORLANDI), com um “sentido” (PECHEUX) na esfera geopolítica¹, no comércio internacional e nas soberanias das nações implicadas, enquanto prática discursiva.

Esses “sujeitos discursivos” (ORLANDI) tem operado intensamente nos “[...]diversos foros de discussão referentes a Mercosul e Cone Sul e comissões bilaterais, nas quais, além das negociações sobre integração [...], surgiram discursividades a respeito de corredores bioceânicos” (GEIPOT, 1996, p. 4). Nessa conjuntura, a então Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes (GEIPOT²), “desenvolveu estudos que tinham como objetivo as diversas possibilidades de ligações terrestres e fluviais entre o Brasil e a Bolívia, o Equador, o Chile e o Peru” (idem, *ibidem*). Paralelamente, circulam propostas estadunidenses para a formação de blocos econômicos³ com alguns países latino-americanos, supostamente, em oposição aos acordos regionais.

Em meio a esta suposta “queda de braços” (disputa pelos sentidos), significando em desfavor dos interesses de expansão industrial brasileiro, está o axioma da vocação do país

1 Na pesquisa geopolítica faz-se reflexões que visem a compreensão do fator geográfico presente na história dos povos e na política dos Estados. Disponível em <<http://www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-2.2.3/index.php/rg/index>>, acesso em 02/12/2014.

2 A Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes (GEIPOT), era vinculada ao Ministério dos Transportes e entrou em processo de liquidação pelo Decreto Nº 4.135, de 20 de fevereiro de 2002, sendo extinta pela Medida Provisória nº 427, de 9 de maio de 2008, convertida na Lei nº 11.772 de 2008.

3 Segundo Emersom Santiago, recebe o nome de bloco econômico a associação de países que estabelecem relações econômicas privilegiadas entre si e que concordam em abrir mão de parte da soberania nacional em proveito da associação. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/economia/blocos-economicos/>>, acesso em 26/11/2014.

para *celeiro do mundo*, historicamente presente em nossa “memória discursiva” (ORLANDI). Nele podemos encontrar sentidos de “silenciamentos” (ORLANDI, 2013) produzindo efeito de sentido pela estratégia do “subentendido” (ORLANDI, 2013), com isso, ao Brasil caberia a “posição-sujeito” (ORLANDI, 2013) de economia periférica, em que “o funcionamento normal das estruturas econômicas e sociais [...] gera resultados específicos e pré-determinados: heterogeneidade econômica, baixo dinamismo de progresso técnico e produtividade, desigualdade social, deterioração dos termos de troca” (COLISTETE, 2001)⁴. Com isso, de um lado, a missão de produzir *commodities*⁵ e matérias-primas diversas destinadas ao atendimento das demandas das nações industrializadas, de outro lado, atuar como mercado consumidor para produção daí derivada, características econômicas de região colonial, por consequência e efeito de sentido, exportadora de riquezas e submetida às misérias humanas, conjuntura análoga a de outras nações latino-americanas. Não obstante, essas ocorrências se dão em meio as “condições de produção” (ORLANDI, 2013, p. 30-31) do discurso da globalização, que atinge desde a “produção de mercadorias e serviços, aos mercados financeiros e à difusão de informações” (FERREIRA, 2001, p. 348), fatos que podem nos permitir, considerando a “ideologia” (ORLANDI), considerarmos a presença de “evidências” (ORLANDI) reclamando significados outros, da ordem do “não-dito” (ORLANDI).

Assim, cogitamos a hipótese de alguns dos nossos parceiros comerciais serem beneficiários dessa relação comercial desigual, com um sentido de rearranjo de estratégias neocolonialistas⁶, supostamente, motivadoras de tentativas de integração das economias da América Latina com países ricos.

⁴ Renato Perim Colistete O desenvolvimentismo cepalino: problemas teóricos e influências no Brasil. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000100004>>, acesso em 12/12/2014.

⁵ Em Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2001), vemos que *commodity* é um produto primário, especialmente um de grande participação no comércio internacional, como café, soja, minérios.

⁶ Antônio Houaiss (2009, CD-ROM), salienta que esse termo [neocolonialistas] trata do predomínio econômico, político e/ou cultural de um país desenvolvido sobre outro, menos desenvolvido [Termo adotado após a Segunda Guerra Mundial, ao intensificar-se o processo de descolonização da África, mas utilizado atualmente também para marcar a dependência econômica de países da Ásia e da América Latina em relação aos países ricos].

Objeto

O objeto é o discurso sobre os Corredores Bioceânicos de integração dos países da América Latina.

Objetivo geral

O objetivo geral é analisar o discurso da posição-sujeito dos entes federativos, sendo direto: como o sujeito Estado Brasileiro defende seus interesses nas propostas de Corredores Bioceânicos como fator de integração e soberania. Nessas “condições de produção” (ORLANDI, 2013, p. 30-31), como os discursos em circulação expõem os conflitos de interesses (econômicos; políticos; ideológicos), que podem ser percebidos no intradiscurso (formulação) e de forma bastante sutil nos silenciamentos (não-ditos).

Objetivos específicos

1. Analisar as posições sujeito que constituem os discursos sobre o Corredor Bioceânico.
2. Analisar o funcionamento das posições ideológicas que constituem as proposições a favor e contra.

Metodologia

A pesquisa tem base bibliográfica e envolveu entrevistas sobre as quais serão aplicados “determinados procedimentos metodológicos” (RODRIGUES, 2007, p. 21).

Embora tais procedimentos sejam “frutos” da Análise do Discurso, sua maturação apresenta particularidades genéricas derivadas de “metodologia”, “modelo” e “esquema” difusos. Assim, ao analista caberá a “construção de dispositivos de análise” (Idem, p. 21) para, com isso, dispor de ferramentas dotadas de especificidades e particularidades únicas, a fim de cindir o objeto de tal maneira que dele se possam observar os mais recônditos sentidos e, com isso, “trabalhar os dados que por fim se constituem em procedimentos metodológicos” (Idem, p. 24). Nesse contexto, primeiramente será realizado um levantamento de fontes como suporte para as análises que serão limitadas ao período de 1996 até 2006.

Paralelamente, a análise envolveu um estudo sobre os fundamentos referenciais para, posteriormente, acontecerem as entrevistas com os sujeitos envolvidos nas discussões sobre os temas, como: governantes; parlamentares; secretários de Estado. Neste sentido, delimitadas as “posições sujeito”, coube ao analista guiar-se por um sentido de “rosa dos ventos⁷” corporificada em objetivos específicos, de onde se podem proceder recortes para deles extrair o que é relevante, não significando, de forma alguma, que consideramos não importantes outros aspectos fora da abordagem, apenas se extrai deles “somente o que for significativo e relevante para as questões elaboradas” (Idem, p. 24). Assim, “são as perguntas, os objetivos, as hipóteses e o objeto do discurso que norteiam, em alguma instância, o recorte para análise”. (Idem, p. 24).

⁷ Um dos símbolos da navegação e representa o rumo certo, a decisão ponderada, a melhor escolha, simbolizando também a sorte e bons ventos. Disponível em <<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/rosa-ventos/>>, acesso em 27/03/2016.

Relatório de campo I

Sujeito entrevistado I: Heitor Miranda dos Santos

Relato descritivo da entrevista do sujeito entrevistado I

O entrevistado I, Heitor Miranda dos Santos, foi contatado através da página que mantém na rede social *Facebook*, por mensagem de texto enviada pelo aplicativo *Messenger*, por onde foi manifestado o interesse em entrevistá-lo sobre o tema Corredor Bioceânico, uma vez que, tínhamos conhecimento prévio de sua atuação junto ao Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, frente a Coordenadoria Geral de Ações Estratégicas e Assuntos Internacionais. Isso ocorreu no dia 14 de agosto de 2015 e, no mesmo dia, pelo mesmo canal de comunicação, sinalizou positivamente, a partir deste momento, os demais contatos foram feitos via telefone celular, ocasião em que foi acertado que a entrevista aconteceria nos estúdios da TVE – Televisão Educativa de MS, entidade com quem a UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul mantém convênios e parcerias.

Com isso, seria possível a utilização dos estúdios daquela emissora para o registro do seu depoimento, porém, devido a indisponibilidade de pessoal técnico para a operação dos equipamentos no dia e hora marcados, ou seja, 24 de agosto de 2015 as 14h00min, optamos pelo remanejamento do evento para as dependências da empresa Abreu Foto Vídeo Produções, localizada na rua 13 de junho, número 48, fundos, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Ato contínuo, o convidado foi entrevistado por mim. Foram utilizadas dezenove perguntas padrão relacionadas ao tema proposto, as quais foram prontamente respondidas em cerca de 60 minutos (das 14h20min até às 15h20min), incluindo as interrupções para ajustes nos equipamentos de áudio e vídeo, dentre outras. Tudo ocorreu sob a coordenação de uma equipe técnica composta por dois profissionais, além de contarmos com a presença do orientador do mestrado, Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.

Relatório de campo II

Sujeito entrevistado II: Zeca do PT (José Orcírio Miranda dos Santos)

Relato descritivo da entrevista do sujeito entrevistado II

O entrevistado II, Zeca do PT (José Orcírio Miranda dos Santos), foi contatado inicialmente no dia 14 de agosto de 2015, através de telefone celular de sua assessoria (Sra. Graciela), assim, manifestamos o interesse em entrevistá-lo sobre o tema Corredor Bioceânico, uma vez que, foi Governador do Estado de Mato Grosso do Sul no período de interesse, supostamente, o primeiro a pensar (articular) um sentido de desenvolvimento econômico do Estado na perspectiva da integração bioceânica.

Contudo, falta de condições técnicas, naquela data, tornaram inviável o deslocamento dos equipamentos de áudio e vídeo, bem como de equipe técnica ao escritório político do entrevistado II, nesse contexto, após diversas outras tentativas infrutíferas de agendamento, quer seja pela indisponibilidade do entrevistado, quer seja pela falta de condições técnicas (equipamento e equipe) para registro, tanto por empresa privada, quanto pela UEMS (comunicação), assim, foi através de Dona Gilda Maria Gomes dos Santos, esposa do entrevistado, cujo empenho criou as condições para que a entrevista fosse realizada.

Isso se deu no dia 20 de janeiro de 2016, em endereço localizado na rua Padre João Crippa, 1065, sala 301, Galeria Rio Negro, centro, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, pela empresa Abreu Foto Vídeo Produções, às 14h 30min, com duração efetiva de 60 minutos (das 14h 55min às 15h 55min), incluindo ajustes nos equipamentos de áudio e vídeo, dentre outros. Foram utilizadas dezenove perguntas padrão relacionadas ao tema proposto, as quais foram prontamente respondidas e, assim, se deu a entrevista com o entrevistado II, que contou com a presença de um técnico (câmera) e do entrevistador.

Corpus

O *corpus* se constitui de discursos sobre o “tema” (RODRIGUES) proferidos pelo Ministério dos Transportes através da extinta Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes (GEIPOT) e, para além dos discursos, também é objeto de discussões entre governantes do MERCOSUL, comissões bilaterais, trilaterais e de empresas ligadas à área de produção, exportação, logística⁸ e transportes. Não obstante, a esse respeito existe um estudo inédito datado do ano de 1996, que serviu como fundamento para a determinação do *corpus* aqui analisado.

⁸ Ronald H. Ballou (2009, p. 17), afirma que cabe a logística “diminuir o hiato entre a produção e a demanda, de modo que os consumidores tenham bens e serviços quando e onde quiserem, e na condição física que desejarem”.

CAPÍTULO I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.0. Sobre a análise do discurso

No Brasil, a Análise do Discurso irrompe na década de 1980, aqui chega pelas mãos de Eni Puccinelli Orlandi. Com a AD tornou-se possível entrever margens de constituições outras, formulações de novos sentidos, evidentes, em alguma medida, nos enunciados em circulação, assim, ela nos aponta novas perspectivas frente aos sentidos do mundo ora constituídos pela língua. Dessa forma, a AD marca sua área de atuação como a ciência que se constituiu, na perspectiva de Orlandi, da busca de sentidos pelas inquietudes derivadas num vácuo (entremeio), adjunto à três domínios disciplinares: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Nesse sentido, a pesquisadora nos assevera que:

Os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes: (1). Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo; (2). Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e, (3). Sua circulação, que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (ORLANDI, 2012, p. 9).

Com isso, ao “vislumbrar” uma área de atuação em alguma medida negligenciada pelas “ciências da língua”⁹, materializada em causa e efeito de suas inquietudes, a AD estabelece o *Discurso* como seu objeto e segue significando e re-significando sentidos outros, silenciados até então, com isso, insurgem em suas análises outras noções relativas a constituição, formulação e circulação de sentidos.

1.1. Ideologia, sentido e sujeito

A *noção de ideologia*, agora re-significada a “partir da consideração da linguagem” (ORLANDI, 2013, p. 45), assim, “diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar [...]. O que isso quer dizer ?” (idem, ibidem).

Nesse contexto, tornar-se-á possível examinar um sentido quanto aos seus possíveis (e diversos) significados, com isso, no trabalho da ideologia, ou seja, na relação sujeito *versus*

⁹ O termo “ciências da língua” foi usado como referência a Linguística e a outras ciências que tem a linguagem como objeto de estudos ou suporte teórico, por exemplo: o Marxismo e a Psicanálise.

existência, materializam-se novos sentidos. O *sentido*, que pode ser um ou outro, dar-se-á a partir do homem *versus* objeto simbólico, “nesse movimento de interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá”. (ORLANDI, 2013, p. 45), desse modo, constituem-se sentidos e sujeitos. O *sujeito*, como produto da relação do homem enquanto ser “simbólico” (ORLANDI) *versus* linguagem, constituído por ela e produtor de formulações, “se mostra (e se esconde) [...] na “formulação de discursos” (idem, 2012, p. 9).

1.2. Assujeitamento, formação discursiva e interdiscurso (já dito)

O *assujeitamento*, condição (in) consciente da relação do sujeito *versus* língua, que o posiciona diante de uma sua realidade, ideologicamente marcada. Quanto a *formação discursiva*, essa acontece pela língua através do sujeito e é fruto de sua relação com um universo particular e é sempre permeada pelo já dito ou interdiscurso (ORLANDI, 2013).

O *interdiscurso (já dito)*, materializa-se na memória “quando pensada em relação ao discurso” (idem, 2013, p. 31), desse modo, “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (idem, *ibidem*), de forma inconsciente.

1.3. Intradiscurso (dito), posição-sujeito e paráfrase

O *intradiscurso (dito)*, inscrito na atualidade e representado pela formulação, desse modo, “formular é dar corpo aos sentidos” (idem, 2012, p. 9), é o sujeito circulando sentidos, nesse contexto, a *posição-sujeito*, que é o produto da interação sujeito *versus* meio configura-se a partir de onde acontece a formulação, dessa forma, um mesmo sujeito pode assumir múltiplas posições: ora como filho; ora como pai; ora como profissional; ora como mandatário de cargo eletivo, etc., desse modo, o lugar de onde ele (sujeito) fala, determinará o alcance do efeito de sentido provocado por seu discurso.

A *paráfrase*, é representada pelo mesmo, o já dito ou o dito de outra forma, se faz assim em apresentação do mesmo com nova roupagem ou nova embalagem, sem alterações de conteúdo, nesse sentido, “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer” (idem, 2013, p. 36).

1.4. Condições de produção, polissemia, efeito de sentido

As *condições de produção*, estas se dão no confronto do sujeito *versus* situação, considerada, assim, “em sentido estrito, circunstâncias da enunciação [e] em sentido amplo, [...] contexto” (idem, 2013, p. 30). Com isso, dar-se-á uma situação em que, atravessado pelo interdiscurso (já dito), acontece a formulação (intradiscurso), configurando-se neste instante a relação mais primitiva do sujeito com a língua, interpretando o mundo a sua volta, nessa ordem, a *polissemia* se revela representada pelo novo, pelo diferente, pelo a se dizer, por isso, derivada do “deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco” (Idem, *ibidem*). É a arena do analista!

O *efeito de sentido* ou produto da relação do sujeito *versus* mundo, é a consequência da “circulação de sentidos” (ORLANDI, 2013), do impacto dos enunciados, do *feedback* ou ainda da ação e da reação como em um jogo de “pingue-pongue”. Assim, é o momento em que uma “posição-sujeito” (ORLANDI, 2013), no ato de uma formulação, pretende um sentido seu (singular) ao significar e re-significar o simbólico, no entanto, sem controle sobre sua reverberação.

1.5. Considerações sobre o discurso

Os anteriormente elencados, produtos parafrásticos de convenções Orlandianas inscritas na AD, são elementos constitutivos da ordem do *Discurso* e, nesse contexto, definido como “o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/ para os sujeitos”. (ORLANDI, 2013, p. 17), nesses termos, em meio a “palavra em movimento” (ORLANDI, 2013, p. 15), o “jogo entre paráfrase e polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos” (idem, 2013, p. 38), daí podem surgir alguns subprodutos seus derivados, sob algumas formas bem específicas, uma vez que, “todo texto é heterogêneo: quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos” (ORLANDI, 2013, p. 70), quais sejam: elementos do silêncio; palavras informes; gestos (linguagem corporal); desenhos; mapas; ações diplomáticas entremeadas em reticências, que, em alguma medida, podem ser vistas como não-palavras em movimento, materializáveis, talvez, em alguma ordem de silenciamentos, não obstante, pela “prática de

linguagem: com o estudo do discurso observa-se” (idem, 2013, p.15), também, o homem (consciente de seu papel) silenciando.

Nesse sentido, pela perspectiva da AD tornou-se possível divisar que “é na formulação que a língua ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem” (idem, 2012, p. 9), com isso, abriu-se através AD um leque de possibilidades para a criação de escutas (de observatórios) de sentidos intangíveis e, conseqüentemente, “ acaba também por demonstrar o quanto a linguagem, os sujeitos, os discursos e a realidade não são evidentes em si, não se apresentam, precisam ser interpretados” (RODRIGUES, 2011, p. 8). Para isso, exercícios de análise aplicados sobre “esse jogo sinuoso de formações, de versões, de formulações” (ORLANDI, 2012, p. 213), que não raramente de-significam, podem fazer emergir do silêncio sentidos outros, numa re-significação necessária, uma vez que, pondera Orlandi (2010, p. 34), “só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, pois, mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras”.

CAPÍTULO II CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.0. Breve história dos alicerces dos blocos econômicos

Os blocos são atores importantes no contexto internacional, algo que a tendência à globalização não solapou, mesmo que tenhamos observado mudanças significativas nas estratégias de inserção internacional dos diferentes países, o Brasil compreendido. (SIQUEIRA, 2009, p. 166).

A segunda metade da década de 1940 inaugura um sentido de nova estrutura geopolítica mundial, erigida no período pós-guerra, com o nascimento de novas potências industriais e militares, notadamente os Estados Unidos da América e a Rússia, como consequência e efeito de sentido, dois blocos econômicos começam a se formar, polarizando as relações político-econômicas mundiais em capitalistas ou comunistas.

Nesse contexto, os eventos de detonação, em agosto de 1945, de bombas atômicas pelos norte-americanos, uma na cidade de Hiroshima e outra na cidade de Nagasaki, colocam o Japão diante da possibilidade do aniquilamento total do país, ocasionando a sua rendição. Com isso, os estadunidenses demonstram ao mundo um poder de destruição sem precedentes na história, emergindo do conflito como a primeira potência nuclear mundial, supostamente, responsável por plantar um sentido de terror no coração da humanidade, promovendo um efeito de sentido de maior corrida armamentista de todos os tempos, fenômeno que tem o seu arrefecimento assinalado décadas depois com a queda do muro de Berlim, no ano de 1989, que cindiu a Alemanha em duas (ocidental, capitalista; oriental, comunista), fato que figura na história dos conflitos modernos como um símbolo da divisão da humanidade por ideologias políticas diversas.

Essa nova conjuntura das relações internacionais interrompe um longo ciclo “dos modos de formulações (ORLANDI, 2012, p. 213), ligados aos confrontos abertos, como os da segunda guerra mundial, dando lugar à nova modalidade de circulação, indireta (subentendida), uma vez que, esse “efeito” (ORLANDI, 2012) intensifica as “condições de produção” (ORLANDI, 2013, p. 30-31), do discurso da Guerra Fria¹⁰. Com isso, insurge um sentido de ameaças mútuas de uso de armamentos nucleares; de instalações de bases militares

¹⁰ Para Antonio Gasparetto Júnior, Guerra Fria foi um confronto ideológico que colocou em choque as ideologias capitalistas e comunistas no mundo. Os líderes do capitalismo eram os Estados Unidos e do comunismo era a União Soviética. Como ambos eram países, vencedores da Segunda Guerra Mundial, desfrutavam de armamento capaz de realizar uma mútua destruição, o confronto direto entre eles não ocorreu. Disponível em <<http://www.infoescola.com/historia/uniao-sovietica/>>, acesso em 04/05/2015.

(norte-americanas e russas) em áreas estratégicas por todo o mundo; de embates através de interferências em confrontos entre nações de economias menores¹¹, com cada potência apoiando um dos lados. Enfim, o sentido de soluções bélicas se ajusta às novas inclinações mundiais de enfrentamento.

Assim, ao longo dos anos de 1950 até a aurora dos anos de 1990, as ocorrências de disputas (não menos brutais nem tampouco pacíficas) deslocam-se para uma nova arena de sentidos, fenômeno que para Simonsen (1992, p. 3-4), “inicia-se com uma clara tendência a segmentação da economia mundial em blocos regionais, em substituição às tradicionais negociações multilaterais entre países”. A partir de então, todos os conflitos se re-significam em blocos que “caracterizam-se pelo agrupamento de países menos industrializados em torno de um ou mais países ‘centrais’: Comunidade Econômica Europeia [Alemanha, França e Reino Unido]; América do Norte [Estados Unidos]; Extremo Oriente [Japão]” (idem, *ibidem*), protagonistas de um novo processo de disputas pelo controle de áreas geográficas de influências, de fontes de matérias-primas e de mercados consumidores, com um sentido em que o Brasil surge como figura central e pivô de disputas, por tratar-se da maior economia da América Latina, tais acontecimentos, supostamente, são acessórios às estratégias de globalização da política e das economias mundiais.

2.1. Sobre o processo de globalização das economias e da política mundiais

A intensificação do fenômeno da globalização e a difusão dos fluxos financeiros são uma marca fundamental que passa a se desenhar no curso do ciclo hegemônico norte-americano. (LOBATO; AMIN, 2015, p. 188).

Em Ferreira (2001, p. 348), vemos que globalização é o “processo de integração entre as economias e sociedades dos vários países, especialmente no que se refere à produção de mercadorias e serviços, aos mercados financeiros, e à difusão de informações”, porém, em “paráfrase” (ORLANDI, 2013) no discurso das ciências econômicas de Bonfim (1997, p. 38), tal processo “só seria admissível se todos os países tivessem um nível econômico, social e cultural equivalentes”, por conta disso, ele pondera que “é fácil imaginar os efeitos de uma política de total abertura econômica entre países industrializados e países subdesenvolvidos”, nesse sentido, para clarear o entendimento de seus efeitos em nações com economias

¹¹ A expressão “nações com economias menores” foi utilizada como referência aos países latino americanos em comparação aos países industrializados, também chamados de países ricos.

menores, Bonfim propõe uma metáfora de competição, tendo de um lado um pote de ferro e de outro lado um pote de barro, fazendo evidentes suas conclusões.

Nesse contexto, na análise geopolítica de Costa (2015, p. 69), temos um sentido em que a “globalização então seria uma espécie de coveiro da soberania dos Estados-nacionais, jogando cada vez mais terra sobre sua tumba”. Com isso, entendemos ser possível inferir que na palavra globalizar há um sentido antagônico ao da palavra equivaler, que para Ferreira (2001, p. 277), é “ser igual no valor, no peso ou na força”.

Portanto, um país industrializado pode ter uma relação de superioridade sobre um país não industrializado, por conta de um tratado de livre comércio, “daí a conhecida advertência do abade Lacordaire, de que, entre o fraco e o forte, a liberdade escraviza e a lei liberta” (*Apud BONFIM, 1997, p. 38*). Isso pressupõe para um deles desvantagens comerciais, condições que no julgamento de Furtado (1998, p. 74), “não decorrem só de fatores econômicos, mas também de diversidades nas matrizes culturais e das particularidades históricas”. Ele assevera ainda que “a ideia de que o mundo tende a se homogeneizar decorre da aceitação acrítica de teses econômicas” e, ainda, pelo viés das ciências econômicas, Mattoso (1998, p. 39), pondera que:

as economias nacionais decompor-se-iam e depois rearticular-se-iam em um novo sistema internacional em que os estados-nacionais perderiam significado, governos perderiam capacidade de influenciar a evolução econômica nacional e estaríamos em vias de um extraordinário processo de sincronização e de homogeneização: adeus, portanto, aos compromissos políticos nacionais, aos projetos nacionais, às especificidades nacionais.

Esse pesquisador é bastante enfático quanto as consequências e efeitos de sentido devastadores da globalização sobre as soberanias das nações com economias menores, para ele o “adeus” tem um sentido-perdedor. Com isso, traz consigo, “pressuposto” (ORLANDI, 2013), um sentido-ganhador, assim como a vitória pode ser entendida como herdeira da disputa, contexto evidente nas referências anteriores e que abrem as portas para inferirmos haverem “espaços de interpretação” (ORLANDI, 2013, p. 85) onde “conceitos discursivos” (Idem, *ibidem*) podem, pela percepção dos “silenciamentos” (ORLANDI, 2013), nos revelar significados outros. Além disso, também é possível encontrarmos aberturas semelhantes em citações da ciência geopolítica, como segue:

[...]sociedades complexas, condicionadas pela economia de mercado interligando os diferentes Estados. O domínio tecnológico e dos meios de

comunicação pelas multinacionais caracteriza a intervenção da nova fase do capitalismo, engendrando a denominada globalização política e econômica, modificando gradativamente o conceito clássico de soberania [...]. (SOARES, 1999, p. 19-20).

A esse respeito, encontramos “paráfrase” (ORLANDI, 2013) com um sentido em que a “ideologia da globalização, [...]é também uma estratégia de concretizar o ideal burguês da ‘universalidade’ através de posições de poder estabelecidas [e estabilizadoras]” (ORLANDI, 2012, p. 163). Nesse sentido, Orlandi analisa ainda a questão das soberanias nacionais como alvo dessa estratégia. Em suas palavras: “a própria noção de território se desloca, transcendendo os limites das celebradas noções de Estado e Nação” (idem). Ante o exposto, elucubramos haverem silenciamentos-não-inconscientes nos discursos dos arautos da globalização, ausentes-presentes, com um sentido de interesses econômicos e políticos, com origem na proclamada “tendência crescente e irreversível de transnacionalização do sistema econômico mundial”. Nesse contexto, [...]o processo de globalização define a relação entre soberania econômica e soberania política dentro dos espaços nacionais” (AYERBE, 1998, p. 17) e não mais a ingerência militar direta, deixando evidências de um efeito de sentido de braço forte de nações industrializadas.

Em suma, ao aceitarmos a hipótese de que “o subentendido depende do contexto” (ORLANDI, 2013, p. 82), tornar-se-á possível entrever em alguns discursos de negociações internacionais um sentido tendencioso em buscar fazer equivalentes economias assimétricas, deslocando-as a um mesmo patamar. Dessa forma, é possível percebermos heterogeneidades nos significados históricos do processo de globalização, tendo, de um lado, nações industrializadas e suas economias maiores, detentoras de armamentos nucleares e ferozes defensoras de seus interesses multinacionais, de outro lado, nações subdesenvolvidas e suas economias menores, detentoras de armamentos convencionais e defensoras de seus interesses e soberanias nacionais.

Nesses termos, se entendermos tal qual Orlandi (idem), que “as novas maneiras de ler, inauguradas pelo dispositivo teórico da análise do discurso, nos indicam que o dizer tem relação com o não dizer”, podemos nos deparar com um sentido de coexistência entre silenciamentos calculados e enunciados conscientes, pairando sobre discursos globalizantes. Esse foco pode abrir as portas a “toda uma margem de não-ditos que também significam” (idem, ibidem), nos enunciados em circulação.

2.2. Sobre a constituição de tratados internacionais

Um tratado se constitui em “uma convenção entre dois ou mais países referentes a comércio, paz etc.” (HOUAISS, 2009, CD-ROM)¹², assim, no âmbito do comércio e/ ou livre comércio de bens e serviços entre nações soberanas, é possível percebermos um sentido de restrição a uma determinada região. Como exemplos podemos citar: Mercado Comum do Sul (Mercosul); União Europeia (UE); Tratado Norte Americano de Livre Comércio ou *North American Free Trade* (Nafta); Área de Livre Comércio das Américas (Alca); Aliança Bolivariana para as Américas ou *Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América* (Alba); Associação de Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico ou *Asia-Pacific Economic Cooperation* (APEC); Associação Latino-Americana de Integração (Aladi); Associação Latino-Americana de Livre Comércio (Alalc).

As “posições sujeito” do NAFTA e do MERCOSUL, supomos, serem as mais representativas das tensões entre América Latina *versus* América Anglo-Saxônica, não obstante, os discursos de Tratados de Livre Comércio trazem consigo significados aparentemente plausíveis para as suas criações. No entanto, a quantidade de nações proponentes e a variedade de propostas colocadas, tanto as internas, quanto as externas a América Latina¹³, oriundas do norte do Continente, trazem à tona um sentido de disputas por protagonismos e lideranças.

Tal sentido “se dá em contexto [subentendido]” (ORLANDI, 2013, p. 82). Sendo assim, entendemos necessário uma breve descrição das “posições sujeito” de alguns tratados não dissecados nesta pesquisa, para que possamos contextualizar minimamente seus limites e significados, buscando, para além das superfícies dos enunciados, “a relação do dizer com o não dizer” (idem, *ibidem*) e, com isso, de maneira suficientemente clara e bem definida, poder perceber e entender algumas correlações, possivelmente, reveladoras de sentidos e efeitos de sentidos outros.

12 A opção pelo uso de alguns dicionários além do Houaiss (2009, CD-ROM), se justifica pela constatação de que parte dos significados buscados nele não consideravam alguns aspectos dos discursos analisados, notadamente aqueles das esferas políticas e econômicas.

13 Eduardo de Freitas esclarece que, a expressão [América Latina] é proveniente da língua falada nos países do continente. Desse modo, são considerados países latinos todos aqueles que possuem línguas derivadas do latim, como por exemplo, espanhol, francês e português. Já as nações que falam língua de origem anglo-saxônica, como o inglês, formam a América Anglo-saxônica. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/geografia/as-diferencas-entre-america-latina-anglosaxonica.htm>>, acesso em 05/05/2015.

A Área de Livre Comércio das Américas [Alca] tem um sentido que “consiste, em grande medida, de uma tentativa americana¹⁴ de criar um espaço econômico comum ao continente” (SIQUEIRA, 2009, p.171). Nesse sentido, Siqueira (idem) esclarece ainda que “o marco a partir do qual se intenta estabelecer o bloco, pode ser encontrado na Cúpula das Américas, ocorrida em Miami no ano de 1994”. Assim, conclui o estudioso de política externa que, “evidentemente coloca-se, desde a primeira hora, a questão do domínio hegemônico exercido pelos Estados Unidos e sua ampliação, em um contexto de potencial união aduaneira” (idem). Nesse sentido, a proposição de iniciativa norte-americana tem um efeito de sentido (que esse tratado pretendeu desde sempre) de envolvimento de todas as nações do continente (exceto Cuba) sob sua liderança.

A Aliança Bolivariana para as Américas ou *Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América* (Alba), “teve início em Havana, em 14 de dezembro de 2004, reunindo inicialmente Venezuela e Cuba. Em 29 de abril de 2009, a Bolívia, presidida por Evo Morales, integrou-se ao grupo [...], originando a Alba-TCP¹⁵” (SIQUEIRA, 2009, p. 172), com isso, “corresponde, em grande medida, a uma reação contra-hegemônica à Alca, [nesse contexto], busca oferecer uma alternativa de integração social e econômica, que não passe pelo controle americano do continente” (idem, ibidem).

As ponderações seguintes de Siqueira, dão conta de um sentido de projeto diferenciado com vistas ao desenvolvimento regional com características e preocupações sociais ligadas a distribuição de renda e a solução de desigualdades históricas, não obstante, o tratado em evidência atualmente é composto pelas seguintes nações: Venezuela, Cuba, Bolívia, Nicarágua, Dominica, Honduras, Equador, Antígua e Barbuda. Assim, o “não dito presente” (esse tratado foi inicialmente articulado por Cuba, nação a décadas sob um bloqueio comercial norte-americano, motivado por questões de cunho “ideológico” e remanescentes da Guerra Fria), coloca a presença (domínio) estadunidense lado a lado com um efeito de sentido de exploração e desigualdades sociais do/no continente.

A Asia –Pacific Economic Cooperation (Apec), “é um bloco fundado em 1994, na Conferência de Seattle, ainda que houvesse discussões e debates anteriores sobre os interesses regionais, no âmbito da *Association of the SouthEast Asian Nations*¹⁶” (SIQUEIRA, 2009, p.

14 Trata-se de tentativa Norte-Americana e/ ou dos Estados Unidos da América.

15 Tratado de Comércio dos Povos-TCP.

16 Criada em 8 de agosto de 1967, a ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático) surgiu de um acordo entre Cingapura, Indonésia, Filipinas, Malásia e Tailândia, para assegurar o desenvolvimento econômico e a estabilidade política da região. Atualmente, os países integrantes da ASEAN são: Brunei Darussalam, Camboja,

173). Esse tratado pretende uma zona de livre comércio com um sentido de maior abrangência já proposto por uma nação. Nesse contexto, os Estados Unidos da América, supostamente, pretendem um efeito de sentido de controle de todas as rotas comerciais via Oceano Pacífico.

Assim, o “não dito presente” (ORLANDI) nesse tratado pode ser vislumbrado ao observá-lo em um mapa e, em se tratando de América Latina, inclui em suas fileiras somente Chile e Peru, ambos cobrindo cerca de 9.915 km de extensão litorânea. Por consequência e efeito de sentido, almejando a formação de uma barreira ambicionando o isolamento das rotas pacíficas à todas as outras nações latino-americanas.

A Associação Latino-Americana de Integração [Aladi], “surgiu em 1980, com base no Tratado de Montevideo, dando continuidade ao processo inaugurado com a Associação Latino-Americana de Livre Comércio [Alalc]” (SIQUEIRA, 2009 p. 175). Seus estados membro são: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela e Cuba que, somente a partir do dia 6 de dezembro de 1988, passou a figurar como sua integrante. Nesse contexto, um sentido latino presente na nomeação do tratado em epígrafe, “pressupõe” (ORLANDI) um efeito de sentido de impedimento à participação de nações anglo-saxônicas.

Em suma, instituíram-se todos, sem exceções, por acordos internacionais cujos objetivos apresentam algumas variações, porém, com um sentido comum de integração comercial. Nesse contexto, o que configura um sentido de diferença entre Bloco Econômico e Tratado de Livre Comércio é o efeito de sentido que, para um, é de associação (confraria) e que, para outro, é de entremeio (abrangência). Assim, bloco pode ser entendido como um conglomerado de nações imbuídas dos mesmos objetivos e tratado, o instrumento de formalização jurídica que estabelece seus limites legais e delimita a região onde circularão os produtos e serviços, livremente, entre seus componentes.

CAPÍTULO III CORREDOR BIOCEÂNICO

3.0. Da origem e da posição-sujeito do Corredor Bioceânico

Encontramos um documento com informações inéditas denominado *Estudo de Corredores Bioceânicos – 1996*, elaborado pela então Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes (GEIPOT) - órgão que era ligado ao Ministério dos Transportes do Brasil -, trata-se de manifestações discursivas do Estado Brasileiro sobre rotas comerciais alternativas de acesso entre portos dos oceanos Pacífico e Atlântico, denominadas Corredores Bioceânicos.

Consta nesse documento que tal ideia “surgiu e propagou-se da necessidade de se buscar novas formas e meios que permitissem uma diminuição dos custos finais dos produtos brasileiros nos mercados do Extremo Oriente, com a utilização de portos do Chile e do Peru, situados na costa do Pacífico” (GEIPOT, 1996, p. 8).

3.1. Sobre o discurso de Corredor Bioceânico

As “circulações de sentidos” (ORLANDI, 2012) sobre os Corredores Bioceânicos acontecem em fóruns político-comerciais, desde a década de 1990, também por meio de alguns “sujeitos discursivos” (ORLANDI, 2012) Estados-nacionais latino-americanos, que se reúnem desde então em rodadas de negociações promovidas nos âmbitos do “Mercosul, Cone Sul e comissões bilaterais e trilaterais” (GEIPOT, 1996, p. 8).

Nesse contexto, por conta das dimensões continentais do Brasil, natureza geográfica que pode acarretar grandes dificuldades pelo sentido de logística e transporte de cargas, cogitamos que as soluções estratégicas têm um sentido que passa pela redefinição das prioridades que norteiam o planejamento de transportes brasileiros, com um efeito de sentido na eventual dilatação do volume de investimentos que se fazem necessários à sua adequação aos padrões internacionais de eficiência.

Com isso, é possível percebermos em algumas considerações no documento em epígrafe, inquietações relativas às distâncias e aos custos das rotas marítimas ora praticadas, bem como, avaliações de outras alternativas, como segue:

As rotas hoje operadas realizam-se via Cabo Horn, no extremo sul do continente sul americano, via Canal do Panamá, ou via Cabo da Boa Esperança, na África do Sul. As rotas alternativas seguem dos portos

peruanos e chilenos até Yokoama, diretamente pelo oceano Pacífico. (GEIPOT, 1996, p. 41).

Em suma, baseando-se nas configurações de rota via Oceano Atlântico, através de portos brasileiros como Santos, Paranaguá e Rio Grande, enfrentar-se-iam distâncias da ordem de 11.500 a 13.000 milhas marítimas, assumindo-se como destino final o porto japonês de Yokoama (GEIPOT, 1996). Isso, somados aos custos com fretes, parte substancial no preço final das exportações, produz impactos negativos na competitividade de produtos no mercado internacional, além de desestimularem setores internos de abastecimento, uma vez que, os importados, fruto de operações de logística e transporte mais eficientes, desembarcam em portos brasileiros a preços mais atrativos, supostamente, formando um círculo vicioso que, por consequência e efeito de sentido, exporta empregos, renda, arrecadação de impostos, além de desestimularem investimentos nos setores industriais do país.

Por conta disso, as alternativas de Corredores Bioceânicos seriam extremamente vantajosas, pois, poderiam levar:

A diminuição de cerca de 4.000 milhas marítimas no trajeto Brasil – Extremo Oriente. Afirma-se que, com isso, haveria condições de se colocar os produtos brasileiros nos países importadores daquela região a preços bem inferiores aos atuais, gerando um grande ganho econômico para o Brasil. (GEIPOT, 1996, p. 41).

Então, ponderando-se as informações disponíveis, torna-se plausível aceitarmos que a então inexistência, tanto de um planejamento estratégico plausível, quanto de uma previsão de investimentos substanciais no setor, tem um sentido na afirmação do GEIPOT (1996, p. 41), de que “apesar destas alternativas, não havia nenhuma análise, com cálculos efetivos de custos, que demonstrasse esta redução de preços e seus ganhos econômicos”. Diante disso, elucubramos um “subentendido” (ORLANDI, 2013) de ingerências de interesses comerciais internacionais, supostamente, amparados por nações industrializadas.

Não obstante, é possível encontrarmos discursos que contemplam enunciados nas mais variadas direções e perspectivas, além daqueles focados em relações econômico-financeiras (GEIPOT, 1996; ABRAHÃO, ABRAHÃO e CANEPARO, 2012; FERNANDES, 2012). Nessa linha, paralelamente, podemos ter aqueles focados em outras questões, como as socioambientais (PAIM, 2003; VIEIRA FILHO, 2005).

Isso posto, pelas análises dos “ditos e não-ditos” (ORLANDI, 2013) em circulação, podemos tomar como hipótese os interesses comerciais conflitantes, representados, de um

lado, pelas multinacionais do petróleo e por interesses da concorrência internacional, notadamente a norte-americana, que tendem a privilegiar as rotas atlânticas, de outro lado, os interesses das nações latino-americanas. Nesse sentido, uma reconfiguração das atuais rotas comerciais poderia abrir novas frentes de exportações para o Extremo Oriente, por consequência e efeito de sentido, tornar-se-iam as relações comerciais com aquelas nações bem mais vantajosas.

Com isso, as propostas de corredores, segundo o entendimento do GEIPOT (1996, p. 11), poderiam ainda contemplar um outro sentido, uma vez que:

[...] esses corredores deveriam ser tratados não como corredores bioceânicos voltados, inicialmente, à utilização de portos peruanos e chilenos pelo Brasil, mas como “corredores de integração e desenvolvimento”, proporcionando a integração dos países, o desenvolvimento das regiões por eles atravessadas, assim como, e principalmente, a incorporação de mercados historicamente separados.

A citação em destaque encerra um dos sentidos de “União”. Desta forma, pode preannunciar o incremento da integração e desenvolvimento regional, o que traz à luz das análises um “pressuposto” (ORLANDI, 2013) de uma logística e transporte mais eficientes, com um sentido derivado de uma malha viária (rodoviária; ferroviária; hidroviária), cuja agilidade, qualidade e capilaridade pudesse atender, adequadamente, ao transporte de pessoas e de cargas entre os países da América Latina, para isso:

[...] investimentos em infraestrutura de transporte feitos isoladamente não trarão os benefícios esperados para vários desses corredores, sendo necessários, para certas regiões atravessadas por eles, programas de desenvolvimento integrado, considerando-se os setores de energia, saúde, comunicação e educação, dentre outros, onde se inclua a infraestrutura de transporte e se observem aspectos relacionados à ecologia e a preservação do meio ambiente. (GEIPOT, 1996, p. 11).

Assim, diante desse diagnóstico (advertência), é possível percebermos um sentido de possibilidade de desfavores decorrentes de um negligenciamento com os “setores de energia, saúde, comunicação, dentre outros” (idem, ibidem), como consequência e efeito de sentido, as nações implicadas precisariam considerar investimentos mais abrangentes, para além da perspectiva comercial.

Nesses pontos, sobretudo, entendemos residir um sentido de igualdade com a União Europeia, bem como, as assimetrias entre União *versus* Bloco, que são fatores da ordem do relacionamento entre os “Estados-nação” (LOBATO; AMIN, 2015) e, com essa abordagem,

divisar, de um lado, a possibilidade de integração total em uma união latino-americana de nações (Sul-Centro), voltada aos interesses coletivos da região, de outro lado, a possibilidade de integração meramente comercial em uma área de livre comércio das Américas (Norte-Centro-Sul), atendendo aos interesses da iniciativa privada e da Nação Potência. Desse modo, é razoável o “subentendido” (ORLANDI, 2013) de que uma categoria organizacional favorável aos interesses da coletividade regional, teria um sentido atrelado ao êxito das negociações dos ditos corredores.

CAPÍTULO IV TRATADOS DE LIVRE COMÉRCIO

4.0. A discursividade do Tratado Norte Americano de Livre Comércio (NAFTA)

Um dos sentidos de o território chileno ser assediado pelo NAFTA pode ser percebido em sua posição geográfica singular (estratégica), com milhares de quilômetros de faixa litorânea. Com isso, por força de um almejado acordo de livre comércio e suas isenções de taxas alfandegárias com eliminações de barreiras aduaneiras (tarifárias e não-tarifárias), exclusivas aos seus membros, uma das consequências e efeitos de sentidos funcionariam como bloqueio do acesso ao Oceano Pacífico para nações como a Argentina e o Brasil, fazendo financeiramente inviáveis as rotas comerciais via Corredores Bioceânicos.

Nesse contexto, ao “re-significar a noção de ideologia” (ORLANDI, 2013, p. 45), diante do “objeto simbólico” (Idem, ibidem) *integração e livre comércio*, torna-se possível percebermos não-ditos em alguns discursos de blocos econômicos distintos (NAFTA; Alca), evidenciando-se um sentido de disputas entre o Brasil e os Estados Unidos da América, pela hegemonia política e comercial, que se torna mais evidente no enunciado a seguir:

É importante destacar a oposição brasileira à Alca desde a eleição do presidente Lula. Houve uma inflexão da política externa para o Cone Sul, com o fortalecimento das relações com países do Mercosul, da África e, principalmente, com os Brics (Brasil, Rússia, Índia e China). Essa mudança fez com que o planejamento dos Estados Unidos de integração e livre comércio com países das Américas não avançasse. Como estratégia, os Estados Unidos passaram a fechar acordos de livre comércio com determinados países, como é o caso do Chile. (SIQUEIRA, 2009, p. 171-172).

Com isso, supostamente, teremos um sentido de tentativas de isolamento de algumas nações dos acordos comerciais regionais, situação que se assemelha ao ocorrido no Caribe, com Porto Rico e na América Central, com o Panamá, países a décadas submetidos aos interesses políticos, comerciais e militares da nomeada Nação Potência. Nesse contexto, considerando-se uma ambiguidade da condição geográfica Chilena, que pode fazer desse país, de um lado, uma alternativa, de outro lado, um obstáculo às propostas de integração estadunidenses (NAFTA; Alca) e brasileiras (Aladi; MERCOSUL), conjuntura que, pelo sentido da geopolítica, tornaria sua adesão a um ou a outro bloco econômico a chave para a hegemonia econômica na América Latina.

4.1. Da origem e da posição-sujeito do NAFTA

Em Siqueira (2009, p. 171), vemos que “reúnem-se no Nafta (*North American Free Trade Agreement*) os Estados Unidos, Canadá, México e Chile, na condição de país associado, tendo entrado em funcionamento pleno a 1º de janeiro de 1994”. Tal composição, quando visualizada em um mapa, apresenta um sentido de estratégia de deslocamento geográfico de interesses, abrangendo nações do extremo norte do continente e o Chile, em seu extremo sul, país com acesso ao oceano Pacífico e possuidor de um litoral com extensão de 6.435 Km, o único associado na América Latina.

4.2. Das Análises Discursivas do Tratado Norte Americano de Livre Comércio

4.2.1. Do discurso de objetivo

- (1) “Tem como objetivo fundamental a construção de uma zona de livre comércio no continente americano” (ANEXO I/Recortes 1-III)¹⁷.
- (2) “Tem como objetivo facilitar as transações econômicas entre esses países ” (Recortes 1-IV).
- (3) “Visa apenas à criação de uma área de livre comércio entre os países ” (Recortes 1-VII).
- (4) “Um dos principais motivos da criação desse bloco econômico foi fazer frente à União Europeia” (Recortes 1-IX).

Os enunciados de (01) a (04) caracterizam o *discurso de objetivo* que, conforme Saraiva (2010, p. 790), significa “o que se pretende conseguir ao se realizar uma ação, alvo, meta, finalidade”, em (1), os sentidos são de estabelecer-se firmemente e/ou constituir-se, com um suposto desejo de criação de uma força única que possa contrapor-se, em bloco, para resistir a quaisquer forças contrárias; em (2), o sentido é de remover obstáculos, tornar-se fluida e sem barreiras as transações de caráter comercial entre os países membro; em (3), o sentido é de estabelecerem-se estreitos limites às relações entre os países, restringindo-se sua área de atuação apenas ao quesito comércio de mercadorias e serviços; em (4), o sentido é de reserva de mercados, que fica evidente quando expõem-se a intenção de contraposição dos

¹⁷ Os recortes de números (1), (2), (3), (4), (5) e (6) estão disponíveis para consultas no **ANEXO I – Recortes de enunciados**, assim, todos os outros serão referenciados nessa pesquisa apenas como recortes, exemplo: (Recortes 1 – IV).

interesses do NAFTA aos da União Europeia, denotando-se também um sentido de rivalidade de interesses.

4.2.2. Do discurso de metas e prazos

- (5). “A Meta final” (Recortes 1-I).
- (6) “Num prazo de 15 anos” (Recortes 1-II).
- (7) “No prazo de 15 anos” (Recortes 1-III).

Os enunciados de (5) a (7) caracterizam o *discurso de metas e prazos* e, conforme Saraiva (2010, p. 721), a palavra meta significa “o que se quer atingir ou alcançar, alvo, objetivo”, já a palavra prazo (Idem, p. 915) é o “espaço de tempo dentro do qual se deve fazer algo”. Nesses enunciados os sentidos se confundem e se completam, estabelecem-se propostas a serem executadas dentro de um tempo delimitado (15 anos).

Assim, a meta e o prazo guardam um sentido de garantias, em um tempo demarcado, da execução do que foi pactuado com a Nação Potência¹⁸ que, por consequência e efeito de sentido, pode dispor de recursos outros (diplomáticos; econômicos; militares), em defesa de interesses particulares. Fato que “pressupõe” (Idem, ibidem) a existência de estratégias para a persuasão dos governos das demais integrantes do bloco.

4.2.3. Do discurso de mercado

- (8) “Eliminar barreiras aduaneiras” (Recortes 1-I).
- (9) “Estabelecer um espaço econômico” (Recortes 1-I).
- (10) “Eliminação praticamente total [...]das barreiras tarifárias” (Recortes 1-II).
- (11) “Extinção das tarifas intra-regionais de seus Estados-partes” (Recortes 1 -III).
- (12) “Abolir as taxas sobre a circulação de mercadorias e produtos” (Recortes 1-IV).
- (13) “Grande potencial desde que [...]não “engulam” a economia mexicana” (Recortes 1-VIII).
- (14) “Respondem [...]Canadá, Estados Unidos e México [...]por um mercado de cerca de 380 milhões de pessoas ” (Recortes 1-VIII).

Os enunciados de (8) a (14) caracterizam o *discurso de mercado*, que Ferreira (2001, p. 249), define como sendo o “sistema econômico em que as decisões relativas a produção,

¹⁸ A expressão “Nação Potência” foi utilizada como referência aos Estados Unidos da América e sua posição na economia e na política mundiais.

preços, salários e etc., são tomadas predominantemente pela interação de compradores e vendedores no mercado, com pouca interferência governamental”.

Em (8), (10), (11), e (12), os sentidos são de eliminação de obstáculos econômicos dos mercados internos dos Estados-parte. Nesse contexto, a eliminação de barreira, a extinção de tarifas e a abolição das taxas é inerente ao processo de globalização, por consequência e efeito de sentido, presente na configuração de acordos comerciais com abertura total da economia pela subtração dos poderes nacionais de intervenções nos mercados internos. Com isso, as coexistências de uma Nação Potência com algumas nações subdesenvolvidas trariam a tal composição, supostamente, resultados desastrosos para as nações com economias menores.

Em (9), vemos um sentido de espaço que, para Saraiva (2010, p. 399), significa um “lugar que pode ser ocupado por algo ou alguém”; em (13), encontramos a palavra engolir “entre aspas” e isso nos remete a palavra subjugar. Assim, podemos supor que há um sentido de “submeter pela força” (SARAIVA, 2010, p. 1123), desta forma, é possível visualizar um efeito de sentido de consequências nefastas para a economia mexicana, se colocada em confronto direto com a canadense ou a estadunidense pelo imenso descompasso entre elas, tais efeitos se estenderiam à economia chilena (país associado), no caso desta abrir-se ao tratado sem um sentido de regulamentação adequada que possa garantir igualdade de condições e vantagens comerciais mútuas. Sem isso, poderia haver uma outra consequência e efeito de sentido, o de sujeição, em que um país com economia maior submeteria um país com economia menor a seus interesses.

Em (14), o sentido é de mercado, que em Ferreira (2001, p. 457), vemos como “qualquer situação em que compradores e vendedores em potencial entram em contato”. Com isso, uma das consequências e efeitos de sentido da execução, sem regulamentações, do Tratado Norte Americano de Livre Comércio para países como o México (membro efetivo do NAFTA) e para o Chile (país associado), caso transforme-se em membro efetivo, seria a da redução de ambos a categorias análogas às colônias, supostamente, sujeitas a todas as mazelas políticas, sociais e econômicas consequentes.

4.2.4. Do discurso de legalidade

(15) “Eliminação praticamente total [...] das barreiras não tarifárias” (Recortes 1-II).

(16) “Gradual remoção de barreiras não tarifárias” (Recortes 1-III).

(17) “Facilitar o intercâmbio econômico” (Recortes 1-V).

Os enunciados de (15) a (17) caracterizam o *discurso de legalidade* que, em Ferreira (2001, p. 421), significa “qualidade de legal” ou “sistema conforme a lei”, para palavra intercâmbio (idem, p. 395), “relação de comércio, ou culturais, entre nações”.

Considerando-se o exposto, nesses a legalidade pode sustentar um sentido de modificação das normas legais dos Estados-parte, no que tange às barreiras não tarifárias, para o comércio internacional, as quais representam os limites norteadores das relações jurídicas entre nações soberanas e isso, via de regra, demandaria ajustes de ordem legal para ambos lados, tornando o relacionamento legalmente plausível, no entanto, trata-se nesse caso da “eliminação praticamente total e/ ou da remoção de barreiras não tarifárias”. Nesse sentido, sopesando-se as assimetrias macroeconômicas¹⁹, surgem pelo menos duas questões:

1. Quem realmente se beneficiaria de um acordo comercial sem quaisquer regulamentações de ordem jurídica?
2. Será que os efeitos de uma desregulamentação impactariam da mesma forma em todos os *Estados-parte*?

As questões postas abrem a possibilidade a um sentido improvável, de que os Estados Unidos da América apresentem alguma inclinação em fazer alterações em sua legislação comercial, por conta de um acordo de livre comércio com nações com economias menores.

Grosso modo, em se tratando da política externa de Nações Potências, revela-se um sentido impositivo, supostamente, sustentado no peso político, econômico e militar em defesa de interesses próprios.

4.2.5. Do discurso de pertencimento

(18) “Entre os países membro” (Recortes 1-I).

(19) “Entre os [...]países integrantes” (Recortes 1-II).

(20) “Entre esses países” (Recortes 1-IV).

(21) “Entre os países” (Recortes 1-V).

(22) “Entre seus países membro” (Recortes 1-VI).

(23) “Entre esses países” (Recortes 1-VII).

(24) “Juntos os três países” (Recortes 1-VIII).

¹⁹Em Pinho; Vasconcellos; Toneto Jr. temos que, o equilíbrio da Renda Nacional (Macroeconomia), estuda as condições de equilíbrio estável entre a renda e o dispêndio nacional. As políticas econômicas de intervenção procuram sempre estabelecer tal equilíbrio.

Os enunciados de (18) a (24) caracterizam o *discurso de pertencimento*, assim sendo, “fazer parte ou ser parte de” (SARAIVA, 2010, p. 875) e as palavras *integrantes* e *membro* significam, respectivamente: “que ou o que integra, completa ou faz parte” (Idem, p. 593); “que faz parte de um grupo” (Idem, p. 712).

Nesses, o pertencimento ao NAFTA, supostamente, teria como consequência um efeito de sentido de isolamento regional; o fechamento às outras influências; um obstáculo a não membros ou a não integrantes, enfim, o “fazer parte de” um lado pode significar, por pressuposição, o isolamento ou o não “fazer parte de” outro lado. Assim, tornando-se financeiramente inviável às transações comerciais com economias regionais (fora do acordo). Com isso, teríamos um sentido de área geográfica de influências (de controle) da Nação Potência, em uma região estratégica para o acesso de algumas nações latino-americanas a portos no Oceano Pacífico.

4.2.6. Do discurso de liberdade

(25) “Mercadorias circulem livremente” (Recortes 1-I).

(26) “Zona de livre comércio” (Recortes 1-II).

(27) “Zona de livre comércio no continente americano” (Recortes 1-III).

(28) “O acordo desconhece [...] o livre fluxo de trabalhadores” (Recortes 1-III).

Os enunciados de (25) a (28) caracterizam o *discurso de liberdade*, cujos significados encontramos em Houaiss (2009, CD-ROM), como segue: “licença, permissão”; “autonomia de que gozam certos grupos sociais”.

Nesses, o sentido de liberdade no âmbito do NAFTA revela uma consequência e efeito de sentido exclusivo à circulação de mercadorias e serviços, não havendo nele qualquer alusão ao sentido de livre circulação de pessoas ou ao livre fluxo de trabalhadores. Assim, os “silenciamentos” (ORLANDI, 2103) no discurso de liberdade nos domínios do NAFTA, inerentes a esse aspecto, podem encontrar significados outros na política de imigração da Nação Potência, supostamente, construída e constituída para impedir, a qualquer custo, a livre circulação de cidadãos latinos, notadamente mexicanos, em território estadunidense.

Assim, materializa-se na aprovação, pelo senado dos Estados Unidos da América, do *Plano de Segurança Fronteiriça, Oportunidade Econômica e Modernização do Sistema de*

*Imigração (S.744)*²⁰, do ano de 2013 e no aparato repressivo em territórios fronteiriços ao México, como consequência e efeito de sentido, dotados de cercas de arame farpado; policiamento fortemente armado; equipamentos de vigilância que incluem helicópteros, câmeras com visão noturna, satélites militares, navios de guerra, aeronaves não tripuladas (drones); cães treinados e milícias armadas integradas por cidadãos auto declarados patriotas. Para isso, há previsão de um orçamento de bilhões de dólares.

4.2.7. Do discurso de limites

- (29) “No terreno comercial” (Recortes 1-II).
- (30) “O acordo desconhece [...] à integração econômica” (Recortes 1-III).
- (31) “O acordo desconhece [...] coordenação de política monetária” (14.1-III).
- (32) “O acordo desconhece [...] coordenação [...] taxas de câmbio” (Recortes 1-III).
- (33). “Não visa à integração total entre seus países membro” (Recortes 1-VI).
- (34) “Restringiria a atuação do bloco ao setor comercial” (Recortes 1-VII).

Os enunciados de (29) a (34) caracterizam o *discurso de limites*, que podem ser entendidos como: valor estabelecido como máximo ou mínimo (SARAIVA, 2010, p. 648-649). Nesses, há um sentido de não poder ou não dever ir além da circulação de mercadorias e produtos, enfim, de ignorar os demais aspectos à uma total integração.

Isso posto, supomos haver um sentido de inexistência no âmbito do NAFTA onde, sob qualquer hipótese, não haveria a possibilidade *de integração econômica, coordenação de políticas monetárias e de taxas de câmbio*, uma vez que, tal acordo restringe-se à circulação de mercadorias. Com isso, é possível perceber alguns sentidos de diferenças entre o Bloco e União, fazendo alusão a alguns aspectos do funcionamento da União Europeia, que serão abordados mais adiante, com isso, podemos ter nos domínios do NAFTA “pressupostos e subentendidos” (*Apud* ORLANDI, 2013, p. 82), que podem ter uma consequência e efeito de sentido de controle de fontes de matérias-primas e mercados consumidores, representados por México e Chile.

²⁰ *Plano de Segurança Fronteiriça, Oportunidade Econômica e Modernização do Sistema de Imigração (S.744)* é um projeto de lei migratória aprovado em 2013 pelo Senado americano e se constitui na maior reforma do sistema de imigração em 25 anos. Disponível em: ><http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/06/principais-pontos-da-reforma-migratoria-aprovada-nosenado-dos-eua.html>>, acesso em 26/11/2014.

4.2.8. Do discurso de soberania

(35) “Ficam preservadas as soberanias estatais” (Recortes 1-III).

O enunciado (35) é caracterizado pelo *discurso de soberania* e, em Saraiva (2010, p. 1105), vê-se que há um significado de “poder político de um Estado caracterizado por sua autoridade plena e independente dentro de seu território e em suas relações com outros Estados, sem submeter-se aos interesses de qualquer outro Estado”.

Em suma, o “conceito clássico de soberania” (SOARES, 1999, p. 20), aqui, entra em choque com os sentidos do NAFTA que, por um dos vieses conceituais das ciências econômicas, confrontados com os interesses da aludida Nação Potência, podem levar a uma subversão desse sentido. Como consequência e efeito de sentido, uma Nação, que Ferreira (2001, p. 479), vê como “o povo dum território organizado politicamente sob um único governo”, pode ser levada a “dar adeus aos compromissos políticos, projetos e especificidades nacionais” (MATTOSO, 1998), e isso “pressupõe” (ORLANDI, 2013) atender a interesses outros, externos.

4.2.9. Do discurso de concorrência

(36) “Essa (a União Europeia)²¹ tem alcançado um grande êxito no cenário mundial” (Recortes 1-IX).

O enunciado (36) caracteriza o *discurso de concorrência*, cujo significado para Saraiva (2010, p. 238) é “disputa, competição”.

Nesse, o sentido é de hegemonia econômica mundial, vista assim, a UE²², já consolidada e relativamente estável, teria um sentido de rivalidade com o NAFTA pela hegemonia do comércio mundial. Isso, supostamente, teria uma consequência e efeito sentido que impele os Estados Unidos da América a usar de um poder coagente sobre nações com economias menores para, com isso, submetê-las ao engajamento em suas propostas de acordo de livre comércio (bloco econômico) sob sua liderança.

²¹ Os dizeres entre parênteses foram inseridos em (36) com o intuito de deixar claro se tratar da União Europeia.

²² UE é a abreviação de União Europeia.

4.2.10. Do discurso de diferença entre o NAFTA e a UE

(37) “Pessoas [...] consideradas (cidadãos da União Europeia)” (Recortes 1-VI).

(38) “Pessoas [...] podendo trafegar e estabelecer residência” (Recortes 1-VI).

(39) “Pessoas [...] em qualquer dos outros países sem nenhuma restrição” (Recortes 1-VI).

(40) “Países [...] adotar um sistema bancário e financeiro comuns [...]” (Recortes 1-VI).

Os enunciados de (37) a (40) caracterizam o *discurso de diferença entre o NAFTA e a UE*, nesse contexto, a palavra diferença encontra-se em Ferreira (2001, p. 239), significando “divergência; desarmonia”.

Assim, em (37) podemos ter um sentido de garantia de direitos individuais (cidadania) a todas as pessoas residentes no território de abrangência da UE, com um efeito de sentido inexistente no NAFTA; em (38) e (39) um dos sentidos é de livre circulação de pessoas/trabalhadores, ou seja, é permitido a qualquer cidadão da UE o livre trânsito (sem restrições) e residência em qualquer país membro, com um efeito de sentido também inexistente no NAFTA; em (40) um dos sentidos é de integração econômica total (bancos; moeda; câmbio) comuns a todos os países integrantes da UE, com um efeito de sentido, da mesma forma, inexistente no NAFTA.

Na análise da discursividade do Tratado Norte Americano de Livre Comércio (NAFTA), evidenciou-se um sentido de tentativa de criação de uma vanguarda comercial liderada pelos Estados Unidos da América, coesa e capaz de deter a supremacia do comércio internacional, como consequência e efeito de sentido, busca facilidades (tarifárias; fiscais; legais) para a livre circulação de mercadorias e serviços entre seus membros. Nesses termos, enseja um sentido de submissão total à globalização com efeitos de contínua extinção das soberanias nacionais latinas; de perda do controle sobre suas próprias economias; de abdicação gradual da condição de Estados autônomos e independentes; de sujeição às leis de mercado. Em face disso, de um lado, subjugar um imenso mercado consumidor interno, de outro lado, impor barreiras às nações “rebeldes” (oppositoras a esse tratado), por conta de evidências de disputas comerciais.

4.3. A discursividade do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)

É possível percebermos na discursividade do MERCOSUL, acerca das argumentações postas à apreciação das nações que o compõem, um sentido de isenções de taxas alfandegárias e eliminação de barreiras aduaneiras (tarifárias e não-tarifárias), conseqüentemente, um efeito de sentido que poderia funcionar como uma força capaz de contrapor-se as ações predatórias de nações industrializadas no âmbito da América Latina, pelo sentido do fortalecimento de uma *política do bloco* regional. Com efeito, seria necessário o

[...] financiamento e apoio aos países menos desenvolvidos do bloco para que possam se industrializar e também prosperar. Uma lição importante é que não existe integração real se um lado for extremamente mais fraco ou mais pobre [...]. Não apenas ficar nas exportações de produtos ou serviços. Passos importantes para isso seria a criação e o pleno funcionamento do Parlamento do Mercosul, da moeda única, do livre trânsito de pessoas, do incremento das trocas culturais e esportivas, como ocorreu em parte na União Europeia. (SIQUEIRA, 2009, p. 168-169)

Nessa perspectiva, foi possível notarmos em alguns “silenciamentos” (ORLANDI, 2013) na discursividade ora analisada, um sentido de diferença entre “Bloco” e “União”, assim, tais silenciamentos, supostamente, repousam em meio a um discurso de liberdade meramente comercial, sugerindo uma ordem de proposições ambíguas, nesse contexto, uma, com um sentido de hegemonia comercial de uma nação em meio a outras; outra, um sentido de união político-econômica entre nações soberanas.

4.3.1. Da origem e da posição-sujeito do MERCOSUL

Podemos divisar em Siqueira (2009, p. 116-117), que a “Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai subscreveram em 26 de março de 1991 o Tratado de Assunção, cujo objeto consistia em criar um mercado comum do Sul, Mercosul”.

Posteriormente foram aceitos outros estados na condição de associados, são eles: Bolívia e Chile, no ano de 1996; Colômbia e Equador no ano de 2004; Peru no ano de 2003 e Venezuela no ano de 2009 que se tornou um membro efetivo do bloco no ano de 2012. Não obstante, o analista político registra ainda que em dezembro de 1994 foi subscrito o Protocolo de Ouro Preto, conferindo personalidade legal internacional ao tratado.

4.4. Das Análises Discursivas do Mercado Comum do Sul

4.4.1. Do discurso de união

(41) “mais do que simplesmente buscar um acordo no âmbito econômico e aduaneiro” (Recortes 2-X).

(42) “afirmam compartilhar valores envolvendo a defesa da democracia” (Recortes 2-X).

(43) “afirmam compartilhar valores envolvendo a defesa [...] do pluralismo” (Recortes 2-X).

Os enunciados de (41) a (43) caracterizam o *discurso de união*, que em uma das definições encontradas em Houaiss (2009, CD-RON), é tratada como “entidade ou associação constituída pelo agrupamento [...] de Estados [...] em defesa de objetivos ou interesses comuns”, nesses, torna-se possível encontrar na “defesa de objetivos ou interesses comuns” um sentido paralelo aos de “compartilhar” e “pluralismo”, com uma consequência e efeito de sentido de vantagens comerciais, jurídicas e democráticas recíprocas.

Nesse contexto, o acordo se propõe extrapolar as motivações de cunho aduaneiro e econômico, uma vez que, tratam-se de nações com economias menores, em sua maioria fronteiriços, para os quais, supostamente, haveriam vantagens estratégicas na concretização das rotas comerciais via Corredores Bioceânicos que apontam, de um lado, em direção ao Extremo Oriente (pelos portos chilenos no lado Pacífico) e, de outro lado, em direção ao Ocidente (pelos portos brasileiros no lado Atlântico).

4.4.2. Do discurso de metas

(44) “Constituem metas do bloco, igualdade, o desenvolvimento econômico e social com equidade” (Recortes 2/XII).

O enunciado (44) distingue o *discurso de metas* e reivindica, dentre outros, um sentido de igualdade e de equidade, esses, por sua vez, significam para Houaiss (2009, CD-RON), respectivamente, “uniformidade; paridade; estabilidade” e “[...] imparcialidade”.

Nesse, as metas do MERCOSUL²³, supostamente, teriam um efeito de sentido humanitário, ou seja, “que se dedica a promover o bem-estar do homem e o avanço das

²³ Por opção, a abreviatura de Mercado Comum do Sul, preferencialmente, será apresentada em letras maiúsculas, ou seja, MERCOSUL.

reformas sociais” (HOUAISS, Idem). Não obstante, o discurso de “igualdade, desenvolvimento econômico e social com equidade”, poderia ter o mesmo efeito de sentido para todos os países seus integrantes, em consonância com um *pressuposto*, que para Ducrot (1972), são “diferentes formas de não-dizer (implícito) [...] deriva propriamente da instância da linguagem” (*Apud* ORLANDI, 2013, p. 82), nesse caso, pressuposto do sentido de união, analisado anteriormente em (4.4.1.).

4.4.3. Do discurso de mercado

(45) “buscar um acordo no âmbito econômico e aduaneiro” (Recortes 2-X).

(46) “prevê, também, o estabelecimento de uma tarifa e a adoção de uma política comercial comum em relação a outros blocos ou países” (Recortes 2-XV).

(47) “além do estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum (TEC), que consiste na padronização de preços dos produtos dos países para a exportação e para o comércio externo” (Recortes 2-XVII).

Os enunciados de (45) a (47) distinguem o *discurso de mercado* e reivindicam um sentido de “acordo” e um sentido de “comum”, para os quais Houaiss (2009, CD-ROM), atribui dentre outros seus significados os seguintes: “mudança para adaptação a novas condições; habitual”. Nesses, nos âmbitos da política externa e das tarifas aduaneiras inerentes ao MERCOSUL, teríamos um sentido de igualdade de condições e um efeito de sentido de vantagens econômicas e sociais, supostamente, atraente aos países seus integrantes.

4.4.4. Do discurso de legalidade

(48) “além da harmonização das legislações das áreas pertinentes” (Recortes 2-XIII).

O enunciado (48) caracteriza o *discurso de legalidade*, o qual pode reclamar um sentido de “harmonização”, palavra que tem um significado de “pôr-se ou estar em [...] acordo”. (HOUAISS, 2009, CD-ROD).

Nesse, considerando tratem-se de nações territorialmente muito próximas, em um contexto da criação de um mercado comum do Sul das Américas, torna-se possível perceber um sentido de busca de consenso “das áreas pertinentes”, no que tange às barreiras não tarifárias (jurídicas), com uma consequência e efeito de sentido de relações comerciais

legalmente plausíveis, uma vez que, há evidências, nos enunciados analisados, de um sentido de busca de uma uniformidade nos textos legais das nações integrantes do MERCOSUL.

4.4.5. Do discurso de ambientalismo

(49) “a proteção ao meio ambiente e a promoção do desenvolvimento sustentável” (Recortes 2-XI).

O enunciado (49) caracteriza o *discurso de ambientalismo*, o qual reclama os sentidos de “proteção”; “sustentável”, para os quais em Houaiss (2009, CD-RON) encontramos, dentre outros, os seguintes significados, simultaneamente: “movimento político cujas principais preocupações são os efeitos da poluição ambiental e o conseqüente comprometimento da qualidade de vida”; “que pode ser sustentado”.

Visto por essa perspectiva, é possível perceber um sentido de preservação dos recursos naturais nos escopos dos discursos do MERCOSUL que, supostamente, contemplariam um efeito de sentido de preocupações com o bem-estar de suas populações, uma vez que, almejava a “promoção do desenvolvimento sustentável”. Isso em um contexto de nações em que seus povos nativos como etnias indígenas, ribeirinhos, extrativistas, quilombolas, agricultores familiares, cuja presença é contada em milhões, têm um dos sentidos de suas existências dependentes e diretamente ligados a terra e as atividades econômicas primárias, vivendo, essencialmente, como agricultores e coletores.

4.4.6. Do discurso de pertencimento

(50) “entre os **países membros**” (Recortes 2-XIV).

O enunciado (50) caracteriza o *discurso de pertencimento*, assim, ser um dos **países membros** pode ter um sentido de “filiado a um agrupamento, federação, organização” (HOUAISS, Idem) em detrimento de outro, nesse caso, sopesando-se enunciados tratados anteriores, tornar-se-ia possível o vislumbrar, de um lado, de um sentido de oposição às influências externas a região do MERCOSUL se considerarmos um efeito de “inflexão da política externa para o Cone Sul, com o fortalecimento das relações com países do Mercosul, da África e, principalmente, com os Brics (Brasil, Rússia, Índia e China)” (SIQUEIRA, 2009, p.

171-172), de outro lado, de um sentido de obstáculo às interferências de potências industriais, notadamente as integrantes do NAFTA.

Nesse contexto, uma iniciativa político-ideológica em direção à defesa dos interesses latino-americanos poderia ter um sentido de consolidação de um mercado comum da América Latina, pela estratégia de “agrupamento, federação, organização”, supostamente, almejando um efeito de fortalecimento das economias e das soberanias regionais.

4.4.7. Do discurso de concorrência

(51) “adoção de uma política comercial comum em relação a outros blocos ou países” (Recortes 2-XV).

O enunciado (51) caracteriza o *discurso de concorrência*, cujo significado para Houaiss (Idem) é “competição mercantil entre produtores ou comerciantes”. Assim, é possível perceber um sentido de protagonismo econômico e, com ele, pode-se observar no MERCOSUL, em vias de consolidação, um sentido de enfrentamento de negociações permeadas por instabilidades de ordem macroeconômica e disputas pontuais entre alguns de seus integrantes, com uma consequência e efeito de sentido que rivalizaria com o NAFTA, uma vez que, “os Estados Unidos passaram a fechar acordos de livre comércio com determinados países, como é o caso do Chile”. (Siqueira, idem), principal rota de entrada/saída através do Oceano Pacífico, e essa rivalidade, com um sentido que impeliria o Brasil (maior economia da América do Latina) a assumir uma posição de liderança nas negociações, supostamente, motivado por estratégias para a consolidação de suas propostas no MERCOSUL, que melhor possam atender os seus interesses comerciais e de soberania, em oposição às investidas estadunidenses de domínio hegemônico no Continente.

4.4.8. Do discurso de liberdade

(52) “afirmam compartilhar valores envolvendo a defesa das liberdades fundamentais do sujeito humano” (Recortes 2-X).

(53) “integração [...] com fundamento na circulação livre de bens, serviços e fatores produtivos” (Recortes 2-XIII).

(54) “qualquer cidadão nato ou naturalizado [...] possui o direito de residir por dois anos na área de livre residência” (Recortes 2-XVI).

Os enunciados de (52) a (54) caracterizam o *discurso de liberdade* que, no âmbito do MERCOSUL, podem reclamar um sentido de “livre-arbítrio”, essa palavra em meio a seus significados encontramos o de “possibilidade de decidir, escolher em função da própria vontade”. (HOUAISS, 2009, CD-RON).

Nesses, em (52) e (54), tem um sentido de liberdade de circulação de pessoas, com um efeito de sentido em que seria permitido, a qualquer cidadão, o livre trânsito (sem restrições) e residência em qualquer país membro; em (53) tem um sentido de liberdade de circulação “de bens, serviços e fatores produtivos”, com um efeito de sentido que multiplica resultados e estimula a integração. Portanto, nas liberdades do discurso do MERCOSUL, supostamente, existiriam sentidos humanitários e integracionistas, circulando colateralmente aos sentidos de livre comércio de bens e serviços.

4.4.9. Do discurso de igualdade entre o MERCOSUL e a UE

(55) “Assim como ocorreu com outros blocos econômicos – o caso da União Europeia –, Mercosul objetiva ampliar os acordos internamente estabelecidos a fim de fortalecer a política do bloco” (Recortes 2-XVIII).

O enunciado (55) caracteriza o *discurso de igualdade entre o MERCOSUL e UE*, nesse sentido, buscamos em Houaiss (2009, CD-RON) e encontramos que “numa comparação, mostrarem-se as mesmas proporções, dimensões, naturezas, aparências, intensidades”.

Diante do “objeto simbólico” (ORLANDI) *ampliar acordos [...] fortalecer a política do bloco*, tornou-se possível a percepção de não-ditos em alguns discursos do MERCOSUL, uma vez que, diferentemente da União Europeia, não foi possível encontrar nele um sentido de “integração econômica total (bancos; moeda; câmbio).”

Na análise da discursividade do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), evidenciou-se que uma aproximação de suas negociações de um sentido pleno de União, poderia contrapor-se a um efeito de sentido em que os “países passem a fazer acordos individualmente com outros blocos, ferindo a unidade do Mercosul” (SIQUEIRA, 2009, p. 169), com isso, tornou-se possível percebermos um sentido de composição regional em bloco em meio aos discursos em circulação.

Assim, teríamos um efeito de sentido de oposição a interesses comerciais outros, não obstante, sopesando-se as disparidades nas economias de algumas nações componentes e associadas (há nações com economias maiores e nações com economias menores nesse âmbito), foi possível encontrarmos um sentido de defesa de interesses internos a América Latina, embora seja plausível a possibilidade de um sentido de controvérsias²⁴ pontuais, pois, há casos em que “a competição, para esses países, principalmente a industrial, às vezes é realmente danosa. Basta citar que praticamente não existe indústria automobilística nos países menores do Mercosul” (SIQUEIRA, 2009, p. 168), mesmo assim, as assimetrias mais impactantes para a sua consolidação, tem um efeito de sentido mais acentuado na ordem macroeconômica.

4.5. EMPRESA BRASILEIRA DE PLANEJAMENTO DE TRANSPORTE (GEIPOT)

4.5.1. A discursividade da Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes

Sucessão legal destinou todo acervo remanescente da Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes, composto por uma infinidade de projetos e estudos estratégicos acumulados ao longo de trinta e seis anos de sua existência, ao Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), com sede em Brasília no Distrito Federal. Não obstante, ao longo dos anos de 2010-11, em verificações *in loco*, pude constatar que parte considerável deste precioso material de pesquisas encontrava-se, literalmente, jogado em um canto do espaço destinado à biblioteca.

Nesse sentido, após cerca de oito meses de buscas periódicas em meio a esta verdadeira “massa amorfa”, foi possível ter acesso a uma cópia do denominado *Estudo de Corredores Bioceânicos -1996*. Este “golpe de sorte” não se deu nas dependências do referido departamento, mas sim, nos corredores do Ministério dos Transportes, na Capital Federal, onde, por um “acaso do destino”, ficamos “frente a frente” com pessoa responsável por aquela biblioteca. A partir desse momento, foi deliberado a localização e disponibilização do documento em epígrafe, abrindo as portas para o acesso a discursividade do liquidando, GEIPOT.

²⁴ Pela avaliação de Carlos Siqueira (2009, p. 168), a disputa pela industrialização é feroz. Para ele, mesmo quando conseguem atrair investimentos, como no caso da indústria de papel finlandesa Botnia, há grandes resistências e disputas entre parceiros[...]quando houve a definição pelo Uruguai em detrimento da Argentina, ocorreu verdadeiro conflito diplomático, com os argentinos reclamando, grosso modo, que os uruguaios ficarão com os benefícios e os resíduos serão jogados em sua margem do Rio da Prata.

4.5.2. Da origem e da posição-sujeito da Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes

Segundo informações do Portal da Inventariança²⁵, a empresa foi criada por força de Lei no ano de 1965, inicialmente como Grupo Executivo de Integração da Política de Transportes (GEIPOT) que, anos depois, por motivação de um acordo de cooperação firmado entre o Governo Federal do Brasil e o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), transformou-se em Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes, mantendo sua sigla original “GEIPOT” e permanecendo subordinada ao Ministério dos Transportes do Brasil, seus propósitos:

[...] estabelecidos por lei, foram o de prestar apoio técnico e administrativo aos órgãos do Poder Executivo que tenham atribuições de formular, orientar, coordenar e executar a política nacional de transportes nos seus diversos modais, bem como promover, executar e coordenar atividades de estudos e pesquisas necessários ao planejamento de transportes no País: (Portal GEIPOT²⁶).

Assim o fez até o ano de 2002 quando, por decreto do então presidente Fernando Henrique Cardoso, deu-se início a sua liquidação tendo suas atribuições (de importância estratégica para o planejamento da logística de transportes brasileira), a partir de então, subdivididas entre agências e departamentos, a saber: Agência Nacional de Transportes Aquaviários (ANTAQ); Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT); Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT).

Essa transição deu-se sob a coordenação do Conselho Nacional de Integração de Política de Transportes Terrestres (CONIT). Essas entidades, sucessoras jurídicas de seu legado, supostamente, desarticuladas e corresponsáveis pelo sentido de atual precariedade desse setor, com uma consequência e efeito de sentido que supostamente *devora 13,1% da receita bruta das empresas [...], em setores como construção, a perda ultrapassa 20% [...], atinge aproximadamente 12% do PIB*²⁷ (Produto Interno Bruto), impactando diretamente no custo logístico do Brasil.

²⁵ Portal na Web mantido pelo Ministério dos Transportes contendo informações gerais e específicas sobre o liquidando GEIPOT.

²⁶ Informações obtidas no Portal da Inventariança da Extinta Empresa Brasileira de Planejamento de Transporte – GEIPOT. Disponível em: < <http://www.geipot.gov.br/>>, acesso em 07/05/2015.

²⁷ Em pesquisa da Fundação Dom Cabral, constatou-se que o custo logístico devora 13,1% da receita bruta das empresas pesquisadas, em setores como construção, a perda ultrapassa 20%. No total, o custo logístico do Brasil atinge aproximadamente 12% do PIB, de acordo com Paulo Resende, do Centro de Estudos para Infraestrutura e

4.6. Das Análises Discursivas do *Estudo de Corredores Bioceânicos - 1996*: alguns discursos, possíveis sentidos e efeitos de sentido.

A constatação do ineditismo do estudo em epígrafe se deu pelo fato de nele constarem os primeiros dados técnicos produzidos por um ente estatal brasileiro, detalhando algumas alternativas para a implantação de corredores de integração comercial na América Latina.

Entretanto, em meio as suas inúmeras ponderações de sentido meramente técnico, ousa instituir um sentido autocrítico ao texto, como consequência e efeito de sentido, dá indícios de uma relação tensa entre os setores técnico e político brasileiros, nesse contexto, segue descrevendo mazelas supostamente causadas pelas deficiências na estrutura logística de transporte do Brasil e, para além disso, encerra uma perspectiva incomum a um estudo dessa ordem, na medida em que contempla um sentido crítico-social, próprio do universo político.

4.6.1. Do discurso de setor de transporte

(56) “O Setor de Transportes no Brasil, apresenta-se com deficiências” (Recortes 3-XIX).

O enunciado (56) caracteriza o *discurso de setor transportes*, para o qual encontramos significados distintos em Houaiss (2009, CD-RON), a saber: *setor*, é “parte das atividades econômicas”; *transporte*, é “levar ou conduzir (seres ou coisas) a (determinado lugar).

Para tanto, considerando-se como atividade econômica da macro área de logística, conjugaremos três significados distintos (área-setor-atividade), na composição do sentido e do efeito de (um) discurso ora analisado, com isso, um sentido de *levar ou conduzir*, no contexto de uma *atividade econômica*, ligada *aos modais de transporte de cargas* e, nesses termos, um efeito de sentido estratégico para uma nação que, no caso brasileiro, “apresenta-se com deficiências” tardiamente circunstanciadas na segunda metade da década de 1990, as quais, encontram ditos e não ditos em formulações do GEIPOT, com um sentido de consequências na logística dos setores rodoviário, ferroviário, hidroviário e de serviços. Não obstante, é possível percebermos silenciamentos reivindicando sentidos no aludido *Estudo*, com um efeito que, supostamente, extrapolou sua abrangência, assim vejamos:

Logística de Belo Horizonte. Na Europa, essa taxa é de 6% e nos EUA, gira em torno de 8% do PIB. Isso significa que se tivéssemos a eficiência americana nesse campo, nossa economia ganharia 83,2 bilhões de dólares por ano. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/para-54-das-empresas-rodovia-e-pior-fator-do-custo-brasil>>, acesso em 07/05/2015.

Finalmente, merecem destaque alguns pontos não trabalhados neste estudo e de difícil quantificação, mas que, certamente, podem ter um peso significativo na transferência de cargas de portos brasileiros para outros situados em outros países, sem que isso acarrete ganhos substanciais para a economia nacional. São eles: Deseconomias em toda a cadeia logística interna de transporte, com perdas, de tarifas e fretes, nos sistemas terrestres e nos portos nacionais; Ociosidade em instalações existentes, com possível geração de desemprego; Transferência, para o exterior, de um montante razoável de recursos para atendimento na área de serviços, dentre outras. (GEIPOT, 1996, p. 54).

Com isso, também é possível percebermos opacidade em um sentido inerente ao *custo logístico Brasil*, supostamente, “de difícil quantificação” da perspectiva do econômico e financeiro, acarretando, em alguma medida, um efeito de sentido de impactos diretos na ordem macroeconômica da nação, com evidências de carência de um efeito (silenciamentos) em decisões políticas, com um sentido que pudesse encaminhar a melhor solução sob a perspectiva do equilíbrio da balança comercial (importações *versus* exportações) brasileira.

4.6.2. Do discurso de surgir

(57) “surgiu e propagou-se da necessidade de se buscar novas formas e meios de transporte” (Recortes 3-XX).

O enunciado (57) caracteriza o *discurso de surgir* e que é encontrado em Houaiss (2009, CD-RON), significando “passar a existir; acontecer, ocorrer”.

Nesse, tem um sentido de “buscar novas formas e meios de transporte” e um efeito de sentido de alternativa para o escoamento da produção brasileira pelos Corredores Bioceânicos, presentes em propostas de tratados regionais de livre comércio.

4.6.3. Do discurso de distâncias

(58) “[...]implantação de corredores bioceânicos [...] têm como principal base de defesa a diminuição de cerca de 4.000 milhas marítimas no trajeto Brasil – Extremo Oriente” (Recortes 3-XXII).

O enunciado (58) caracteriza o *discurso de distâncias* que, nesse âmbito, tem um sentido primitivo (original) na logística de transportes e um efeito de sentido diretamente relacionado aos custos financeiros das cargas transportadas.

Com isso, a “diminuição de cerca de 4.000 milhas marítimas” em uma rota comercial, supostamente, justificaria as inúmeras ações diplomáticas de diversas nações latino-americanas, com um sentido de formalização de acordos de livre comércio, por consequência e efeito de sentido, motivadores de reuniões do “Mercosul, Cone Sul e comissões bilaterais e trilaterais” (GEIPOT, 1996, p. 8).

4.6.4. Do discurso de objetivo

(59) “mercados do Extremo Oriente” (Recortes 3-XXII).

(60) “colocar os produtos brasileiros nos países importadores daquela região a preços bem inferiores aos atuais, gerando um grande ganho econômico” (Recortes 3-XXII).

Os enunciados (59) e (60) caracterizam o *discurso de objetivo*. Assim, tratam-se de “propósitos” (HOUAISS, 2009, CD-RON), uma parte, ditos e presentes nas formulações com um sentido de possibilidade de vantagens econômicas, com um efeito de sentido de ampliação de mercados consumidores; expansão da logística de transportes; crescimento de receitas comerciais. Outra parte, não ditos (silenciamentos), supostamente, perceptíveis pelo sentido de disputas comerciais, com um efeito de sentido de busca de destaque (protagonismo) em blocos econômicos de iniciativa latino-americanas.

4.6.5. Do discurso de omissão

(61) “o GEIPOT foi incumbido da realização de estudo que analisasse as diversas alternativas de corredores” (Recortes 3-XXI).

(62) “não havia nenhuma análise, com cálculos efetivos de custos, que demonstrasse essa redução de preço e seus ganhos econômicos” (Recortes 3-XXII).

Os enunciados (61) e (62) caracterizam o *discurso de omissão*, palavra que, em Houaiss (Idem), tem um significado “de não fazer o que moral ou juridicamente se deveria fazer, e de que resulta, ou pode resultar, prejuízo para terceiros ou para a sociedade”.

Não obstante, em (61) e (62) tem um sentido em que, até o ano de 1996, em meio a “realização de estudo que analisasse as diversas alternativas de corredores [...] não havia nenhuma análise, com cálculos efetivos de custos, que demonstrasse essa redução de preço e seus ganhos econômicos” (GEIPOT, 1996, p. 41).

Na análise da discursividade da extinta Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes (GEIPOT), evidenciou-se uma consequência e efeito de sentido derivado de indolência política, motivadora de ineficiências estruturais nos modais de transportes²⁸; de exportação de empregos e rendas; de descontrole sobre os custos logísticos; de instabilidade macroeconômica e mazelas sociais consequentes. Com efeito, podem ser correlacionadas ao negligenciamento com o planejamento estratégico de uma nação.

4.7. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM ALGUNS REPRESENTANTES DA POSIÇÃO-SUJEITO ESTADO BRASILEIRO

Dentre os recortes discursivos das “posições sujeito” entrevistadas, buscou-se, sobre tudo, aqueles que se relacionam a economia, a geopolítica, ao comércio internacional e as soberanias nacionais, com isso, foi possível selecionar uma grande diversidade de discursividades e, sobre elas, proceder análises buscando determinar em que medida “produz sentidos” (ORLANDI) e, assim, poder vislumbrar por quais mecanismos linguísticos e ideológicos, sentidos e efeito de sentidos podem estar reverberando sobre as diversas propostas de Corredores Bioceânicos. Para tanto, na seleção dos representantes da “posição-sujeito” (ORLANDI, 2013) Estado Brasileiro, considerou-se a perspectiva de aproximação de um sentido de *investidura de poderes*, a um efeito de perfil combativo, nesse contexto, o mais desejável para um candidato com potencial para a entrevista, que:

[...] não pode estar investido com qualquer poder, [...] pois os seus dizeres ou discursos necessitam de certos efeitos de sentidos e poderes para poderem circular de maneira eficaz, atingir outros e combater com outros efeitos e poderes. Isso para que possa fazer sentido e assim permanecer na luta. Para que um sujeito seja o sujeito, precisa assegurar um lugar de classe e um lugar muito significativo. (RODRIGUES, 2011, p. 25-26).

Nesse sentido, optamos por selecionar indivíduos que desfrutavam, entre os anos 1996 e 2006, de *status* no contexto político nacional, com isso, investidos, em grande medida, de autoridade e poder de articulação política capazes de influenciar, significativamente, as negociações visando a defesa de interesses brasileiros de soberania política e econômica contidos em propostas de corredores de integração Atlântico-Pacífico, nos âmbitos estadual e

28 Segundo Paulo Fernando Fleury (2002), são basicamente cinco os modais de transporte de cargas; rodoviário, ferroviário, aquaviário, dutoviário e aéreo. Cada um possui custos e características operacionais próprias, que os tornam mais adequados para certos tipos de operações e produtos. Disponível em: <http://www.admcefet.xpg.com.br/Logistica/4.2_Gestao%20Estrategica%20do%20Transporte.doc>, acesso em 02/06/2015.

nacional. Motivo pelo qual foram selecionamos um ex-coordenador geral de ações estratégicas e assuntos internacionais e um ex-governador, ambos do Estado de Mato Grosso do Sul, historicamente ligados ao ex-presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, notório defensor dos ideais do MERCOSUL.

4.7.1. Posição-sujeito entrevistado I

1. Idade: 62 anos
2. Naturalidade: Porto Murtinho/MS
3. Estado Civil: Casado
4. Ocupação: Advogado
5. Escolaridade: Nível Superior Completo

4.7.2. Assujeitamento do entrevistado I

1. Ex-coordenador geral de ações estratégicas e assuntos internacionais do governo do Estado de Mato Grosso do Sul.
2. Atualmente é prefeito do município de Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul.

4.7.3. Das Análises Discursivas do Sujeito Entrevistado I

É possível percebermos na discursividade do sujeito entrevistado ‘I’, um “plano de formulação que demarca um espaço de significação específico” (ORLANDI, 2012, p. 11), em “circunstâncias de enunciação específicas” (idem, p. 9): prefeito do município sul-mato-grossense de Porto Murtinho.

Nesse contexto, faz uso desta “posição-sujeito” (ORLANDI, 2013) de forma aparentemente consciente, de onde se esforça na “circulação de sentidos” (ORLANDI, 2012) pela estratégia de reverberação de discursos, notadamente circunstanciados em esmerada retórica, tentando produzir e reproduzir efeitos de sentido no contexto das relações diplomáticas, geopolíticas e econômicas do Brasil.

4.7.3.1. Do discurso de historicidade

(63) “Coroa Portuguesa [...] Brasil como um País unitário, como um país único, país de tamanho continental” (Recortes 4-XXIII).

(64) “lado espanhol não [...] nós tivemos aí 13 países, pequenos [...] pobres [...] com brigas entre si” (Recortes 4-XXIV).

(65) “o próprio rio Paraguai quando [...] se pega aí na revolução de 1932 [...] Getúlio ele tinha [...] completo domínio dos portos do Atlântico e não tinha dos portos interiores” (Recortes 4-XXXIV).

(66) “a revolução de 1932 [...] as armas vinham da Argentina [...] em função disso, a própria hidrovia foi condenada por um largo período” (Recortes 4-XXXV).

(67) “lá atrás [...] Já se cantava no [...] essa marcha para o oeste [...]: *quando eu saí da minha terra, despedi da parentaia, entrei no Mato Grosso, dei em terras paraguaias. Alí tinha revolução*” (Recortes 4-XLI).

Os enunciados de (63) a (67) caracterizam o *discurso de historicidade*, palavra que em Houaiss (Idem), encontramos um sentido de “conjunto dos fatores que constituem a história de uma pessoa e que condicionam seu comportamento em uma dada situação”.

Em (63) e (64) tem um sentido no acontecimento histórico de colonização-invasão da América do Sul pelos europeus, iniciado no século XV, com efeitos de sentido diversos, os quais, no caso da região onde hoje se encontra o Brasil (colonização-invasão lusitana), de unificação regional e linguística.

No caso da região onde se encontram os países fronteiriços a nação brasileira (colonização-invasão hispânica), de desintegração regional; em (65) e (66) tem, de um lado, um sentido de desinteresse estratégico com os “portos interiores” (fluviais) e, de outro lado, um sentido nas tensões históricas entre o Brasil e a Argentina, com um efeito de sentido de restrições de caráter logístico ao transporte hidroviário de cargas; em (67), tem um sentido folclórico musical, com um efeito de sentido na *expressão marcha para o Oeste*²⁹ (antigo estado do Mato Grosso, uno) e em convulsões políticas no (com o) Paraguai.

29 Segundo Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira, pela análise da designação, a expressão “marcha para o Oeste” e as palavras que a determinam circulavam estabelecendo dois espaços: o Leste e o Oeste do Brasil, ou seja, evidenciando uma fronteira entre duas regiões brasileiras. Esses espaços são apresentados como opostos, mas é a realização da “marcha para o Oeste” que apagará a antonímia, entre o leste civilizado e progressista e o Oeste selvagem e estagnado, que os constitui, extinguindo também a fronteira entre ambos. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000913774&fd=y>>, acesso em 28/01/2016.

4.7.3.2. Do discurso de conflito

(68) “temos a batalha do Pacífico [...] o Chile acaba tomando os portos da ... do... Chile do Peru” (Recortes 4-XXV).

(69) “a Guerra do Chaco, né? Da Bolívia e do Paraguai” (Recortes 4-XXVI).

(70) “Então essas revoluções, intestinas, na América do Sul prejudicou muito esse trabalho de integração [...] isso tá superado” (Recortes 4-XLII).

Os enunciados de (68) a (70) caracterizam o *discurso de conflito*, que apresenta um sentido de “enfrentamento” (HOUAISS, idem), em (68) e (69) tem um sentido nas disputas territoriais entre nações de colonização-invasão hispânica, com um efeito de sentido de subtração territorial e bloqueio do acesso marítimo de uma nação sobre outra; em (70) tem um sentido nas históricas instabilidades políticas sul-americanas, com um efeito de sentido de entaves às tentativas anteriores de integração da região.

Ainda em (70), o sujeito entrevistado ‘I’ propõe um sentido de superação de obstáculos, com um efeito de sentido de condicionamento favorável, na atualidade, para a concretização de processos de integração, proposição que pode remeter a um sentido de divergência e, conseqüentemente, um efeito de sentido em outra direção. Nesse contexto, Siqueira (2009, p. 168), pondera que “a disputa pela industrialização é feroz [...] mesmo quando conseguem atrair investimentos [...], há grandes resistências e disputas entre parceiros”, evidenciando-se, assim, a persistência de um sentido de tensões políticas, com raízes históricas profundas, permeando as relações diplomáticas entre nações latino-americanas.

4.7.3.3. Do discurso de diplomacia

(71) “A diferença entre o Paraguai e a Bolívia, o problema da Argentina com o Chile, o problema do Chile com a Argentina, com a ... com a Bolívia, eram óbices quase intransponíveis[...] a Bolívia até hoje não perdoa o Chile, por lhe ter tirado a saída pro Pacífico” (Recortes 4-XXXIII).

(72) “o próprio Brasil com a Argentina [...] certas querelas que foram ficando para trás” (Recortes 4-XXXIV).

(73) “o MERCOSUL [...] conseguiu [...] equalizar essa questão[...] hoje a Venezuela faz parte, a Bolívia também tá querendo” (Recortes 4-XXXVIII).

(74). “O Chile é muito independente, ele negocia diretamente com os Estados Unidos e com os outros países” (Recortes 4-XXXIX).

(75) “essa visita da Dilma aos Estados Unidos [...] com o Obama, quebrou muito a resistência. [...] o próprio Estados Unidos [...] começa a abrir as portas pro lado brasileiro [...] porque entende que isso é importante” (Recortes 4-XL).

Os enunciados de (71) a (75) caracterizam o *discurso de diplomacia*, em Houaiss (Idem) vemos que tem um sentido de “condução dos negócios estrangeiros de uma nação”.

Em (71) e (72) tem um sentido de rivalidade entre nações, com um efeito de sentido de obstáculos aos acordos diplomáticos; em (73) e (75) tem um sentido de convergência de interesses entre nações, com um efeito de sentido de desembaraços diplomáticos e negociações abertas ou bem-sucedidas; em (74) há um sentido de individualismo, com um efeito de sentido de rompimento com as propostas de blocos econômicos e acordos regionais.

Com isso, supomos que o sentido de individualismo do Chile se constitua, talvez, pela ambiguidade de sua posição estratégica no contexto das rotas pelo Oceano Pacífico. Nesse sentido, o país pode, ao mesmo tempo, ser uma alternativa ou um obstáculo às propostas do MERCOSUL e do NAFTA, condição motivada por sua posição geográfica que lhe confere uma faixa litorânea de, aproximadamente, 6.500 quilômetros de extensão.

4.7.3.4. Do discurso de integração

(76) “países de língua espanhola, se tornaram países pequenos e muitos deles só vão se viabilizar se houver essa integração” (Recortes 4-XXVI).

(77) “os trens do lado brasileiro não coincide com a bitola dos trens do lado argentino” (Recortes 4-XXVII).

(78) “o Chaco brasileiro está todo ele no município de Murtinho (Recortes 4-XXVIII).

(79) “O Mato Grosso do Sul [...] se possibilitar essa saída pro Pacífico, nós ganhamos uma importância logística e estratégica” (Recortes 4-XXIX).

(80) “essa integração de infraestrutura [...] não passa só pela ligação física [...], mas, principalmente na comunicação” (Recortes 4-XXXI).

(81) “A Bolívia tem [...] se ela fizesse essa ligação pelo Sul, aí por Tarica e Aquiba [...] passaríamos por uma região muito forte na produção de lítio” (Recortes 4-XXXII).

(82) “se criou um conceito geopolítico de quem mandava no rio, é quem tava na boca [...], era a Argentina” (Recortes 4-XXXVI).

(83) “Argentina do lado dela, os trilhos são todos de bitola larga, no lado brasileiro de bitola estreita [...] foram feitas [...] para não permitir integração [...] isso hoje está superado” (Recortes 4-XXXVII).

Os enunciados de (76) a (83) caracterizam o *discurso de integração*, assim, traz consigo um sentido de “unir-se, formando um todo harmonioso” (HOUAISS, idem), em (76), (77) e (83) supomos um sentido outro, opositor: um sentido de limites.

Dessa forma, podemos destacar o que segue: “só vão se viabilizar se houver essa integração”; o “lado brasileiro não coincide com [...] lado argentino”; a “bitola estreita [...] foram feitas [...] para não permitir integração”.

Nesses termos, cogitamos existirem aspectos desta dissertação atravessados por efeitos de sentido opostos, reverberando em alguns temas analisados anteriormente, notadamente na globalização das economias e das políticas mundiais, nos blocos econômicos e nos tratados de livre comércio. Nesse contexto, é possível supor a figura de um “Outro” (RODRIGUES, 2011, p. 22) do *discurso da integração* no *discurso de limites* (analisado no item 2.6), uma vez que, *integração* tem um efeito de sentido de “assimilar” (HOUAISS, 2009, CD-RON) e *limitação*, seu suposto ‘Outro’, um efeito de sentido de “separar” (idem, ibidem), por conseguinte, de obstáculo tenaz, de avesso impermeável. Assim, ao analisarmos a integração, essa, em alguma medida, é significada pela limitação.

Os enunciados (78), (79), (80), (81) e (82) tem um sentido *de logística*, assim, de “diminuir o hiato entre a produção e a demanda, de modo que os consumidores tenham bens e serviços quando e onde quiserem, e na condição física que desejarem” (BALLOU, 2009, p. 17), com um efeito de sentido de superação de obstáculos para atingimento de metas de redução de custos e maximização de resultados.

4.7.3.5. Do discurso de liderança

(84) “a embaixada paraguaia, com a embaixada de vários países, foi a onde a embaixada paraguaia, demonstrou esse interesse em função do desenvolvimento atual do Chaco paraguaio” (Recortes 5-XLIV).

(85) “o embaixador paraguaio em Brasília, ele promoveu um almoço na embaixada paraguaia com toda a bancada federal do Mato Grosso do Sul” (Recortes 5-XLV).

(86) “antigamente o Itamarati era um órgão muito distante, hoje a diplomacia moderna não se faz mais via, [...] canais diplomáticos [...] a diplomacia se abriu [...] pros estados [...] municípios envolvidos” (Recortes 5-XLIX).

(87) “o próprio governo brasileiro criando [...] o ensino sem fronteira [...] programas sociais para ajudar na questão da saúde [...] o atendimento na esfera social [...] com projetos de conurbação” (Recortes 5-L).

Os enunciados de (84) a (87) caracterizam o *discurso de liderança*, que tem um sentido de “espírito de chefia; autoridade, ascendência” (HOUAISS, 2009, CD-RON).

Em (84) e (85) tem um sentido de iniciativa e protagonismo e um efeito de sentido de ampliação das possibilidades comerciais e prospecção de novos negócios, na medida em que a Embaixada do Paraguai patrocina eventos, supostamente, para promoção de interesses nacionais; em (86) e (87) tem um sentido “não-dito” de vazio político e um efeito de sentido de ausência/omissão.

Nessa ordem, assuntos relativos a fronteira oeste (divisa do Brasil com o Paraguai e com a Bolívia), em alguma medida, estariam fora do radar diplomático do Itamaraty³⁰. Os mesmos enunciados têm um outro efeito de sentido, o de ocupação de espaços políticos vazios, numa espécie de diplomacia informal, uma vez que, é praticada diretamente por Estados, Municípios e alguns ministérios, alheios a diplomacia oficial, motivados, talvez, pela defesa de interesses comuns relativos as oportunidades ligadas ao comércio internacional, supostamente, negligenciados pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

4.7.3.6. Do discurso de bloco

(88) “em agosto de 2000 [...] todos os países da América do Sul [...] Em Brasília, e lança o IIRSA³¹” (Recortes 4-XXX).

(89) “um organismo que foi muito fundamental pra a gente vencer todas essas barreiras e queimar etapas, que é o ZICOSUR, a Zona de Integração do Centro Oeste Americano, enquanto movimento ele começa em Antofagasta”. (Recortes 5-XLVI).

(90) “Eu penso que aí o MERCOSUL também [...] na época do Sarney ajudou bastante” (Recortes 5-XLVIII).

³⁰ Até 1970, a sede do Ministério das Relações Exteriores era o Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro – e, informalmente, o Ministério passou a ser conhecido pelo nome do edifício que o abrigava. O costume foi mantido à época da mudança para Brasília, pois o Palácio dos Arcos – nome original do edifício concebido por Oscar Niemeyer – não tardou a ser chamado “Palácio Itamaraty”. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=699&Itemid=131&lang=pt-BR#I.3>, acesso em 24/09/2015.

³¹ A Iniciativa de Integração da Infra-estrutura Regional Sul-americana, mais conhecida como IIRSA, é um processo multisetorial que pretende desenvolver e integrar as áreas de transporte, energia e telecomunicações da América do Sul, em dez anos. Disponível em < <http://www.riosvivos.org.br/Canal/IIRSA/214>>, acesso em 21/09/2015.

(91) “a ALCA previa, era um certo engessamento [...] Pra poder se tirar proveito de determinados mercados [...] de um certo aprisionamento nessa questão bilateral ou multilateral do comércio”. (Recortes 5-LII).

Os enunciados de (88) a (91) caracterizam o discurso de bloco, ponderado em 2.0 (Breve história dos alicerces dos blocos econômicos), assim, em (88) e (89) tem um sentido de infraestrutura, com um efeito de sentido de integração logística da América Latina; em (90) e (91) tem um sentido de disputas e um efeito de sentido, para os estadunidenses, de hegemonia continental e para os brasileiros, de protagonismo e autonomia regional.

Desse modo, tais “condições de produção” (ORLANDI, 2013, p. 30-31), poderiam estar atravessadas por interesses político-econômicos, reverberando, de um lado, em um sentido de “aliança” (HOUAISS, 2009, CD-RON) e, de outro lado, em um sentido de “matéria sólida” (idem, ibidem). Nesses termos, um mesmo discurso pode ter efeitos discursivos diversos, contudo, derivando um do outro e, com isso, significando e re-significando pelo influxo do “interdiscurso” (ORLANDI, 2013), [do já dito]. Daí é possível termos para *bloco*, um efeito de sentido contemporâneo de “pacto ou tratado” (HOUAISS, ibidem), atravessado por um outro efeito de sentido, este primordial, de “estável, seguro, firme e inabalável” (HOUAISS, ibidem), que uma aliança político-econômica sólida entre nações soberanas precisa aparentar, a fim de uma eventual contraposição a interesses externos.

4.7.3.7. Do discurso de otimismo

(92) “isso tá maduro, nós alcançamos um objetivo principal que era sensibilizar essas esferas superiores que onde [...] vai, realmente, tornar isso definitivo e concreto” (Recortes 5-XLVII).

(93) “o Senador Uchoua dizia que: *“Las grandes obras las sueñan los santos locos. Las realizan los luchadores natos. Las disfrutan los felices cuerdos y las critican los imbeciles crónicos*”³² (Recortes 5-LIV).

(94) “Eu sonhava muito com o porto de Murinho e ele funcionou por um tempo” (Recortes 5-LV).

(95) “Eu já levei a UEMS [...] na Colônia é [...] Municipal da Cachoeira do Apa.. é [...] quer fazer alí um núcleo de pesquisa da ectiofauna e da flora” (Recortes 5-LVI).

³² As grandes obras, as sonham os santos loucos. As realizam os lutadores natos. As desfrutam os felizes sensatos e as criticam os imbecis crônicos. (Tradução livre).

(96) “tô fazendo um convênio [...] pesquisa sobre o Chaco, e eu estou desafiando a UFMS a montar um centro” (Recortes 5-LVII).

(97) “nós temos um polo acadêmico em Murtinho [...] para transformar [...] num centro de monitoramento e estudo do Chaco”. (Recortes 5-LVIII).

(98) “Eu tô cansado de ver o povo [...] de Murtinho e alí do Paraguai, [...] passando necessidade”. (Recortes 5-LIX).

(99) “nós começamos a inverter essa lógica e eu penso que nós precisamos nos unir, pra através dessa integração, promover o bem-estar das pessoas”. (Recortes 5-LX).

Os enunciados de (92) a (99) caracterizam o *discurso de otimismo*, que tem em Houaiss (idem) um sentido de “disposição para ver as coisas pelo lado bom e esperar sempre uma solução favorável, mesmo nas situações mais difíceis”.

Em (92) tem um sentido de *maduro*, com isso, “de produzir o resultado esperado” (HOUAISS, idem), com um efeito de sentido onde, uma vez percorridas todas as etapas possíveis de negociações/argumentações, tornou-se apto à conclusão das propostas/objetivos almejados, restando apenas as ações das *esferas superiores que onde [...] vai, realmente, tornar isso definitivo e concreto*; em (93) tem um sentido proverbial na afirmação de uma suposta “posição-sujeito” (ORLANDI, 2013) *Senador*, asseverando que *Las grandes obras las sueñan los santos locos. Las realizan los luchadores natos. Las disfrutan los felices cuerdos y las critican los imbeciles crónicos*, nesse contexto, o “dito” sentido de *provérbio* pode-se ver definido em Guimarães (2005, p. 25-26), assim, segundo o semanticista:

[...] dito como aquilo que todos dizem. Um todos que se apresenta como diluído numa indefinição de fronteiras para o conjunto desse todos. O enunciador se mostra como dizendo com todos os outros: se mostra como um indivíduo que escolhe falar tal como todos os outros indivíduos, uma outra forma de se apresentar como *independente* da história. [...] quando a enunciação representa o Locutor como difuso num todos em que o indivíduo fala como e com outros indivíduos.

Dessa forma, pode ter um efeito de sentido que traduz algo grandioso, significado por uma vontade irrefreável, por uma importância inquestionável de concretização dos corredores de integração da América Latina, para a região do Chaco³³.

Os subitens (94), (98) e (99) tem um sentido de *motivo*, assim, “que põe alguém em prontidão para a ação” (HOUAISS, idem), com um efeito de sentido de possibilidade de

³³ Segundo Emerson Santiago, Chaco é a região do Pantanal (no Paraguai, o pantanal local recebe o nome de "chaco"), de terras de menos de 200m de altitude. Disponível em <<http://www.infoescola.com/hidrografia/bacia-do-paraguai/>>, acesso em 25/09/2015.

encurtar a distância entre os problemas de “baixo dinamismo de progresso técnico e produtividade, desigualdade social” (COLISTETE, 2001) e suas soluções, isso através do desenvolvimento econômico e social da região do Chaco, derivados de uma possível inclusão da cidade de Porto Murtinho em uma das rotas (corredores) de acesso ao Oceano Pacífico; em (95), (96) e (97) tem um sentido *motor*, “que causa ou proporciona avanço, desenvolvimento, progresso” (HOUAISS, idem), com um efeito de sentido de levantamento dos potenciais econômicos, do ecoturismo e dos recursos naturais do Chaco, em alguma medida, tal *motor* “gera movimento, esforço, incentivo” (idem) no sentido de alavancar o *status* daquela cidade no cenário econômico nacional.

4.7.3.8. Do discurso de apogeu

(100) “Nós éramos um povo [...] cinquenta anos em rebelião, essa rebelião parou, tá [...] abrindo um momento, um espaço importante para a integração [...] cultural, científica, tecnológica [...] de infraestrutura e do comércio”. (Recortes 5-XLIII).

(101) “então eu acho que avançou muito hoje e nós estamos completamente preparados para exercitar na prática essa integração”. (Recortes 5-LI).

(102) “Então eu acho que na verdade todo mundo ganha com isso, esse é um jogo de ganha-ganha”. (Recortes 5-LIII).

Os enunciados de (100) a (102) caracterizam o *discurso de apogeu*, com um sentido em Houaiss (2009. CD-RON) de “o mais alto grau; o auge, a culminância”.

Em (100) tem um sentido de *abertura*, com um efeito de sentido de “acessibilidade, receptividade” (idem) à diplomacia latino-americana, por conta do momento histórico da existência de “um espaço importante para a integração [...] cultural, científica, tecnológica [...] de infraestrutura e do comércio” da região do Chaco; em (101) tem um sentido de *preparado*, com um efeito de sentido de “em condições de fazer (algo); pronto, disposto” (idem) para, a partir disso, “exercitar na prática essa integração” que, conseqüentemente, afetaria de forma muito positiva os Municípios, os Estados, e as Nações no contexto da região do Chaco, em relação as possibilidades socioeconômicas dos corredores (rotas) de ligação Atlântico-Pacífico; em (102) tem um sentido de “ganha-ganha”, com um efeito de sentido de vantagens para ambos os lados (ou interesses envolvidos) numa relação/transação comercial, prospectando, tanto para um, quanto para outro, sob quaisquer perspectivas, a certeza de uma lucratividade/vantagem iminente.

4.7.4. Posição-sujeito entrevistado II

1. Idade: 65 anos
2. Naturalidade: Porto Murtinho/MS
3. Estado Civil: Casado
4. Ocupação: Advogado
5. Escolaridade: Nível Superior Completo

4.7.5. Assujeitamento do entrevistado II

1. Ex-governador do Estado de Estado de Mato Grosso do Sul.
2. Atualmente é deputado federal por Mato Grosso do Sul.

4.7.6. Das Análises Discursivas do Sujeito Entrevistado II

Parte substancial da discursividade ora analisado contempla um proeminente sentido de *antagonismo*, com um efeito de “forte oposição de ideias, [...] grupos sociais” (HOUAISS, 2009, CD-RON), nesses termos, enseja um “contexto” (ORLANDI) no qual é possível observarmos o engajamento do sujeito entrevistado II como o “Outro” (RODRIGUES, 2011, p. 22) de forças conservadoras e tradicionais do Estado de Mato Grosso do Sul, cuja historicidade guarda um sentido de tensão com um acirramento em rivalidades político-partidárias que, por consequência e efeito de sentido, alçaram-no através de pleito eleitoral “posição-sujeito” (ORLANDI, 2013) governador do Estado, com isso, passa a ocupar um importante “espaço de significação” (ORLANDI, 2012) nas discussões sobre o tema Corredor Bioceânico.

4.7.6.1. Do discurso de historicidade

(103) “que é o grande anseio [...] a mais de cem anos, porque essa história de integração começa com os bandeirantes lá atrás, buscando um caminho de nos [...] permitir uma saída pro pacífico e, conseqüentemente, nos estabelecer como fornecedor de commodities pra o mercado asiático” (Recortes 6-LXI).

(104) “as pessoas me perguntavam que [...] é essa história de bioceânica [...]” (Recortes 6-LXIII).

(105) “que a mais de cem anos os Estados Unidos fez a sua ligação bioceânica, ligando o Atlântico ao Pacífico, começaram a entender que aqui também era factível” (Recortes 6-LXII).

(106) “Se você considerá [...] que a cem ... cento e cinquenta anos atrás, os bandeirantes já sonhavam com a ideia de integração, [...], de corredor bioceânico” (Recortes 6-LXIII).

(107) “Se é verdade, e é que a cem, cento e cinquenta anos os bandeirantes sonhavam com a [...] ligação bioceânica Atlântico-Pacífico [...]” (Recortes 6-LXIV).

(108) “No Brasil. Também, nunca se discutiu. A bem da verdade, o grande debate sobre integração [...]. América Latina e da América do Sul, em particular, aconteceu a partir de 2000 ... 2003, com o advento do governo Lula. (Recortes 6-LXXXVI).

Os enunciados de (103) a (108) caracterizam o *discurso de historicidade*, presente no item (4.7.3.1.), com um sentido de “*conjunto dos fatores que constituem a história de uma pessoa e que condicionam seu comportamento em uma dada situação*”.

Em (103), (104), (105), (106) e (107) tem um sentido no acontecimento histórico *Marcha para o Oeste*, nesse sentido, Oliveira (2013, p. 198), assevera que:

A expressão [...] e as palavras que a determinam circulavam estabelecendo dois espaços: o Leste e o Oeste do Brasil, ou seja, evidenciando uma fronteira entre duas regiões brasileiras. Esses espaços são apresentados como opostos, mas é a realização da “marcha para o Oeste” que apagará a antonímia, entre o Leste civilizado e progressista e o Oeste selvagem e estagnado, que os constitui, extinguindo também a fronteira entre ambos.

Com isso, é possível considerarmos nas raízes históricas (memória do dizer) da expansão/exploração territorial brasileira da década de 1940, bem como, da ocupação colonial das Américas pela coroa portuguesa, partindo do lado Atlântico, e pela coroa espanhola, partindo do lado Pacífico, um efeito de sentido de disputas pela posse da terra; em (104) tem um sentido de ignorância, com dois efeitos possíveis: um de desconhecimento dos acontecimentos históricos e o outro, de tardio despertar para a importância econômica e estratégica correspondentes ao tema *ligação bioceânica*.

Em (108) tem um sentido de *indolência política*, cujos sentido e efeito foram analisados anteriormente no item (4.6.5), *discurso de omissão*, nesse contexto, em (4.7.6.1.) podemos perceber um sentido de retardamento político apontado pelo próprio sujeito entrevistado II, com um efeito em que apenas “aconteceu a partir de 2000 [...] 2003, com o advento do governo Lula”, tal efeito pode ser evidenciado através da “memória do dizer” (ORLANDI, 2012), quando confrontado com dois acontecimentos históricos, quais sejam: 1) as expedições em território brasileiro, rumo a fronteira Oeste (antigo Mato Grosso),

organizadas pelos Bandeirantes a séculos atrás; 2) o expansionismo em território estadunidense em busca da ligação Atlântico-Pacífico, em período histórico semelhante.

4.7.6.2. Do discurso de obstáculo

(109) “Havia e há. Há barreiras do ponto de vista alfandegário, do ponto de vista ambiental, do ponto de vista tributário, que nós não teremos dificuldade de superar uma articulação dentro do Mercosul” (Recortes 6-XC).

(110) “que a partir da unificação desse projeto que nos unifica através do bloco [...] seja capaz de superar restrição” (Recortes 6- XCIV).

(111) “o fim da famosa Noroeste do Brasil, privatizada [...], que integrava o Mato Grosso do Sul a São Paulo via ferrovia, e nos colocava como alternativa pra sai pro pacífico (Recortes 6-LXI).

(112) “o próprio de Mariel, em Cuba, também financiado com recursos do Brasil, [...] não teve grandes obstáculos. (Recortes 6-LXIX).

(113) “o próprio de Mariel, em Cuba, [...], quando falo dele, porque tô falando que é uma coisa muito mais sensível aos interesses da economia americana do que a integração sul-americana. Portanto, não vejo obstáculo. (Recortes 6-LXIX).

(114) “se tinha, ou ainda se tem, um discurso de que a ferrovia métrica, ela hoje é inviável [...] técnicos do Brasil em Brasília [...], provou que esta não é uma verdade [...]” (Recortes 6-LXVI).

(115) “um posto de fiscalização [...], um da Argentina e outro do Chile, e os dois fiscalizavam absolutamente [...] a mesma coisa, [...] esse tipo de demora [...] torna cada vez menos competitivo”. (Recortes 6-CXIV).

(116) “ver como que nós [...] canalizamos recursos para modernizar a ferrovia, dá segurança de transporte de carga pra que ela volte a operar na sua intensidade. (Recortes 6-CXV).

Os enunciados de (109) a (116) caracterizam o *discurso de obstáculo*, com um efeito de sentido de “algo que impede ou atrapalha o movimento, a progressão [...]” (HOUAISS, 2009, CD-ROM).

Em (109), (110), (111), (114), (115) e (116) tem um sentido de *barreiras*, com um efeito de sentido em uma logística de transportes, assim, os pontos de vista “ambiental”, “tributário”, alfandegário (*fiscalização*) e de “*superar restrição*”, que permeiam o “intradiscurso” (ORLANDI, 2013) conceitual da Logística, são fatores que antecedem soluções dessa ordem, nesses termos, se vale de um direcionamento ou solução com um

sentido negocial (diplomático) “*dentro do Mercosul*”. No entanto, tratando-se do “*fim da famosa Noroeste do Brasil, privatizada*” (enquanto importante ferrovia de ligação inter-regional), de “*modernizar as ferrovias*” e da “*segurança no transporte*”, adentra-se na seara de um “interdiscurso” (ORLANDI, 2013) logístico, ora vislumbrados por possíveis soluções com um sentido real-efetivo dessa ordem, em outras palavras, execução de obras de engenharia antecidas dos respectivos projetos e ladeados de um sentido de aplicação de vultosos recursos financeiros, com um efeito de sentido de um dos maiores *obstáculos* enfrentados pelos países integrantes do MERCOSUL: financiamento.

Em (112) tem um sentido de *rebeldia*, com um efeito de sentido de “tendência contrária; oposição, resistência” (HOUAISS, *idem*), assim, o fato da nação brasileira negociar politicamente com a nação cubana a construção do Porto *de Mariel*, tratando-se de uma nação sob um embargo (bloqueio) econômico, imposto pelos Estados Unidos da América, desde a década de 1960, para além disso, financiar tais obras e executá-las através de empreiteiras com sede no Brasil, tem um efeito de sentido simbolicamente rebelde aos interesses político-econômicos da Nação Potência.

Em (113) tem um sentido *contraditório*, com um efeito de sentido de “incoerente” (*idem*, *ibidem*), uma vez que, o sujeito entrevistado II se refere ao Porto cubano *de Mariel*, como uma obra “*muito mais sensível aos interesses da economia americana do que a integração sul-americana*”, ou seja, abriu-se a possibilidade da percepção de que um Porto é “mais sensível aos interesses [...] do que a integração sul-americana”, nesse contexto, se um é mais do que outro, em alguma medida, ambos são. Mesmo assim, o sujeito entrevistado II afirma: “*Portanto, não vejo obstáculo*”. Nesses termos, conjecturamos que a incoerência pode ser derivada de um sentido de foco político regional ou receio de implicações de contendas comerciais, vislumbrando-se a reverberação dessa “circulação de sentidos” (ORLANDI, 2012), em relação direta com as posições-sujeito ex-governador e deputado federal no Brasil.

4.7.6.3. Do discurso de conflito

(117) “tem uma disputa enorme, como tem com o Chile e a Bolívia, uma coisa até hoje não resolvida” (Recortes 6-LXVII).

O enunciado de (117) caracteriza o *discurso de conflito*, significado pelo sujeito entrevistado II como: *disputa enorme*. Nesse contexto, o sentido de *disputa* é acentuado pelo

efeito de *enorme*, tal efeito, supostamente, é atravessado por uma historicidade (memória) beligerante entre Bolívia e Chile, desse modo, podemos supor um “retorno aos mesmos espaços do dizer” (ORLANDI, 2013, p. 36) ao sopesarmos a subtração do território boliviano, pelos chilenos, como consequência e efeito de sentido, seu isolamento das águas do Oceano Pacífico, isso em relação as atuais frustradas tentativas de entendimento diplomático dessas nações em questões de toda a ordem.

De outro modo, é possível a percepção de silenciamentos no discurso ora analisado, para isso, observamos o fato do efeito de *enorme* ser sucedido da expressão “como tem com o”, com isso, vislumbramos margem à um “pressuposto” (ORLANDI, 2013) de que, se *tem com o [Chile e a Bolívia]*, pode ter com outras nações. Com isso, evidenciasse na “circulação de sentidos” (ORLANDI, 2012) do sujeito entrevistado II, a presença do silenciar de entraves em negociações com outras nações latino-americanas, como foi nos casos exemplificados por Siqueira (2009, p. 168), um, relativo ao conflito diplomático entre o Uruguai e a Argentina por investimentos finlandeses oriundos da construção de uma indústria de papel, para um ou para outro território; o outro exemplo:

[...] quando aumentou muito a importação de eletrodomésticos e calçados brasileiros, os produtores argentinos pediram e foram atendidos por seu governo com medidas de proteção. Quando os argentinos passaram a vender garrafas *pet* aqui, foi a vez dos brasileiros reclamarem. Resumindo, quando a balança comercial pende para um lado ou outro, são pedidas restrições e salvaguardas pelo lado afetado.

Nesse contexto, supomos um sentido em que na mesma medida que a *diplomacia do mundo moderno* pode resolver conflitos, pode também acirrá-los ainda mais, como consequência e efeito de sentido, sujeitar negociações futuras a entraves de toda ordem.

4.7.6.4. Do discurso de diplomacia

(118) “Porque a diplomacia, o mundo moderno tem hoje elementos mais eficazes pra superação”. (Recortes 6-LXVII).

(119) Vejo [...] a necessidade da gente intensificar a discussão pra convencimento de todo mundo e agilizar as iniciativas que devem ser tomadas” (Recortes 6-LXIX).

(120) “é possível a gente construir, respeitando a individualidade, respeitando a soberania de cada um desses países, de cada um desses povos [...]” (Recortes 6-LXX).

(121) “trabalhar pra construir a ponte, [...] asfaltá as carreiras, ou as rodovias pra chegar com o caminhão de grande porte aos portos do Chile, mas também trabalhar a ideia da ferrovia [...]” (Recortes 6-LXXI).

(122) “Já estive junto com prefeito Heitor, [...], junto com [...] deputado Vander, deputado Dagoberto, com o embaixador do Paraguai em Assunção, tratando disso [...]” (Recortes 6-LXXIII).

Os enunciados de (118) a (122) caracterizam o *discurso de diplomacia*, presente no item (4.7.3.3.), com um sentido de “*condução dos negócios estrangeiros de uma nação*” (HOUAISS, 2009, CD-RON). Em (118) e (120) tem, de um lado, um sentido de proativo, com efeitos de sentido de eficácia e de superação; de outro lado, um sentido de soberania ou *autodeterminação*, com um “efeito de decidir por si mesmo; livre escolha do próprio destino” (HOUAISS, idem), para as nações latino-americanas perante negociações de acordos de livre comércio; em (119) e (121) tem um sentido de *político*, tendo como um de seus efeitos o de ser “prudente [...] em coisas práticas; diplomático” (HOUAISS, idem).

Com isso, uma parte, diplomático nas discussões “pra convencimento de todo mundo”; outra parte, prudente com as questões operacionais relativas a logística da *ligação bioceânica*, tais como: pontes; rodovias; ferrovias; em (122) tem um sentido de *protagonismo*, com um efeito de sentido, para a “posição-sujeito” (ORLANDI, 2013) em questão, “de indivíduo que tem papel de destaque num acontecimento” (HOUAISS, idem), neste caso, da iniciativa política nas conversações sobre o tema da *ligação bioceânica*, no âmbito do Estado de Mato Grosso do Sul.

4.7.6.5. Do discurso de integração

(123) “estabelecer as oportunidades e a viabilidade da recuperação dessa ferrovia, [...] que sai de Santos com o nome de Bandeirantes até Bauru, de Bauru até Corumbá [...], no território da Bolívia até Santa Cruz, até Salto na Argentina, atravessando a Cordilheira” (Recortes 6-LXXV).

(124) “evidentemente, que nós nos deparamos com a problemática do escoamento, principalmente, não só do escoamento, do escoamento barateando o custo, [...] no transporte desta produção” (Recortes 6-LXXVII).

(125) “E aí, nós começamos a, concretamente, frente a este dilema, de como escoar produção barateando o custo, a trabalhar a ideia da saída bioceânica. Nós temos que entender a ideia da saída bioceânica [...] do ponto de vista do transporte rodoviário” (Recortes 6-LXXVIII).

(126) “aproxima aproximadamente 7.500 quilômetros de distância daqui pro mercado asiático, [...] significa algo como quinze dias de navios de transporte de contêiner em alto mar” (Recortes 6-LXXX).

(127) “ferrovia que vem, [...] com o nome de ferrovia Bandeirantes de Santos até Bauru. De Bauru até Corumbá, atravessando Três Lagoas, Campo Grande, [...], como a antiga Noroeste do Brasil. Lá na divisa de Corumbá com a Bolívia ela recebe a Ferro Carril, Boliviana [...], vai até Santa Cruz de La Sierra. [...] desce ao sul da Bolívia e vai se encontrar com uma outra ferrovia que vem do rio Paraguai, no território da Argentina [...]” (Recortes 6-LXXXI).

(128) “ponte sobre o rio Paraguai em Porto Murtinho, esse é um projeto concreto, viável, [...] de acordo binacional Brasil e Paraguai estabelecido escrito, [...] assinatura dos dois presidentes” (Recortes 6-LXXXII).

(129) “essa integração também [...] de [...] normas técnicas, de fiscalização, de equipes, nós temos que facilitar, porque senão nós vamos [...] construir os canais de integração física e vamos dificultar do ponto de vista da integração econômica” (Recortes 6-LXXXIII).

(130) “O que nós precisamos é nos integrar, [...] do ponto de vista econômico[...] cultural [...] turístico, e pra isto a gente precisa de uma primeira integração, a integração física, [...] Melhor, rodoferroviária” (Recortes 6-LXXXIX).

Os enunciados de (123) a (130) caracterizam o *discurso de integração*, significado em (4.7.3.4.), com um sentido de “*unir-se, formando um todo harmonioso*” (HOUAISS, *idem*), em (123), (124), (125), (126), (127), (128) e (130) tem um sentido *de logística*, também presente em (4.7.3.4) e significado como: “*diminuir o hiato entre a produção e a demanda, de modo que os consumidores tenham bens e serviços quando e onde quiserem, e na condição física que desejarem*” (BALLOU, 2009, p. 17), no caso ora analisado, tem um efeito de sentido de operacionalização logística das rotas entre o Brasil e os portos chilenos e peruanos no Oceano pacífico.

Em (129) tem um sentido de legalidade, presente no item (4.2.4.) e ali tratado como: *qualidade de legal ou sistema conforme a lei*. Contudo, tratando-se do MERCOSUL, tornou-se perceptível algumas particularidades, especialmente quanto aos aspectos que dizem respeito as relações diplomáticas que tem *um sentido de modificação das normas legais dos Estados-parte, no que tange às barreiras não tarifárias, para o comércio internacional, as quais representam os limites norteadores das relações jurídicas entre nações soberanas*, que podem encontrar em (4.7.6.5.), respostas adversas às questões levantadas anteriormente, ainda em (4.2.4.), quais sejam:

1. *Quem realmente se beneficiaria de um acordo comercial sem quaisquer regulamentações de ordem jurídica?*
2. *Será que os efeitos de uma desregulamentação impactariam da mesma forma em todos os Estados-parte?*

Nesse contexto, é possível percebermos um sentido de condições favoráveis a padronização das relações comerciais entre os *Estados-parte*, uma vez que, tratam-se de relações aparentemente soberanas. Não obstante, também podemos encontrar no depoimento do sujeito entrevistado II um sentido de preocupação com a possibilidade de a integração *física* não estar sendo ladeada por um sentido de celeridade na aprovação do respectivo conjunto de normas regulamentadoras desse mercado e, com isso, enfrentar-se-iam a possibilidade de um efeito de sentido de obstáculos à superação das barreiras não-tarifárias ao livre comércio entre as nações integrantes do MERCOSUL.

4.7.6.6. Do discurso de liderança

(131) “doze, quinze anos do meu sonho como governador, acho que é muito pouco tempo, [...] pra gente tornar tudo isso realidade”. (Recortes 6-LXIII).

(132) “nós começamos a sonhar aqui em 99, quando eu assumi o governo do Estado, e tem mais dez, quinze pra viabiliza isso [...]”. (Recortes 6-LXIV).

(133) “Volto a insistir na história dum grande articulador disso tudo, que aproximou essa gente todinha, chamado Luiz Inácio Lula da Silva [...]”. (Recortes 6-LXVII).

(134) “e eu já subi a Cordilheira dos Andes nesse trem, nessa ferrovia, atravessa a cordilheira e vai até Antofagasta. (Recortes 6-LXXI).

(135) “antes dessa entrevista, e eu tô falando pela primeira vez, tive em São...em Brasília, eu e deputado Vander, junto com equipe do governo do Estado [...], reestabelecendo contato, pra nós voltá a trabalha a ideia da ponte sobre o rio Paraguai em Porto Murtinho”. (Recortes 6-LXXII).

(136) “eu tenho trabalhado em Brasília, [...] na ANTT e dentro do Congresso Nacional a ideia de retomar o debate sobre a recuperação da antiga Noroeste” (Recortes 6- LXXIII).

(137) “Ganho as eleições e operamos uma grande mudança na história do desenvolvimento social e econômico do Mato Grosso do Sul, e aí, por isso essa história rápida, aí pela primeira vez me aproximo do tema integração ou ligação bioceânica – Integração da América do Sul”. (Recortes 6-LXXVI).

(138) “as relações que eu tenho estabelecido com a Federação dos Ferroviários do Brasil, com a ANTT, com o BNDES pra gente estabelecer mandato deputado Zeca do PT [...], Federação

dos Ferroviários do Brasil, Sindicato dos Ferroviários do Mato Grosso do Sul, a ANTT e BNDES e, conseqüentemente, a Câmara dos Deputados, um grande seminário com especialistas do Brasil, pra nós e os empresários, evidentemente interessados” (Recortes 6-LXXV).

(139) “Lula foi um grande [...] visionário, um grande comandante, um grande motivador da história da integração, [...] o presidente Lula, viabilizou [...] os empréstimos pra Bolívia fazê o asfaltamento, [...] da divisa do Brasil em Corumbá até Santa Cruz” (Recortes 6-LXXXVI).

(140) “também por articulação da figura do presidente Lula, incorporou a Bolívia, incorporou a Venezuela, né? Permitindo a nós a construção [...] de um projeto que nos unificasse, e que a partir da unificação desse projeto que nos unifica através do bloco, né? Hã ... seja capaz de superar restrição” (Recortes 6-XCIV).

(141) “Eu, quando governador, comecei a fazer com o presidente Fernando Henrique. [], nos meus primeiros quatro anos; [] quatro anos do presidente Lula. Lá com o Fernando Henrique a gente já começava a discutir o papel e o peso que o Mercosul pode jogá do ponto de vista de viabilizá a integração” (Recortes 6-XCVI).

Os enunciados de (131) a (141) caracterizam o *discurso de liderança*, tratado em (4.7.3.5.), com um sentido de “*espírito de chefia; autoridade, ascendência*” (HOUAISS, 2009, CD-ROM), em (131), (132), (134), (135), (136), (137), (138) e (141) tem um sentido de iniciativa e protagonismo relacionadas a uma “*posição-sujeito*” (ORLANDI, 2013) regional-nacional brasileira (Governador de Estado-Deputado Federal), conquistadas através de pleito eleitoral pelo sujeito entrevistado II e de onde atua na “*circulação de sentidos*” (ORLANDI, 2012) em diversos foros de discussão sobre os corredores bioceânicos, tencionando a viabilidade do Estado de Mato Grosso do Sul como a melhor rota alternativa para a integração do Brasil.

Com isso, foi possível vislumbrar nas análises do *discurso de liderança* sentidos variados de historicidade; de política; de logística; de diplomacia, convergindo à uma consequência e efeito de sentido comum de *Integração da América do Sul*.

Em (133), (139) e (140) tem um sentido semelhante ao anteriormente analisado, porém, trata-se neste caso de “*posição-sujeito*” (ORLANDI, 2013) nacional-internacional (Presidente da República), também conquistada através de pleito eleitoral pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, identificado pelas análises do intradiscurso (dito) de acordos de livre comércio e entrevistas, com um sentido de destaque na “*circulação de sentidos*” (ORLANDI, 2012) do sujeito entrevistado II e de Siqueira (2009), por consequência e efeito de sentido, o ex-presidente figura como o grande responsável pelos avanços nas negociações

do MERCOSUL na América Latina e, supostamente, opositor tenaz às investidas estadunidenses de domínio comercial do continente.

4.7.6.7. Do discurso de bloco

(142) “nós buscá a saída rodoferroviária [...] pro Pacífico nos torná [...] o centro. Se nós abrissemos aqui o mapa da América do Sul, você vai perceber que o Mato Grosso do Sul tá no centro, do coração da América do Sul. Portanto, nós não vamos ser final de linha, vamos ser o meio da linha, altamente competitivo” (Recortes 6- XCI).

(143) “Do ponto de vista político, não só pra nós, pro Brasil, mas para a América do Sul, a integração que vai, conseqüentemente melhorar a qualidade de vida” (Recortes 6- XCII).

(144) “Nós já demos um grande avanço [...] Com a criação dos blocos [...] Nós aqui, no caso, o Mercosul” (Recortes 6-XCIV).

(145) “A Europa discutiu por mais de cinquenta anos a moeda comum [] perseguiu a ideia do Euro, [...] uma moeda que os unificasse, respeitando as suas individualidades. A França continua a França, a Inglaterra continua Inglaterra, Alemanha continua Alemanha, Espanha continua Espanha, Portugal continua Portugal, com as suas particularidades, com os seus problemas, com as suas vantagens. Tem uma coisa que os unifica do ponto de vista comercial: tem uma só moeda [...]” (Recortes 6-C).

(146) “Iá atrás também nós já fazíamos também essa discussão, e a bem da verdade, a respeito dessa discussão do papel que o Mercosul pode ter [] na questão da integração e do corredor bioceânico. (Recortes 6-XCVI).

(147) “Nós já demos um grande avanço [] Com a criação dos blocos [...] Nós aqui, no caso, o Mercosul, que depois, também por articulação da figura do presidente Lula, incorporou a Bolívia, incorporou a Venezuela [...] Permitindo a nós a construção [...] de um projeto que nos unificasse (Recortes 6-XCVIII).

(148) “acho que o papel do Mercosul é muito importante do ponto de vista, nas reuniões ordinárias dos presidentes que [] participam do Mercosul começaram a levanta essa bandeira e esse debate” (Recortes 6-XCIX).

(149) “O que precisa é todo mundo bota como prioridade política [] acho que o papel do Mercosul é muito importante do ponto de vista, nas reuniões ordinárias dos presidentes que [] participam do Mercosul começaram a levanta essa bandeira e esse debate” (Recortes 6-CI).

Os enunciados de (142) a (149) caracterizam o *discurso de bloco*, ponderado em (2.0) como “breve história dos alicerces dos blocos econômicos” e analisado em (4.7.3.6.), com um

sentido de *infraestrutura, com um efeito de sentido de integração logística da América Latina*.

E (142), (143), (144) e (149) tem um sentido de geopolítica, conjecturando-se o “fator geográfico presente na história dos povos e na política dos Estados” (REVISTA GEOPOLÍTICA, 2014), assim, pode-se ter um efeito de sentido de *estratégia*, nesse contexto significada como uma maneira “de aplicar com eficácia os recursos de que se dispõe ou de explorar as condições favoráveis de que porventura se desfrute, visando ao alcance de determinados objetivos” (HOUAISS, 2009, CD-ROM), isso posto, na análise do “interdiscurso” (ORLANDI, 2013) foi possível apreciarmos no sentido de estratégia, um efeito de sentido de objetivo bastante sugestivo, assim vejamos: “*Se nós abrissemos aqui o mapa da América do Sul, você vai perceber que o Mato Grosso do Sul tá no centro, do coração*”; “*não só pra nós, pro Brasil, mas para a América do Sul*”; “*Nós já demos um grande avanço [...] Nós aqui, no caso, o Mercosul*”; “*acho que o papel do Mercosul é muito importante do ponto de vista, nas reuniões ordinárias dos presidentes*”.

Com isso, um sentido de geopolítica, supostamente, pode ter relação com uma “ruptura de processos de significação” (ORLANDI, 2013, p. 36), ligados a um sentido de blocos econômicos e percebida na entrevista (depoimento) ora analisada, uma vez que, tratados de livre comércio regionais como o MERCOSUL, se sustentam por um sentido de soberania em um tripé formado por Estado-Nação-Continente, como exemplo, Mato Grosso do Sul-Brasil-América do Sul. Desse modo, pode ser visto como um “Outro” (RODRIGUES, 2011, p. 22), sopesando-se um sentido de dependência visto nos blocos econômicos que “caracterizam-se pelo agrupamento de países menos industrializados em torno de um ou mais países ‘centrais’” (SIMONSEN, 1992, p. 3-4), nesse contexto, formado por Nação-Continente-Nação Potência, como exemplo, Brasil-América do Sul-Estados Unidos da América, assim, os sentidos de Tratado e Bloco significam enquanto radicalmente opostos.

Em (145) tem um sentido de união, analisado em (4.4.9.), contudo, em (4.7.6.7.), tem um efeito de sentido em que “para isso seria a criação e o pleno funcionamento do Parlamento do Mercosul, da moeda única, do livre trânsito de pessoas, do incremento das trocas culturais e esportivas, como ocorreu em parte na União Europeia” (SIQUEIRA, 2009, p. 168-169), pois, a integração meramente comercial fragmentaria um sentido de semelhança e consolidaria um sentido de diferença entre o MERCOSUL e a União Europeia.

Em (146), (147) e (148) tem um sentido de oposição, admitindo-se que a “globalização então seria uma espécie de coveiro da soberania dos Estados-nacionais, jogando cada vez mais terra sobre sua tumba” (COSTA, 2015, p. 69), uma vez que, “os blocos são

atores importantes no contexto internacional, algo que a tendência à globalização não solapou” (SIQUEIRA, 2009, p. 166), com isso, a “circulação de sentidos” (ORLANDI, 2012) de um Mercado Comum do Sul, supostamente, teria um efeito de oposição a “ideológica de globalização” (ORLANDI, 2012, p. 163) das economias e da política mundiais.

4.7.6.8. Do discurso de otimismo

(150) “Se busca hoje inúmeras alternativas. (Recortes 6-LXIX).

(151) “é possível a gente construir [...] um projeto solidário irmão na medida em que a gente faça o seguinte debate: Isto interessa a todos, isto vai significar melhorar a vida não só do povo brasileiro, [...] significa melhora a qualidade de vida [...] do povo da América do Sul [...]” (Recortes 6-LXX).

(152) “as vantagens econômicas e políticas da época são as mesmas de hoje. Acelera, do ponto de vista [...] do nosso crescimento, [...] toda vez que você se torna o teu negócio [...] mais competitivo, mais ágil, evidentemente [...] que você ganha [...] Então, essas condições econômicas prevalecem [...]” (Recortes 6-LXXXIV).

(153) “Essa era a preocupação central que me (...) guiou durante oito anos. Acho que nós demos passos significativos. Essas coisas não viabilizam do dia pra noite” (Recortes 6-LXXXVIII).

(154) “muita gente, um bom tempo, achava que isso era um sonho, é só invenção da cabeça do Zeca, do Heitor, [...], essa história de integração, nunca ninguém tinha visto falar, [...] as pessoas me perguntavam que que é essa história de bioceânica” (Recortes 6-XCIII).

(155) “por onde andei, sempre percebi todo mundo com muita simpatia, participei de debates e seminários [...] nunca vi nenhuma resistência, ao contrário, a gente percebia que era possível ampliar horizonte articulando [...] governadores, porque a quem não interessa a integração? Ou a quem pode não interessar, né ... a integração [...] potencializando a riqueza o tornar mais competitivo e, portanto, avançar no seu desenvolvimento. Interessa a todos” (Recortes 6-XCVII).

(156) Nós podemos ter esse resultado com o debate que a gente começa a intensificar sobre a recuperação da qualidade [...] da antiga Noroeste do Brasil, principalmente no trecho Três Lagoas a Corumbá” (Recortes 6-CIV).

(157). “Deus queira que nós possamos tá aqui nessa gravação prenunciando a possibilidade concreta de fazer um grande projeto, pra humanizá, pra dignificá os povos da América do Sul” (Recortes 6-CV).

(158) “se Deus quiser, e Deus vai querer e nos ajudar a, com certeza, em pouco tempo, a gente concretamente, [...], sinaliza, generosamente pro futuro, que é capaz de construir um projeto,

nós todos, que potencializando nossa riqueza, melhore [...] significativamente a vida de todos os cidadãos, de todos os seres humanos, de toda a vida do Brasil, do Paraguai, da Bolívia, do Peru, do Chile, da Venezuela, enfim, que seja capaz de fazer a América do Sul de fato um grande , senão o principal continente do nosso planeta” (Recortes 6-CVI).

(159) “do ponto de vista das suas reservas minerais, do ponto de vista das suas reservas de petróleo, [...] do ponto de vista da viabilidade que se tem de ter um projeto verdadeiramente capaz e pensado de desenvolvimento, pra gerar oportunidade, emprego e qualidade de vida pra população” (Recortes 6-CVII).

Os enunciados de (150) a (159) caracterizam o *discurso de otimismo*, tratado em (4.7.3.7.), com um sentido em Houaiss (*idem*) de “*disposição para ver as coisas pelo lado bom e esperar sempre uma solução favorável, mesmo nas situações mais difíceis*”.

Em (150), (154), (155), (156), (157) e (158) tem um sentido de *visionário*, com um efeito de sentido daquele “que tem ideias [...] grandiosas, ou acredita em ideais” (HOUAISS, *idem*). A percepção desse sentido se deu pela possibilidade de análise por dois significados distintos, um enquanto oposição de sentidos, o outro enquanto convergência de sentidos.

Nessa ordem, enquanto oposição, contrastando com um sentido de *ignorância* como “quem não está a par da existência” (HOUAISS, *idem*), assim vejamos: *muita gente, um bom tempo, achava que isso era um sonho, é só invenção da cabeça do Zeca, do Heitor; ou, essa história de integração, nunca ninguém tinha visto falar; ou ainda, as pessoas me perguntavam que que é essa história de bioceânica.*

Em outra, enquanto apoio, convergindo com um sentido de *aliança*, como quem busca um “pacto ou tratado entre indivíduos, partidos, povos ou governos” (HOUAISS, *idem*), assim, vejamos: *se busca hoje inúmeras alternativas; ou, sempre percebi todo mundo com muita simpatia; ou, nunca vi nenhuma resistência, ao contrário, ou, era possível ampliar horizonte articulando [...] governadores; ou, podemos ter esse resultado com o debate que a gente começa a intensificar; ou, Deus queira que nós possamos; ou, se Deus quiser, e Deus vai querer e nos ajudar; ou ainda, construir um projeto, nós todos, que potencializando nossa riqueza, melhore [...] significativamente a vida de todos os cidadãos, de todos os seres humanos, de toda a vida do Brasil, do Paraguai, da Bolívia, do Peru, do Chile, da Venezuela, enfim, que seja capaz de fazer a América do Sul de fato um grande, senão o principal continente do nosso planeta.*

Ante o exposto, foi possível supor que na “posição-sujeito” (ORLANDI, 2013) de Governador de Estado-Deputado Federal, corporifica-se um visionário de um discurso

marcado “pelo novo, pelo diferente, pelo a se dizer” (ORLANDI, 2013, p. 30) e, assim, significado por uma “*disposição para ver as coisas pelo lado bom e esperar sempre uma solução favorável, mesmo nas situações mais difíceis*”, indiferente para com um sentido de ignorância, sempre disposto a circular um sentido alianças, em alguma medida, com o propósito de produzir um efeito de sentido de esclarecimento/divulgação da ideia do corredor bioceânico e sua viabilidade como fator da integração dos países da América Latina.

Em (151) tem um sentido de *irmandade*, com um efeito de sentido de “confederação, agremiação de pessoas reunidas em torno de um mesmo objetivo” (HOUAISS, idem), na medida em que tal *agremiação* (sugerida) *de pessoas*, aponta para as possibilidades de envolvimento, apenas, “*do povo brasileiro, [...] do povo da América do Sul*” em torno de um mesmo objetivo, ou seja, “*um projeto solidário irmão*”.

Nesses termos, pode-se observar a ausência de um sentido de irmandade com a América anglo-saxônica, uma vez que, seus enunciados não contemplam essa possibilidade, como consequência e efeito de sentido, pode expor um “subentendido” (ORLANDI, 2013) de um sentimento em alguma medida bairrista, pela “circulação de sentidos” (idem, ibidem) de exclusão de possibilidades externas/alheias a povos e nações da América Latina.

O contexto que deu margem à tal suposição aponta para alguns motivos, quais sejam: ou de apoio velado ao MERCOSUL; ou de oposição a uma integração meramente comercial, representada pelo NAFTA; ou ainda, ambas alternativas.

Em (152) e (159) tem um sentido de *economia*, com um efeito de sentido de “obtenção e a utilização dos recursos materiais necessários ao bem-estar” (HOUAISS, idem); assim, o sujeito entrevistado II aponta vantagens políticas, econômicas e as relacionam com a os negócios via corredor bioceânico, para além deles, destaca a disponibilidade de recursos minerais diversos na América do Sul e, com isso, sugere uma alternativa “*de desenvolvimento, pra gerar oportunidade, emprego e qualidade de vida pra população*” da região.

Essa lógica de significação, presente no sentido de economia, supostamente, passa pelas águas do Oceano Pacífico chegando até os mercados asiáticos, para que isso ocorra, sugere a necessidade de um “*projeto de desenvolvimento*”, para “diminuir o hiato entre a produção e a demanda, de modo que os consumidores tenham bens e serviços quando e onde quiserem, e na condição física que desejarem (BALLOU, 2009, p. 17).

O otimismo presente no discurso do entrevistado supõe um sentido de pode se consolidar pela ligação bioceânica dos mercados asiáticos com os mercados latino-americanos, unidos pelo MERCOSUL.

Em (153) tem um sentido de *obstinação*, com um efeito de sentido de “persistência, tenacidade” (HOUAISS, idem), nesse contexto, ocupando posição-sujeito Governador de Estado entre os anos de 1999 a 2002 e, desde aquela época, supostamente, persegue um objetivo que chama de *ligação bioceânica*, assim, seria sua “*preocupação central [...] durante oito anos*” de seu mandato e ao longo de sua carreira política. Na atualidade foi eleito Deputado Federal, em tal posição-sujeito reafirma sua obstinação em defesa dessa alternativa político-econômica para o Estado de Mato Grosso do Sul, para o Brasil e para a América do Sul. Ante o exposto, foi possível perceber um sentido de firmeza de propósitos, convicção e entusiasmo, aparentemente inabaláveis.

4.7.6.9. Do discurso de apogeu

(160) “Acho que todo mundo tem um interesse comum, que é viabilizar o corredor” (Recortes 6-LXVIII).

(161) “vontade política é caneta, pra deliberar recurso no sentido da gente avançar do ponto de vista da construção desse sonho” (Recortes 6-LXXXVII).

(162) “tem uma definição, prioridade! [...] a gente não faz acontecer” (Recortes 6-LXXXV).

(163) “a curto prazo, a médio prazo nós podemos tá colhendo fruto” (Recortes 6-CIII).

(164) “é absolutamente viável, do ponto de vista econômico” (Recortes 6-CVIII).

Os enunciados de (160) a (165) caracterizam o *discurso de apogeu*, tratado em (4.7.3.8.), com um sentido em Houaiss (2009. CD-ROM) de “*o mais alto grau; o auge, a culminância*”.

Em (160) tem um sentido semelhante ao analisado anteriormente em (4.7.3.8.), ou seja, de “*ganha-ganha*”, com um efeito de sentido de *vantagens para ambos os lados (ou interesses envolvidos) numa relação/transação comercial*, nessa ordem, o sentido ora analisado tem um efeito de sentido voltado ao “*interesse comum, que é viabilidade o corredor*”; em (161) e (162) tem um sentido de prioridade, com um efeito de sentido em um suposta vontade política, entendida (significada) como uma decisão na ordem das negociações diplomáticas, uma vez que, envolvem nações integrantes do MERCOSUL.

Em (163) e (164) tem um sentido também semelhante ao analisado anteriormente em (4.7.3.8.), de *preparado*, com um efeito de sentido de “*em condições de fazer (algo); pronto, disposto*” (HOUAISS, 2009, CD-ROM) para, a partir disso, estabelecer prazos para usufruir da viabilidade econômica da *ligação Atlântico-Pacífico*.

4.7.6.10. Do discurso de agronegócio

(165) “o Chile tem grandes portos, com calado profundo, [...] navios de grande envergadura podendo [...] carregá a sua carga. [...] aproxima, [...] Brasil, [...] Paraguai, que não tem saída de mar, a Bolívia, [...] a saída pro Mercosul [...] aproximar em 7,5 mil quilômetros e diminuir quinze dias de viagem, [...]” (Recortes 6-CII).

(166) “pra nos credenciá como alimentador do povo asiático com os produtos que nós temos, não só no Mato Grosso do Sul, mas também no Mato Grosso ou no Centro- Oeste como um todo, no Paraguai, na Argentina, colocando nossos produtos de forma muito mais competitiva no mercado asiático” (Recortes 6-LXXI).

(167) “baratear custo, nos estabelecer como [...] capacitados pra colocar no mercado asiático, onde tem aproximadamente 2 a 3 bilhões [...] de pessoas pra comer as nossas proteínas” (Recortes 6-LXXIX).

(168) “nós recuperamos grande parte das terras degradadas com programas de recuperação de terras degradadas com um incentivo fiscal pra ampliar as áreas plantadas com soja, milho, enfim [...]”. (Recortes 6-CIX).

(169) “onde tem aproximadamente 2 a 3 bilhões de [...] pessoas pra comer as nossas proteínas. A soja e os seus derivados, o milho e os seus derivados e a carne do Mato Grosso do Sul. Portanto, primeiro pensar do ponto de vista rodoviário, e nós caminhamos pra isso []” (Recortes 6-CX).

(170) “Nós vivemos [...] num continente, com certeza, dos mais, senão o mais rico do planeta, do ponto de vista das suas áreas pra agricultura, do ponto de vista das suas terras pra pecuária, ou seja, pro agronegócio” (Recortes 6-CXI).

(171) “Hoje nós temos ao longo da ferrovia, no Mato Grosso do Sul, madeira, eucalipto pra ser transportado, sendo transportado por caminhão, saí de Campo Grande pra í à Três Lagoas você quase não consegue andar no seu carro particular de tanto caminhão transportando madeira de eucalipto pras industrias de papel e celulose em Três Lagoas” (Recortes 6-CXII).

Os enunciados de (165) a (171) caracterizam o *discurso de agronegócio*, com um efeito de sentido de “conjunto de operações da cadeia produtiva, do trabalho agropecuário até à comercialização” (HOUAISS, 2009, CD-ROM). Necessário acentuar tratar-se de um efeito com estreito vínculo (reverberando), de um lado, a uma rubrica das Ciências Econômicas, cuja etimologia reivindica significados a partir da fusão das palavras “agro-” mais “negócio” (HOUAISS, idem). Daí sua relação de sentidos com [um] dos [variados] sentidos da ciência em epígrafe, nesses termos, segundo Paul Samuelson a “economia é uma ciência social que estuda a administração dos recursos escassos entre usos alternativos e fins competitivos”

(*Apud*, PINHO; VASCONCELLOS, 2013, p. 9); de outro lado, pode ser vinculada (reverberar) a Logística de transporte, uma vez que, esta busca “diminuir o hiato entre a produção e a demanda, de modo que os consumidores tenham bens e serviços quando e onde quiserem, e na condição física que desejarem (BALLOU, 2009, p. 17).

Em (165) e (171) tem um sentido de *modais de transporte*, com um efeito de sentido visto em definições de Paulo Fernando Fleury (2002), segundo ele: “são basicamente cinco os modais de transporte de cargas; rodoviário, ferroviário, aquaviário, dutoviário e aéreo. Cada um possui custos e características operacionais próprias, que os tornam mais adequados para certos tipos de operações e produtos”. Por esse viés, evidencia-se um suposto sentido de eficiência no modal de transporte aquaviário em território chileno, contrastando com um sentido de deficiências nos modais de transporte rodoviário (dito) e ferroviário (subentendido), em território brasileiro, demandando um efeito de sentido da necessidade de investimentos para suas adequações a padrões internacionais de eficiência.

Em (166), (167), (169) e (170) tem um sentido de *competitividade*, com um efeito (por sinonímia) de “concorrência e rivalidade” (HOUAISS, *idem*), nesse contexto, a produtividade representada pelo Centro-Oeste brasileiro (Mato Grosso; Mato Grosso do Sul), pelo Chaco paraguaio e pela Argentina, regiões da América Latina reconhecidas mundialmente pela grande produção de *commodities*, supostamente, poderiam atender quaisquer mercados consumidores importantes em matéria de agronegócios. Neste caso, significado pelo sujeito entrevistado II como sendo o “asiático, onde tem aproximadamente 2 a 3 bilhões de pessoas”, tal volume de consumidores em potencial significa o maior mercado do planeta, portanto, de grande interesse para o MERCOSUL, em meio a isso, a China, com a maior população da Ásia, com um imenso território e com escassas áreas próprias para as práticas da agricultura e da criação intensiva de animais, nação cuja parceria poderia ter um efeito de sentido de deslocamento do eixo gravitacional do comércio mundial do Norte para o Sul do continente americano, colocando o Brasil, maior economia da América Latina, em “posição-sujeito” (ORLANDI, 2013) de protagonista desse processo.

O enunciado (168) tem um sentido de *ambientalismo*, analisado em (4.4.5.), onde reclamava sentidos de “proteção”; “sustentável”, para os quais em Houaiss (2009, CD-ROM) encontramos, dentre outros, os seguintes significados, simultaneamente: “movimento político cujas principais preocupações são os efeitos da poluição ambiental e o conseqüente comprometimento da qualidade de vida”; “que pode ser sustentado”, nessa ordem, em (4.7.6.10.), apresenta-se um efeito de sentido de ação ambientalista, posto que, trata-se da recuperação de terras degradadas destinadas a produção agropecuária, em alguma medida,

evitando a abertura de novas áreas o que significaria a remoção da vegetação nativa e/ou um desmatamento propriamente dito.

4.7.6.11. Do discurso de isolamento

(172) “Nós temos hoje milhões ou milhares de pessoas no interior da América do Sul, na América do Sul-Central, que é esta região, ligada ao Paraguai, a Bolívia, ao interior da Argentina, [...] ao Chile, há milhares de pessoas padecendo de fome e de miséria” (Recortes 6-LXV).

(173) “nós, no Brasil, e nós, no Mato Grosso do Sul, passamos 500 anos acreditando no discurso oficial. [...] De que nós tínhamos que ter paciência, nós tínhamos que esperar, porque o desenvolvimento ia acontecer primeiro no litoral [...] brasileiro, do Atlântico, e ao longo desse tempo ia se interiorizando” (Recortes 6-CXVI).

(174) “Faz 500 anos e o Brasil [...] O interior do Brasil, os Estados do Brasil central continuam muito abandonados. Você viaja, como eu viajei, pelo interior da Bolívia, pelo interior do Peru, pelo interior do Paraguai, [...] você vai perceber que eles também sofrem da mesma ilusão” (Recortes 6-CXVII).

(175) “Passaram ao longo do tempo acreditando no discurso oficial de que tinham que ter paciência, ponderação, porque afinal de contas primeiro ia acontecer o desenvolvimento do litoral do Pacífico, ao longo do Pacífico, pra depois se interioriza”. (Recortes 6-CXVIII).

(176) “O que precisa fazer nela é manutenção, o que nós não temos aqui, porque quem comprou a concessão abandonou, então, [...] inclusive é uma denúncia que eu tenho feito, retirando [...] trilhos, como retiraram do ramal Campo Grande–Maracajú–Ponta Porã” (Recortes 6-CXIX).

Os enunciados de (172) a (176) caracterizam o *discurso de isolamento*, com um efeito de sentido de “estado da pessoa que vive isolada, que [...] foi posta à parte” (HOUAISS, idem)

Em (172), (173), (174), (175) e (176) tem um sentido de *abandono*, assim, por “falta de amparo ou de assistência; desarrimo” (idem, ibidem), “*no interior da América do Sul, na América do Sul-Central*³⁴ [...] há milhares de pessoas padecendo de fome e de miséria”, nesse contexto, pela historicidade dos sentidos da interiorização do progresso, partindo do litoral do Brasil para o interior, pode-se perceber um efeito “que apagará a antonímia, entre o

³⁴ O termo Sul-Central diz respeito ao interior do América do Sul, que pode também ser entendido como a maior distância possível entre o litoral e o interior da região, historicamente significado como “selvagem e estagnado”, em relação à região litorânea, “civilizada e progressista”, conforme observado em Oliveira (2013).

Leste civilizado e progressista e o Oeste selvagem e estagnado, que os constitui, extinguindo também a fronteira entre ambos” (OLIVEIRA, 2013, p. 198).

Ressaltando que, para as populações entre-oceânicas com referência no litoral Pacífico (Paraguai; Bolívia; Chile; Peru), o interior está voltado para o Leste, assim, a “antonímia” (OLIVEIRA, 2013) tem significado divergente, uma vez que, é referenciada pelo lado oposto, como consequência e efeito de sentido, o Oeste significa civilizado e progressista e o Leste significa selvagem e estagnado. Feitas essas considerações, supomos que a “circulação de sentidos” (ORLANDI, 2012) de isolamento não deram conta de produzir um efeito de sentido de políticas socioeconômicas de inclusão das populações entre-oceânicas da América do Sul, assim, o sujeito entrevistado II se esforça em significar a importância da *ligação bioceânica*, para além de um sentido meramente comercial, incluindo outros elementos em seu discurso que, nesse sentido, aparentemente pode ser filiado ao discurso sobre União, em contraposição (Outro) do discurso sobre Blocos Econômicos.

Na análise da discursividade dos Sujeitos Entrevistados I e II, evidenciou-se um sentido de viabilização das “condições de produção” (ORLANDI, 2013, p. 30-31), para darem causa às vantagens do Corredor Bioceânico Atlântico-Pacífico, para a economia da América Latina, especificamente aqueles cuja *circulação*, ou seja, “onde os dizeres são como se mostram” (idem, 2012, p. 11), em alguma medida, “produz sentidos por/para os sujeitos” (idem, 2013, p.17), no intuito de defenderem e promoverem, respectivamente, os interesses econômicos e sociais do município de Porto Murtinho (região do Chaco/Pantanal), do Estado de Mato Grosso do Sul e do Brasil. Nesse sentido, os recortes discursivos analisados apontaram, uma parte, para relações historicamente conflituosas e tensões em negociações, outra parte, para a defesa da tese de superação de obstáculos diversos, quais sejam: barreiras históricas; entraves diplomáticos; questões econômicas. Com efeito, supomos buscarem consolidar um efeito de sentido de vantagens socioeconômicas e turísticas do Estado de Mato Grosso do Sul, como rota alternativa mais vantajosa para alcançar aos portos chilenos e peruanos no Oceano Pacífico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, sustentada teoricamente pela Análise do Discurso de linha Orlandiana, teve o propósito de analisar o discurso do sujeito Estado Brasileiro na defesa da ligação bioceânica, Atlântico-Pacífico, como fator de integração e soberania, vislumbrando-a como conflito de interesses nas esferas econômicas, políticas, ideológicas e diplomáticas.

Nessa argumentação, sopesou-se de início os fundamentos teóricos da Análise do Discurso e os processos de produção do discurso, quais sejam: sua constituição, sua formulação e sua circulação. Com isso, foi possível observarmos conflitos de interesses os mais diversos, tomados às posições-sujeito constitutivas dos discursos sobre integração bioceânica, pelas análises das posições ideológicas no contexto das proposições a favor e contra.

Com isso, a pesquisa cogitou, primeiramente, a possibilidade de ser a posição geográfica estratégica do Chile a responsável por infligir um sentido de o território daquela nação ser assediado por nações do Norte, desse modo foi possível significar um efeito de tentativas de controle das importações e exportações da América Latina, pelo fechamento ou controle de uma das portas de entrada e saída do continente pelo lado do Oceano Pacífico, ponderando pelo referencial teórico Orlandiano.

Dessa forma, embora aparentemente vantajosos para ambas partes, algumas propostas de tratados internacionais de livre comércio acabaram por revelarem, pela perspectiva dos não-ditos (pelos silenciamentos) e dos subentendidos (pelos contextos), ferozes disputas pelo protagonismo político-econômico ao Sul das Américas.

Nesse contexto, pelo confronto de divergências em efeitos de sentido (originários das relações dos sujeitos *versus* o mundo que os cerca), significáveis por posições-sujeito diversas, supomos ser possível evidenciarem-se efeitos absolutamente opostos, principalmente aqueles com um sentido nas relações geopolíticas entre nações potencialmente integrantes de um mesmo tratado de livre comércio, nessa ordem, supomos uma apresentando características de economia menor e, assim, frente a uma outra, apresentando características de potência econômica, nesses termos, à nação brasileira caberia o efeito de economia periférica e nação subdesenvolvida, se posta em relação à nação estadunidense, para a qual caberia o efeito de economia central e Nação Potência.

Não obstante, corroborado pelos esforços de manutenção do domínio comercial estadunidense no Oceano Pacífico e na Ásia, nos deparamos com marcas de subentendidos de um efeito de sentido beligerante, pelo sentido da possibilidade de uso de armamentos,

inclusive nucleares, como solução para contendas comerciais, como foi no caso da disputa (da guerra) na década de 1940, dos Estados Unidos da América contra o Japão.

Além disso, evidenciou-se que discursos sobre alguns tratados de livre comércio das Américas significam pela paráfrase de um sentido restritivo ao comércio e ao transporte de *commodities*, com um efeito histórico de sujeição político-econômica às nações industrializadas, nesse contexto, supostamente, fomenta-se em algumas propostas de integração entre nações latino-americanas um efeito de sentido de rebeldia, com isso, de um lado, uma transgressão a ordem mundial estabelecida com tentativas de consolidação das soberanias de nações com economias menores, de outro lado, um enfrentamento direto aos interesses hegemônicos da Nação Potência.

Assim, pelas análises de recortes de enunciados de economia, de geopolítica, entre outros, colhidos em sites, livros e em entrevistas, foi possível vislumbrar que o *Discurso sobre o Corredor Bioceânico como sentido de integração dos países da América Latina* constituiu seus significados pela memória (já dito) da discursividade dos blocos econômicos, reverberando na discursividade da globalização das economias e da política mundiais, culminando na discursividade de tratados internacionais de livre comércio, a exemplo do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e seu presumível “Outro”, o Tratado Norte Americano de Livre Comércio (NAFTA).

Nesse sentido, tomadas as entrevistas dos sujeitos I e II, esses remetem a condições de produção bem específicas da região Centro Oeste do Brasil, essencialmente do Estado de Mato Grosso do Sul, onde ocupam posições-sujeito de destaque no cenário político e, assim, como sujeitos (seres simbólicos), produtos do confronto com essa mesma realidade regional, ensejam algumas circunstâncias de enunciação propícias a um efeito de polissemia na circulação de sentidos sobre o Corredor Bioceânico.

No curso das análises discursivas dos entrevistados, foi possível identificarmos uma terceira posição-sujeito circulando sentidos pela discursividade do MERCOSUL. Trata-se de Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil e notório opositor das propostas da Área de Livre Comércio das Américas [Alca], de iniciativa norte-americana.

Não obstante, as análises da discursividade nessa pesquisa tornaram perceptíveis alguns silenciamentos quanto as disputas político-econômicas entre nações do MERCOSUL e entre o MERCOSUL e o NAFTA, além disso, através das condições de produção referenciadas, abriram-se margens ao “vislumbre” do subentendido de duas hipóteses possíveis de circunstâncias de enunciação para os sujeitos entrevistados, são elas: uma, foco político-econômico apenas em interesses regionais; outra, reticências quanto as implicações

diplomáticas da circulação de sentidos de disputas entre nações latino-americanas ou entre o Brasil e a Nação Potência.

Dessa forma, pela ruptura de processos superficiais de significação de sentidos “oficiais”, evidenciou-se a possibilidade de serem expostos efeitos de sentidos outros do NAFTA e do MERCOSUL, não obstante, sustentamos também uma hipótese de ser possível ou provável a exposição de mais evidências das tensões internacionais em epígrafe, pelos implícitos (pressupostos) e pelo intradiscorso (dito) de um depoimento ou entrevista com o ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, se submetido as mesmas questões aplicadas aos dois sujeitos entrevistados.

Por fim, a aplicação de ferramentas da Análise do Discurso (AD) sobre o objeto de pesquisa, tornou-nos possível extrair significados latentes nos discursos em circulação, de sob o manto de ausências-presença (não-ditos; subentendidos; profundidades), em alguns tratados internacionais de livre comércio, fazendo visíveis verdadeira “queda de braços” entre o Brasil e os Estados Unidos da América pelo protagonismo econômico na América Latina, silenciada-atenuada em alguma medida pelo sentido de superfície nos enunciados analisados.

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, Cinthia; CANEPARO, Sony Cortese; ABRAHÃO, Ricardo Sena. O Estado do Paraná: da estratégia de integração estadual aos corredores bioceânicos. In. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar/Matinhos**. Vol.5, n.1/p.1-92/jan./jun.2012. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/diver/article/view/34159/21276>>, acesso em 04/03/2014.

ABREU, Marcelo de Paiva. In. **MERCOSUL e NAFTA: O Brasil e a integração hemisférica** [VELLOSO, João Paulo dos Reis (coordenador). et al.] – Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1995.

AYERBE, Luis Fernando. Neoliberalismo e política externa na América Latina: uma análise a partir da experiência argentina recente. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BALLOU, Ronald H. Logística empresarial: transportes, administração de materiais e distribuição física; tradução Hugo T. Y. Yoshizaki – 1. ed. – 21. reimpr. – São Paulo : Atlas, 2009.

BONFIM, Benedito Calheiros. In. **Globalização, neoliberalismo e direitos sociais/** [Maria Salete Maccalóz... et al.]. - 1ª ed. – Rio de Janeiro: Destaque, 1997.

BRASIL. Ministério dos Transportes. Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes. In. **Estudo de corredores bioceânicos**. Brasília: GEIPOT, 1996.

COLISTETE, Renato Perim. O desenvolvimentismo cepalino: problemas teóricos e influências no Brasil. In. **Sciello**, Estud. av. vol. 15 nº. 41. – São Paulo: Jan./Apr. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000100004>>, acesso em 12/12/2014.

COSTA, De Leon Petta Gomes. In. **Revista de Geopolítica**. v. 6, nº 1, p. 65 - 79, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-2.2.3/index.php/rg/issue/view/16/showToc>>, acesso em 04/03/2015.

FARIA, Caroline. “North American Free Trade Agreement” ou Tratado Norte Americano de Livre Comércio. In. **Info Escola**. Disponível em: <www.infoescola.com/geografia/nafta/>, acesso em 11/06/2014.

FERNANDES, Roberto Mauro da Silva. A rota rodoviária bioceânica e seu liame com uma Zona de Fronteira. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/22/rota_rodoviaria_bioceanica_mato_grosso_sul.pdf>, acesso em 04/03/2015.

_____. “O Mercado Comum do Sul, ou MERCOSUL”. In. **Info Escola**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/geografia/mercosul/>>, acesso em 10/02/2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1910-1989). *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et. al.]*. 4. ed. rev. ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Ferreira, 2001.

_____. *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa/ Coordenação de Maria Baird Ferreira e Margarida dos Anjos; ilustrações Axel Sande – 2ª ed. – Curitiba, 2011.*

FREITAS, Eduardo. O NAFTA. In. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/nafta.htm>>, acesso em 30/05/2014.

FURTADO, Celso. *O capitalismo global. – 1ª ed. - Rio de Janeiro - RJ: Editora Paz e Terra, 1998.*

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo de designação/Eduardo Guimarães – Campinas, SP : Pontes, 2ª edição, 2005.*

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. CD-ROM: International Standard Book Number (ISBN) <9788573029635>. Editora Objetiva, 2009.*

LOBATO, Luíza Cruz; AMIN, Mario Miguel. Estado-nação e hegemonia no século XX sob a perspectiva da teoria dos ciclos hegemônicos de Arrighi. In. **Revista de Geopolítica**, v. 6, nº 1, p. 169 - 191, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-2.2.3/index.php/rg/article/view/179>>, acesso em, 06/03/2015.

MATTOSO, Eduardo Levi. In. **Globalização, neoliberalismo e o mundo do trabalho/ [ARRUDA Jr, Edmundo Lima; RAMOS, Alexandre Luiz (organizadores)... et al.] – 1ª ed. - Curitiba: IBEJ, 1998.**

OLIVEIRA, Rosimar Regina Rodrigues. **A "marcha para o Oeste" no Brasil: entre a civilização e o sertão**. São Paulo, UNICAMP, 2013. 208 f. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, SP, 2013.

ORLANDI, Eni P. Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos. – 4ª Edição, Pontes Editores. – Campinas, SP, 2012.

_____ (2012). Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia. Campinas, SP, Pontes Editores.

_____ (2013). Análise de Discurso: princípios e procedimentos. - 11ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores.

PAIM, Elisângela Soldatelli. IIRSA: É esta a integração que nós queremos? Disponível em: <http://www.natbrasil.org.br/docs/instituicoes_financeiras/iirsa%202003.pdf>, Acesso em 04/03/2015.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento/ Michel Pêcheux; tradução: Eni P. Orlando – 5ª Edição, Campinas, SP. Pontes Editores, 2008.

PENA, Rodolfo Alves. “O Mercosul – Mercado Comum do Sul”. In. **Brasil Escola**. Disponível em: < <http://www.brasilecola.com/geografia/mercosul.htm>>, acesso em 10/02/2015.

PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval; TONETO Jr, Rudinei (Organizadores). Manual de Economia.- 6ª ed. - São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

REVISTA DE GEOPOLÍTICA. In. **Revista de Geopolítica ISSN 2177-3246**. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-2.2.3/index.php/rg/index>>, primeiro acesso em 30/05/2014.

RODRIGUES, Marlon Leal. MST: discurso de reforma agrária pela ocupação: acontecimento discursivo/ Marlon Leal Rodrigues. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

_____ (2011). [Org.]. Análise do Discurso na Graduação (Teoria e Prática). Dourados, MS: Nicanor-Coelho Editor.

_____ (2011). [Org.]. Linguagem, identidade, gênero, história. Rio de Janeiro, RJ: Litteris Ed.: Quártica Premium.

SARAIVA Jovem: Dicionário da língua portuguesa ilustrado/ organização da Editora. – São Paulo: Editora Saraiva, 2010.

SIMONSEN ASSOCIADOS. MERCOSUL: o desafio do marketing de integração. – 1ª ed. – São Paulo: Editora Makron Books, 1992.

SIQUEIRA, Carlos. Diálogos da Liberdade / Carlos Siqueira. - 1. ed. – São Paulo: Quanta Consultoria e Projetos Ltda., 2009.

SOARES, Mário Lúcio Quintão. Mercosul: direitos humanos, globalização e soberania. – 2. ed., rev. atual e amp. – Belo Horizonte: Editora Del Rey, 1999.

VIEIRA FILHO, Dirceu Deguti. Impactos econômicos, social e ambiental do corredor bioceânico no desenvolvimento do Mato Grosso do Sul. Dourados, 2005. Monografia (Especialização) - Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, Dourados, MS, 2005.

ANEXO I – Recortes de enunciados

Recortes 1: Dos enunciados (discurso) do NAFTA:

- I. “A meta final consiste em eliminar barreiras aduaneiras entre os países membro, de tal modo que se estabeleça um espaço econômico em que mercadorias circulam livremente”. (SIQUEIRA, 2009, p. 171).
- II. “No terreno comercial, o NAFTA resultará na eliminação praticamente total, num prazo de 15 anos, das barreiras tarifárias e não-tarifárias entre os três países integrantes da zona de livre comércio”. (ABREU, 1995, p. 235).
- III. “O NAFTA tem como objetivo fundamental a construção de zona de livre comércio no continente americano, na qual ficam preservadas as soberanias estatais, mediante a gradual remoção de barreiras não tarifárias e extinção das tarifas entrar-regionais de seus Estados-partes, no prazo de 15 anos. O acordo desconhece, no entanto, questões referentes à integração econômica, como o livre fluxo de trabalhadores, coordenação de política monetária e das taxas de câmbio”. (SOARES, 1999, p. 83).
- IV. “Tem como objetivo facilitar as transações econômicas entre esses países, assim como, abolir as taxações sobre a circulação de mercadorias e produtos”. (FARIA, In. Info Escola).
- V. “A criação de blocos como este que visa facilitar o intercâmbio econômico entre os países vem se tornando comum desde a década de 90”. (FARIA, In. Info Escola).
- VI. “O NAFTA não visa à integração total entre seus países membros como na UE onde as pessoas nascidas em qualquer dos países membros são consideradas “cidadãos da União Europeia”, podendo trafegar e estabelecer residência em qualquer um dos outros países sem nenhuma restrição, além de adotar um sistema bancário e financeiro comuns”. (FARIA, In. Info Escola).
- VII. “O NAFTA visa apenas à criação de uma área de livre comércio entre esses países o que restringiria a atuação do bloco ao setor comercial”. (FARIA, In. Info Escola).
- VIII. “O NAFTA apresenta um grande potencial desde que o Canadá e EUA não “engulam” a economia mexicana. Juntos os três países respondem por um mercado de cerca de 380 milhões de pessoas”. (FARIA, In. Info Escola).
- IX. “Um dos principais motivos da criação desse bloco econômico foi fazer frente à União Europeia, tendo em vista que esta tem alcançado um grande êxito no cenário mundial”. (FREITAS, In. Brasil Escola).

Recortes 2: Dos enunciados (discurso) do MERCOSUL

- X. “[...] mais do que simplesmente buscar um acordo no âmbito econômico e aduaneiro, afirmam compartilhar valores envolvendo a defesa da democracia, do pluralismo, das liberdades fundamentais do sujeito humano [...]” (SIQUEIRA, 2009, p. 166).
- XI. “[...] a proteção ao meio ambiente e a promoção do desenvolvimento sustentável” (SIQUEIRA, 2009, p. 166).
- XII. “Constituem metas do bloco, igualdade, o desenvolvimento econômico e social com equidade” (SIQUEIRA, 2009, p. 167).
- XIII. “O objetivo fundamental do Tratado de Assunção consiste na integração dos estados membros, com fundamento na circulação livre de bens, serviços e fatores produtivos, adotando-se uma política comercial comum, coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais, além da harmonização das legislações das áreas pertinentes” (SIQUEIRA, 2009, p. 167).
- XIV. “[...] MERCOSUL busca garantir a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos entre os países membros, através da eliminação de barreiras alfandegárias e restrições não tarifárias à circulação de mercadorias e de qualquer outra medida de efeito equivalente” (FARIA, In Info Escola).
- XV. “A criação do Mercado Comum prevê, também, o estabelecimento de uma tarifa e a adoção de uma política comercial comum em relação a outros blocos ou países” (FARIA, In Info Escola).
- XVI. “Mais tarde, em 2002, foi assinado um acordo de livre residência entre os países do MERCOSUL a Bolívia e o Chile. A partir deste tratado qualquer cidadão nato ou naturalizado há mais de cinco anos em algum desses países possui o direito de residir por dois anos na área de livre residência” (FARIA, In Info Escola).
- XVII. “Entre os acordos estabelecidos entre os países-membros estão a livre circulação de bens e serviços, além do estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum (TEC), que consiste na padronização de preços dos produtos dos países para a exportação e para o comércio externo” (PENA, In Brasil Escola).
- XVIII. “Assim como ocorreu com outros blocos econômicos – o caso da União Europeia –, o Mercosul objetiva ampliar os acordos internamente estabelecidos a fim de fortalecer a política do bloco” (PENA, In Brasil Escola).

Recortes 3: Dos enunciados (discurso) do GEIPOT

- XIX. “O Setor de Transportes no Brasil, apresenta-se com deficiências” (GEIPOT, 1996, p. 8).
- XX. “a ideia dos “corredores bioceânicos” surgiu e propagou-se da necessidade de se buscar novas formas e meios de transporte” (Idem, p. 8).
- XXI. “Com o objetivo de subsidiar discussões sobre corredores, o GEIPOT foi incumbido da realização de estudo que analisasse as diversas alternativas de corredores” (Idem, p. 8).
- XXII. “As reivindicações para implantação de corredores bioceânicos ligando o Brasil aos portos do Pacífico situados no Chile, no Peru ou mesmo no Equador têm como principal base de defesa a diminuição de cerca de 4.000 milhas marítimas no trajeto Brasil – Extremo Oriente. Afirma-se que, com isso, haveria condições de se colocar os produtos brasileiros nos países importadores daquela região a preços bem inferiores aos atuais, gerando um grande ganho econômico para o Brasil. Apesar dessas afirmativas, não havia nenhuma análise, com cálculos efetivos de custos, que demonstrasse essa redução de preço e ganhos econômicos” (Idem, p. 41).

Recortes 4: Dos enunciados (discurso) geopolíticos do sujeito entrevistado I³⁵

- XXIII. “o grande mérito da Coroa Portuguesa foi manter o Brasil como um País unitário, como um país único, país de tamanho continental, mas único em função da língua”.
- XXIV. “já o lado espanhol não... não aconteceu o mesmo né ... nós tivemos aí 13 países, pequenos ...36 é ... pobres ... é ... com brigas entre si, nós temos brigas seculares aí”.
- XXV. “nós temos a batalha do Pacífico é ... que toma ... o Chile acaba tomando os portos da ... do ... Chile do Peru ... Arica”
- XXVI. “nós temos a Guerra do Chaco, né? Da Bolívia e do Paraguai, uma guerra longa que acabou no machete, né? ... Acabou até a pólvora, como diz o outro. Então, isso tem fragilizado muito os países de língua espanhola, se tornaram países pequenos e muitos deles só vão se viabilizar se houver essa integração”
- XXVII. “essa integração se foi muito dificultada, em função de que os trens do lado brasileiro não coincide com a bitola dos trens do lado argentino”
- XXVIII. “E aí nós temos no Chaco brasileiro, porque o Chaco todo perfaz um... uma área de oitocentos mil quilômetros quadrados e o Chaco brasileiro está todo ele no município de Murtinho”
- XXIX. “O Mato Grosso do Sul é um Estado mediterrâneo, nós estamos no meio, agora só ... hoje com a saída apenas pelo Atlântico.se possibilitar essa saída pro Pacífico, nós ganhamos uma importância logística e estratégica fundamental”
- XXX. “em agosto de 2000, Fernando Henrique reúne todos os países da América do Sul, né? ... Em Brasília, e lança o IIRSA”
- XXXI. “essa ... essa integração de infraestrutura, ela é importante porque não passa só pela ligação física, não passa só pela estrada, pela ferrovia, pela aerovia, mas, principalmente na comunicação, de você ter ali é ... linhas telefônicas que hoje já tem”
- XXXII. “A Bolívia tem essa estrada por Santa Cruz de lá Sierra, mas, se ela fizesse essa ligação pelo Sul, aí por Tarica e Aquiba, nós teríamos, inclusive, passaríamos por uma região muito forte na produção de lítio”
- XXXIII. “Havia ... havia ... naturalmente que sim. Na própria ... na própria interlocução nessa questão da integração é... prejudicava muito. A diferença entre o Paraguai e a Bolívia, o problema da Argentina com o Chile, o problema do Chile com a Argentina, com a ... com a Bolívia, eram óbices quase intransponíveis, né? ... Porque é ... a ... a Bolívia até hoje não perdoa o Chile, por lhe ter tirado a saída pro Pacífico”
- XXXIV. “O Brasil ... o próprio Brasil com a Argentina é ... via é... certas querelas que foram ficando para trás, né? ... Mostrando que o próprio rio Paraguai quando é ... se pega aí na revolução de 1932 é ... Getúlio ele tinha é ... completo é ... completa... completo domínio dos portos do Atlântico e não tinha dos portos interiores”

³⁵ A decupagem dos áudios das entrevistas dos sujeitos entrevistados (I, II e III), que serviu de base para as análises, foi fiel as suas linguagens orais.

- XXXV. “a revolução de 1932, a Revolução Constitucionalista, comandada por Bertoldo Klinger as ... as armas vinham da Argentina através dos naviozinhos da Mate Laranjeira e das carretinha, em função disso, a própria hidrovia foi condenada por um largo período”
- XXXVI. “Porque se criou um conceito geopolítico de quem mandava no rio, é quem tava na boca e quem tava na boca, era a Argentina”
- XXXVII. “E você pode ver a própria Argentina do lado dela, os trilhos são todos de bitola larga, no lado brasileiro de bitola estreita, quer dizer, foram feitas, exatamente, para não permitir integração, contudo, isso hoje está superado, se superou isso aí”
- XXXVIII. “eu acho que o MERCOSUL de certa forma, ele conseguiu é ... equalizar essa questão, tanto é verdade que hoje a Venezuela faz parte, a Bolívia também tá querendo fazer parte”
- XXXIX. “O Chile é muito independente, ele negocia diretamente com os Estados Unidos e com os outros países”
- XL. “Mas, agora, essa visita da Dilma aos Estados Unidos, né? ... A última visita dela com o Obama, quebrou muito a resistência. O próprio Brasil começa a ... a própria ... o próprio Estados Unidos, melhor dizendo, começa a abrir as portas pro lado brasileiro, né? ... Pro comércio, porque entende que isso é importante”
- XLI. “Não á atoa que lá atrás, né? ... Já se cantava no cuitelinho é ... é ... essa marcha para o oeste, né? ... quando eu saí da minha terra, despedi da parentaia, entrei no Mato Grosso, dei em terras paraguaias. Alí tinha revolução ...”
- XLII. “Então essas revoluções, intestinas, na América do Sul prejudicou muito esse trabalho de integração, né? ... E ... e ... isso tá superado”
- XLIII. “Nós éramos um povo que é ... cinquenta anos em rebelião, essa rebelião parou, tá dando um ... momento, abrindo um momento, um espaço importante para a integração de fato, a integração é ... cultural, científica, tecnológica, é ... cultural de infraestrutura e do comércio”

Recortes 5: Dos enunciados (discurso) da posição-sujeito do sujeito entrevistado I

- XLIV. “estivemos lá com o prefeito de Iquique, com a embaixada paraguaia, com a embaixada de vários países, foi a onde a embaixada paraguaia demonstrou esse interesse em função do desenvolvimento atual do Chaco paraguaio”
- XLV. “Então, isso é fundamental pra gente e agora a pouco nós tivemos a visita em Murtinho do embaixador paraguaio, em Brasília ele promoveu um almoço na embaixada paraguaia com toda a bancada federal do Mato Grosso do Sul, me convidou eu estive presente”
- XLVI. “aí nós pegamos andando [...] órgão, um organismo que foi muito fundamental pra a gente vencer todas essas barreiras e queimar etapas, que é o ZICOSUR, a Zona de Integração do Centro Oeste Americano, enquanto movimento ele começa em Antofagasta, no ano de [...] 96 ou 97, ele vem para Salta em 98, vem pra é, Filadélfia alí no Chaco paraguaio, Loma Plata em 99 e nós trouxemos o Quarto ZICOSUR pra Campo Grande (MS) já sob [...] os auspícios do governo do Estado”
- XLVII. “Então eu penso que isso tá maduro, nós alcançamos um objetivo principal que era sensibilizar essas esferas superiores que onde [...] vai, realmente, tornar isso definitivo e concreto”
- XLVIII. “Eu penso que aí o MERCOSUL também [...] na época do Sarney ajudou bastante”
- XLIX. “Então antigamente o Itamarati era um órgão muito distante, hoje a diplomacia moderna não se faz mais via, [...] canais diplomáticos [...] a diplomacia se abriu [...] pros estados para só municípios envolvidos diretamente na fronteira”
- L. “Hoje, nós temos aí o próprio governo brasileiro criando [...] o ensino sem fronteira e o ensino na área de fronteira é ... programas sociais para ajudar na questão da saúde, o atendimento na saúde, o atendimento na esfera social, com a [...] com projetos de conurbação”
- LI. “então eu acho que avançou muito hoje e nós estamos completamente preparados para exercitar na prática essa integração”
- LII. “Vamos colocar claramente a questão da ALCA quando [...] que a ALCA previa, era um certo engessamento [...] Pra poder se tirar proveito de determinados mercados [...] de um certo aprisionamento nessa questão bilateral ou multilateral do comércio”
- LIII. “Então eu acho que na verdade todo mundo ganha com isso, esse é um jogo de ganha-ganha”
- LIV. “o Senador Uchoua dizia que: Las grandes obras las sueñan los santos locos. Las realizan los luchadores natos. Las disfrutan los felices cuerdos y las critican los imbeciles crónicos”
- LV. “Eu sonhava muito com o porto de Murtinho e ele funcionou por um tempo”
- LVI. “Eu já levei a UEMS [...] na Colônia é [...] Municipal da Cachoeira do Apa.. é [...] quer fazer alí um núcleo de pesquisa da ectiofauna e da flora”
- LVII. “tô fazendo um convênio com a UFMS, a professora Sartori, Ângela Sartori, tem dez anos de pesquisa sobre o Chaco, e eu estou desafiando a UFMS a montar um centro”
- LVIII. “nós temos um polo acadêmico em Murtinho (Porto Murtinho) que tá muito bem ranqueado, ele é o trigésimo quinto é ... no Brasil todo e tem quase setecentos polos, para transformar o polo acadêmico de Murtinho numa... num centro de monitoramento e estudo do Chaco”

- LIX. “Eu tô cansado de ver o povo é ... de Murtinho (Porto Murtinho) e alí do Paraguai, [...] passando necessidade”
- LX. “nós começamos a inverter essa lógica e eu penso que nós precisamos nos unir, pra através dessa integração, promover o bem-estar das pessoas”

Recortes 6: Dos enunciados (discurso) da posição-sujeito do sujeito entrevistado II

- LXI. “o fim da famosa Noroeste do Brasil, privatizada lá no governo Fernando Henrique, 96, quando no Estado tinha o governo do PMDB, do Wilson Barbosa, se sucateou a Noroeste do Brasil, que integrava o Mato Grosso do Sul a São Paulo via ferrovia, e nos colocava como alternativa pra sai pro pacífico, que é o grande anseio ... há ... a mais de cem anos, porque essa história de integração começa com os bandeirantes³⁷ lá atrás, buscando um caminho de nos ... há ... permitir uma saída pro pacífico e, conseqüentemente, nos estabelecer como fornecedor de commodities pra o mercado asiático, né?”
- LXII. “ as pessoas me perguntavam que ... que é essa história de bioceânica, né? Até as pessoas ... que a mais de cem anos os Estados Unidos fez a sua ligação bioceânica, ligando o Atlântico ao Pacífico, começaram a entender que aqui também era factível.”
- LXIII. “Se você considera, e um dia conversando com o governador Alckmin, São Paulo, ele então governador lá e eu aqui, numa visita que fiz e ele a São Paulo, ele me dizia que encontrou documentos que a, cem ... cento e cinquenta anos atrás, os bandeirantes já sonhavam com a ideia de integração, [...], de corredor bioceânico. Se você considerar esse tempo pra doze, quinze anos do meu sonho como governador, acho que é muito pouco tempo, há ... pra gente tornar tudo isso realidade [...]”
- LXIV. “É dizer isso pra ti. É voltar a repetir, como você falou, essa...essa ideia central. Se é verdade, e é que a cem, cento e cinquenta anos os bandeirantes sonhavam com a ... a ... a ... a ligação bioceânica Atlântico-Pacífico, nós começamos a sonhar aqui em 99, quando eu assumi o governo do Estado, e tem mais dez, quinze pra viabiliza isso [...]”
- LXV. “Nós temos hoje milhões ou milhares de pessoas no interior da América do Sul, na América do Sul-Central, que é esta região, ligada ao Paraguai, a Bolívia, ao interior da Argentina, a ... a ... ao Chile, há milhares de pessoas padecendo de fome e de miséria”
- LXVI. “Se tinha, e é importante quem nos assiste saiba, se tinha, ou ainda se tem, um discurso de que a ferrovia métrica, ela hoje é inviável, né? E eu conversando com técnicos do Brasil em Brasília, que a Federação dos Ferroviários me levou, provou que esta não é uma verdade”
- LXVII. “tem uma disputa enorme, como tem com o Chile e a Bolívia, uma coisa até hoje não resolvida. Porque a diplomacia, o mundo moderno tem hoje elementos mais eficazes pra superação. Volto a insistir na história dum grande articulador disso tudo, que aproximou essa gente todinha, chamado Luiz Inácio Lula da Silva [...]”
- LXVIII. “Não vejo nenhum. Não vejo ...sinceramente que nenhum. Acho que todo mundo tem um interesse comum, que é viabilizar o corredor”

³⁷ Para Thiago Bonfim Neves, as Bandeiras foram fundamentais na expansão territorial brasileira já que através das expedições bandeirantes o território nacional ficou conhecido. Estes elementos chamados de “maloqueiros”, por mais atroz, violentos, bestiais, arrogantes e avarentos que foram, uma glória lhes é devida, a de expandir o território brasileiro. Observamos que a criação do Forte Coimbra, Presídio de Miranda, são exemplos de demarcações territoriais consequentes da empresa bandeirante pelos sertões do Brasil. As lutas constantes contra os povos indígenas por sua busca, resultou em uma expansão e conhecimento sobre o território, tanto por parte dos espanhóis quanto por parte dos portugueses. Tanto é que o governo português, conhecendo a extensão das terras, de antemão mapeadas pelos bandeirantes, principalmente ao sul, incentiva o imediato povoamento delas a fim de comprovar a posse legal destas. Daí a criação de tais instituições citadas a cima e até a mudança de nome do rio “Mbotetei” para Miranda, dando-lhe assim uma identidade portuguesa. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/historia-do-brasil/bandeiras-no-sul-mato-grosso.htm>>, acesso em 16/02/2016.

- LXIX. “Não. Não acredito, né? Se busca hoje inúmeras alternativas. O próprio, hã ... o próprio de Mariel, em Cuba, também financiado com recursos do Brasil, e foram financiados, e não recursos dados, como o pa ... o pessoalzinho aí da oposição, hã ... não teve grandes obstáculos. Muito mais, quando falo dele, porque tô falando que é uma coisa muito mais sensível aos interesses da economia americana do que a integração sul-americana. Portanto, não vejo obstáculo. Vejo (...) a necessidade da gente intensificar a discussão pra convencimento de todo mundo e agiliza as iniciativas que devem ser tomadas”
- LXX. “acho que é possível a gente construir, respeitando a individualidade, respeitando a soberania de cada um desses países, de cada um desses povos, né...dá Argentina, tá em debate da Bolívia, do Peru, do Chile e do Brasil, é possível a gente construir hã ... um projeto solidário irmão na medida em que a gente faça o seguinte debate: Isto interessa a todos, isto vai significar melhorar a vida não só do povo brasileiro, vai signi ... significa melhora a qualidade de vida ... de vida do povo da América do Sul [...]”
- LXXI. “e eu já subi a Cordilheira dos Andes nesse trem, nessa ferrovia, atravessa a cordilheira e vai até Antofagasta. Portanto, o que nós temos que fazer... e lá de boa qualidade ... o que nós temos que fazer é trabalhar pra construir a ponte , hã ... asfalta as carreteras, ou as rodovias pra chegar com o caminhão de grande porte aos portos do Chile, mas também trabalhar a ideia da ferrovia pra nos credencia como alimentador do povo asiático com os produtos que nós temos, não só no Mato Grosso do Sul, mas também no Mato Grosso ou no Centro- Oeste como um todo, no Paraguai, na Argentina, colocando nossos produtos de forma muito mais competitiva no mercado asiático”
- LXXII. “ antes dessa entrevista, e eu tô falando pela primeira vez, tive em São...em Brasília, eu e deputado Vander, junto com equipe do governo do Estado, do PSDB, reestabelecendo contato, pra nós voltá a trabalha a ideia da ponte sobre o rio Paraguai em Porto Murtinho, que nos vai dá acesso as comunidades Menonitas hã ... do Chaco paraguaio, conseqüentemente, a saída atravessando o ponto mais fácil da Cordilheira dos Andes e, nos permiti chega aos portos ou ao porto de Iquique, no Chile”
- LXXIII. “eu tenho trabalhado em Brasília, ... hã ... na ANTT e dentro do Congresso Nacional a ideia de retomar o debate sobre a recuperação da antiga Noroeste”
- LXXIV. “Muito mais do que projeto, do ponto de vista hã...de escrever o projeto, de pensar na tramitação do projeto, mas o projeto do ponto de vista da articulação política. Já estive junto com prefeito Heitor, lá de Porto Murtinho, junto com outros companheiros da bancada. Eu cito Vander, deputado Vander, deputado Dagoberto, com o embaixador do Paraguai em Assunção, tratando disso [...]”
- LXXV. “Da presidenta Dilma pelo Brasil, do presidente Horácio Carter pelo Paraguai, é? Esse é um projeto, e o segundo projeto, as relações que eu tenho estabelecido com a Federação dos Ferroviários do Brasil, com a ANTT, com o BNDES pra gente estabelecer mandato deputado Zeca do PT hã... Federação dos Ferroviários do Brasil, Sindicato dos Ferroviários do Mato Grosso do Sul, a ANTT e BNDES e, conseqüentemente, a Câmara dos Deputados, um grande seminário com especialistas do Brasil, pra nós e os empresários, evidentemente interessados, estabelecer as oportunidades e a viabilidade da recuperação dessa ferrovia, que eu me referi, que sai de Santos com o nome de Bandeirantes até Bauru, de Bauru até Corumbá de, no território da Bolívia até Santa Cruz, até Salto na Argentina, atravessando a Cordilheira”
- LXXVI. “Ganho as eleições e operamos uma grande mudança na história do desenvolvimento social e econômico do Mato Grosso do Sul, e aí, por isso essa história rápida, aí pela primeira vez me aproximo do tema integração ou ligação bioceânica – Integração da América do Sul”

- LXXVII. “evidentemente, que nós nos deparamos com a problemática do escoamento, principalmente, não só do escoamento, do escoamento barateando o custo , há ... no transporte desta produção”
- LXXVIII. “E aí, nós começamos a, concretamente, frente a este dilema, de como escoar produção barateando o custo, a trabalhar a ideia da saída bioceânica. Nós temos que entender a ideia da saída bioceânica do ponto de vista, do ponto de vista do transporte rodoviário, que cada vez mais se aproxima”
- LXXIX. “baratear custo, nos estabelecer como ...como ... há ... há...capacitados pra colocar no mercado asiático, onde tem aproximadamente 2 a 3 bilhões de...de...de pessoas pra comer as nossas proteínas”
- LXXX. “o que significa pra nós, meu querido, aproxima aproximadamente 7.500 quilômetros de distância daqui pro mercado asiático, 7.500 quilômetros de aproximação com o mercado asiático significa algo como quinze dias de navios de transporte de contêiner em alto mar”
- LXXXI. “ferrovia que vem, no primeiro momento, como o nome...com o nome de ferrovia Bandeirantes de Santos até Bauru. De Bauru até Corumbá, atravessando Três Lagoas, Campo Grande, ou seja, atravessando o Mato Grosso do Sul, como a antiga Noroeste do Brasil. Lá na divisa de Corumbá com a Bolívia ela recebe a Ferro Carril, Boliviana, de excelente qualidade, vai até Santa Cruz de La Sierra. Santa Cruz ela desce ao sul da Bolívia e vai se encontrar com uma outra ferrovia que vem do rio Paraguai, no território da Argentina, numa cidade chamada cidade de Salta, na pré Cordilheira dos Andes. Alí se juntam as duas ferrovias”
- LXXXII. “que eu me referi, da ponte sobre o rio Paraguai em Porto Murtinho, esse é um projeto concreto, viável, em andamento, que me parece que já tem o termo há...de acordo binacional Brasil e Paraguai estabelecido escrito, falta nós criá espaço para um ato solene de assinatura dos dois presidentes”
- LXXXIII. “Ou seja, essa integração também ... há ... de normas [...] normas técnicas, de fiscalização, de equipes, nós temos que facilitar porque senão nós vamos [...] construir os canais de integração física e vamos dificultar do ponto de vista da integração econômica”
- LXXXIV. “as vantagens econômicas e políticas da época são as mesmas de hoje. Acelera, do ponto de vista [...] do nosso crescimento, ... há ... toda vez que você se torna o teu negócio individual ... há ... ou de grupo empresarial, ou do ponto de vista do Estado, não indiferente, mais competitivo, mais ágil, evidentemente ... que você ganha mais competitividade, né? Então, essas condições econômicas prevalecem [...]”
- LXXXV. “Agora, pra você fazer essa ligação, onde não tem investimento tem que ser colocado investimento, investimento público, nas carreiras, ou seja, nas rodovias, no aperfeiçoamento, no melhoramento, na modernização da ferrovia. Isso é recurso. E recurso público tem uma definição, prioridade. Se aqueles que têm a caneta na mão não tiverem isso como prioridade, evidentemente que passa o tempo e a gente não faz acontecer”
- LXXXVI. “No Brasil. Também, nunca se discutiu. A bem da verdade, o grande debate sobre integração [...] América Latina e da América do Sul, em particular, aconteceu a partir de 2000 ... 2003, com o advento do governo Lula. Lula foi um grande há...visionário, um grande comandante, um grande motivador da história da integração, não é? Um grande. Lula que viabilizou. Lula, o presidente Lula, viabilizou [...] os empréstimos pra Bolívia fazê o asfaltamento, que durante muito tempo se falou e ninguém fazia. De ... da divisa do Brasil em Corumbá até Santa Cruz tem 800 quilômetros”

- LXXXVII. “É possível a gente fazer isso. Eu volto a insistir, isso se chama vontade política, vontade política é caneta, pra deliberar recurso no sentido da gente avançar do ponto de vista da construção desse sonho”
- LXXXVIII. “Sim, porque facilitava a vida do Mato Grosso, o desenvolvimento do Mato Grosso, nos tirava da condição de final de linha e nos colocava no centro, no coração da América do Sul. Essa era a preocupação central que me [...] guiou durante oito anos. Acho que nós demos passos significativos. Essas coisas não viabilizam do dia pra noite”
- LXXXIX. “O que nós precisamos é nos integrar, nos integrar do ponto de vista econômico, nos integrar do ponto de vista cultural, nos integrar do ponto de vista turístico, e pra isto a gente precisa de uma primeira integração, a integração física, seja ela ferroviária ou rodoviária. Melhor, rodoferroviária”
- XC. “Havia e há. Há barreiras do ponto de vista alfandegário, do ponto de vista ambiental, do ponto de vista tributário, que nós não teremos dificuldade de superar uma articulação dentro do Mercosul há...não tem nenhuma dificuldade. Ainda existe. Tanto é verdade que uma grande revelação que se faz até hoje, não sei como tá agora, mas até algum tempinho, é de que os caminhões que vêm da Bolívia carregados, que pretendem acessar os portos do Atlântico no Brasil, chega final da tarde numa sexta-feira há ... na divisa de Corumbá com a Bolívia, em porto Qui ... Qui ... Quijaro, a fica necessariamente sábado e domingo pra poder ... há ... há ... receber o visto pra continuar andando porque os fiscais não tão lá [...]”
- XCI. “nós buscá a saída rodoferroviária pra ... pro Pacífico nos torna ... nos tira da situação de linha e nos torna o centro. Se nós abríssimos aqui o mapa da América do Sul, você vai perceber que o Mato Grosso do Sul tá no centro, do coração da América do Sul. Portanto, nós não vamos ser final de linha, vamos ser o meio da linha, altamente competitivo”
- XCII. “Do ponto de vista político, não só pra nós, pro Brasil, mas para a América do Sul, a integração que vai, consequentemente melhorar a qualidade de vida”
- XCIII. “Havia. Havia porque muita gente, um bom tempo, achava que isso era um sonho, é só invenção da cabeça do Zeca, do Heitor, [...], essa história de integração, nunca ninguém tinha visto falar, [...] as pessoas de perguntavam que que é essa história de bioceânica, né?”
- XCIV. “Nós já demos um grande avanço, né? ... Com a criação dos blocos, né? Nós aqui, no caso, o Mercosul, que depois, também por articulação da figura do presidente Lula, incorporou a Bolívia, incorporou a Venezuela, né? Permitindo a nós a construção há ... de um projeto que nos unificasse, e que a partir da unificação desse projeto que nos unifica através do bloco, né? Há ... seja capaz de superar restrição”
- XCV. “A Europa discutiu por mais de cinquenta anos a moeda comum [...], por mais de cinquenta anos, a Europa perseguiu a ideia do Euro, como um ... uma ... uma ... uma moeda que os unificasse, respeitando as suas individualidades. A França continua a França, a Inglaterra continua Inglaterra, Alemanha continua Alemanha, Espanha continua Espanha, Portugal continua Portugal, com as suas particularidades, com os seus problemas, com as suas vantagens. Tem uma coisa que os unifica do ponto de vista comercial: tem uma só moeda [...]”
- XCVI. “Aliás, lá atrás também nós já fazíamos também essa discussão, e a bem da verdade, a respeito dessa discussão do papel que o Mercosul pode ter [...] na questão da integração e do corredor bioceânico. Eu, quando governador, comecei a fazer com o presidente Fernando Henrique. Durante meus oito anos eu peguei, nos meus primeiros quatro anos, os últimos quatro anos do Fernando Henrique, que eu tive uma relação também ... há ... há ... republicana, democrática, há ... me aproximei bastante, respeitando nossas diferenças, gostava do presidente Fernando Henrique, como sei que ele gostava de estabelecer essa relação comigo, e nos meus últimos

quatro anos, eu peguei os primeiros quatro anos do presidente Lula. Lá com o Fernando Henrique a gente já começava a discutir o papel e o peso que o Mercosul pode jogar do ponto de vista de viabilizar a integração”

- XCVII. “Não, nunca ouvi falar. Acho ... por onde andei, sempre percebi todo mundo com muita simpatia, participei de debates e seminários em Antofagasta, participei de seminários em Santiago, participei em seminários em La Paz, participei em seminário sobre esse tema, debate sobre isso em Assunção, tive há ... na Argentina, enfim, nunca ... nunca vi nenhuma resistência, ao contrário, a gente percebia que era possível ampliar horizonte articulando há...governadores, porque a quem não interessa a integração? Ou a quem pode não interessar, né ... a integração? Há ... no sentido de potencializar as riquezas que cada...cada Estado, pra nós, ou cada Província, pra Argentina, ou cada Departamento, pro Paraguai, tudo é a mesma coisa, [...] ... a quem pode não interessar? Isso significa potencializar a sua riqueza, potencializando a riqueza o tornar mais competitivo e, portanto, avançar no seu desenvolvimento. Interessa a todos”
- XCVIII. “Nós já demos um grande avanço, né? ... Com a criação dos blocos, né? Nós aqui, no caso, o Mercosul, que depois, também por articulação da figura do presidente Lula, incorporou a Bolívia, incorporou a Venezuela, né? Permitindo a nós a construção há ... de um projeto que nos unificasse, e que a partir da unificação desse projeto que nos unifica através do bloco, né? Há ... seja capaz de superar restrição”
- XCIX. “acho que o papel do Mercosul é muito importante do ponto de vista, nas reuniões ordinárias dos presidentes que [...] participam do Mercosul começaram a levantar essa bandeira e esse debate”
- C. “A Europa discutiu por mais de cinquenta anos a moeda comum [...], por mais de cinquenta anos, a Europa perseguiu a ideia do Euro, como um ... uma ... uma ... uma moeda que os unificasse, respeitando as suas individualidades. A França continua a França, a Inglaterra continua Inglaterra, Alemanha continua Alemanha, Espanha continua Espanha, Portugal continua Portugal, com as suas particularidades [...]”
- CI. “O que precisa é todo mundo bota como prioridade política. E aí, eu acho, volto na tua pergunta inteligente, acho que o papel do Mercosul é muito importante do ponto de vista, nas reuniões ordinárias dos presidentes que [...] participam do Mercosul começaram a levantar essa bandeira e esse debate”
- CII. “Bolívia, Argentina, Paraguai, Peru, Chile, né? Chile já é ...o Chile tem grandes portos, com calado profundo, ou seja, com navios de grande envergadura podendo há ... há ... há ... carregar a sua carga. [...]. O fato de nos aproximar, a nós do Brasil, do Paraguai, que não tem saída de mar, a Bolívia, há ..., a saída pro Mercosul ... pro Chile, o fato de nos aproximar em 7,5 mil quilômetros e diminuir quinze dias de viagem, evidentemente que por si só já nos torna, a todos, altamente competitivo”
- CIII. “Mas eu acho que a curto prazo, a médio prazo nós podemos tá colhendo fruto, com a inauguração do rio Paraguai, com o asfaltamento no Paraguai da rodovia da barranca do rio Paraguai na cidade de Carmelo Peralta até os Menonitas de Filadélfia, no Chaco paraguaio”
- CIV. “Nós podemos ter esse resultado com o debate que a gente começa a intensificar sobre a recuperação da qualidade da ferro ... da antiga Noroeste do Brasil, principalmente no trecho Três Lagoas a Corumbá”
- CV. “Deus queira que nós possamos tá aqui nessa gravação prenunciando a possibilidade concreta de fazer um grande projeto, pra humanizar, pra dignificar os povos da América do Sul”

- CVI. “se Deus quiser, e Deus vai querer e nos ajudar a, com certeza, em pouco tempo, a gente concretamente, em pouco tempo, sinaliza, generosamente pro futuro, que é capaz de construir um projeto, nós todos, que potencializando nossa riqueza, melhore significa ... significativamente a vida de todos os cidadãos, de todos os seres humanos, de toda a vida do Brasil, do Paraguai, da Bolívia, do Peru, do Chile, da Venezuela, enfim, que seja capaz de fazer a América do Sul de fato um grande , senão o principal continente do nosso planeta”
- CVII. “do ponto de vista das suas reservas minerais, do ponto de vista das suas reservas de petróleo, hã ... do ponto de vista da viabilidade que se tem de ter um projeto verdadeiramente capaz e pensado de desenvolvimento, pra gerar oportunidade, emprego e qualidade de vida pra população”
- CVIII. “eu começo a entender que é absolutamente viável, do ponto de vista econômico, e nós temos que olhar este lado, afinal de contas nós vivemos num sistema capitalista que qualquer um, antes de tudo, vê o lucro. Viável do ponto de vista econômico para se ter investimento”
- CIX. “nós recuperamos grande parte das terras degradadas com programas de recuperação de terras degradadas com um incentivo fiscal pra ampliar as áreas plantadas com soja, milho, enfim, e ... com a produção de carne, investindo em tecnologia, estabelecendo parceria com as associações de produtores, de agricultores, de pecuaristas, enfim, do agronegócio”
- CX. “onde tem aproximadamente 2 a 3 bilhões de...de...de pessoas pra comer as nossas proteínas. A soja e os seus derivados, o milho e os seus derivados e a carne do Mato Grosso do Sul. Portanto, primeiro pensar do ponto de vista rodoviário, e nós caminhamos pra isso [...]”
- CXI. “Nós vivemos, meu amigo, meus amigos, num continente, com certeza, dos mais, senão o mais rico do planeta, do ponto de vista das suas áreas pra agricultura, do ponto de vista das suas terras pra pecuária, ou seja, pro agronegócio”
- CXII. “Hoje nós temos ao longo da ferrovia, no Mato Grosso do Sul, madeira, eucalipto pra ser transportado, sendo transportado por caminhão, sai de Campo Grande pra í à Três Lagoas você quase não consegue andar no seu carro particular de tanto caminhão transportando madeira de eucalipto pras industrias de papel e celulose em Três Lagoas, não é verdade?”
- CXIII. “Esse período coincide com, praticamente, o fim da famosa Noroeste do Brasil, privatizada lá no governo Fernando Henrique, 96, quando no Estado tinha o governo do PMDB, do Wilson Barbosa, se sucateou a Noroeste do Brasil, que integrava o Mato Grosso do Sul a São Paulo via ferrovia, e nos colocava como alternativa pra sai pro pacífico, que é o grande anseio hã ... a mais de cem anos, porque essa história de integração começa com os bandeirantes lá atrás, buscando um caminho de nos hã ... permitir uma saída pro pacífico e ,consequentemente, nos estabelecer como fornecedor de commodities pra o mercado asiático, né? [...]”
- CXIV. “Eu, uma vez, fui atravessa de [...] carro a Cordilheira do Andes e lá em cima da Cordilheira do Andes , hã ... no deserto de Atacama ficamos uma hora e meia, duas horas parado de carro porque , na divisa da Argentina com o Chile, tinha uma ... uma ... uma ... uma ... um posto de fiscalização aqui e outro aqui, um da Argentina e outro do Chile, e os dois fiscalizavam absolutamente ... absolutamente a mesma coisa, ou seja, esse tipo de demora atrasa a viagem, e atrasando a viagem ela se torna cada vez menos competitivo”
- CXV. “Portanto, o que nós vamos insistir, é esse o motivo da ideia do seminário, é ver como que nós fa... canalizamos recursos para modernizar a ferrovia dá segurança de transporte de carga, pra que ela volte a operar na sua intensidade”
- CXVI. “nós, no Brasil, e nós, no Mato Grosso do Sul, passamos 500 anos acreditando no discurso oficial. Qual discurso? De que nós tínhamos que ter paciência, nós tínhamos que esperar,

porque o desenvolvimento ia acontecer primeiro no litoral há ... brasileiro, do Atlântico, e ao longo desse tempo ia se interiorizando”

- CXVII. “Faz 500 anos e o Brasil continua abandonado ... O interior do Brasil, os Estados do Brasil central continuam muito abandonados. Você viaja, como eu viajei, pelo interior da Bolívia, pelo interior do Peru, pelo interior do Paraguai, há ... pra se resumir a estes, você vai perceber que eles também sofrem da mesma ilusão”
- CXVIII. “Passaram ao longo do tempo acreditando no discurso oficial de que tinham que ter paciência, ponderação, porque afinal de contas primeiro ia acontecer o desenvolvimento do litoral do Pacífico, ao longo do Pacífico, pra depois se interiorizar”
- CXIX. “O que precisa fazer nela é manutenção, o que nós não temos aqui, porque quem comprou a concessão abandonou, então, estão inclusive, é uma denúncia que eu tenho feito, retirando trilhas ... trilhos, como retiraram do ramal Campo Grande–Maracaju–Ponta Porã, né?”

ANEXO II – Questionário aplicado aos entrevistados

Por questões éticas, o entrevistado poderá desistir de participar da pesquisa, com as respostas deste questionário antes do término dela, bastando solicitar junto ao pesquisador os originais. Caso ainda queira, o seu nome poderá ser omitido quando da constituição do corpus da pesquisa, bastando expressar sua intenção junto ao entrevistador.

As nossas questões vão abranger o período de 1996 até 2006.

Questões

- 01) Qual cargo ou função pública o senhor ocupou e qual o período? Comente um pouco.
- 02) Em seu cargo ou função, a questão do transporte para escoamento de mercadorias quer interna ou externamente (exportação) era um questão estratégica? Se sim ou não, comente em que medida.
- 03) Considerando que a integração (de rodovias, ferrovias, hidrovias em forma de corredores) interna das regiões do Brasil ou com outros países depende de uma política do Governo Federal. O senhor em algum momento encaminhou projeto nesse sentido, para desenvolvimento de corredores ou linhas de transporte para redução dos custos? Comente.
- 04) Considerando-se que a integração (de rodovias, ferrovias, hidrovias em forma de corredores) com outros países depende de uma política implementada pelo Governo Federal. O senhor em algum momento encaminhou algum projeto nesse sentido para desenvolvimento de corredores ou linhas de transporte para redução dos custos? Comente.
- 05) O perfil econômico do Estado de Mato Grosso do Sul é de grãos e carne de forma geral, o escoamento de seus produtos para exportação é via Oceano Atlântico, o que demanda custos (período de 1996 a 2006). Existiu ou existia algum projeto alternativo em discussão para baixar o custo de transporte e assim tornar os produtos mais competitivos no mercado externo? Sim ou não, comente.
- 06) O Corredor Bioceânico (período de 1996 a 2006), via Oceano Pacífico, é uma discussão um pouco antiga como uma suposta solução para baixar custos. Qual a sua posição sobre o Corredor Bioceânico naquele momento e hoje?
- 07) Havia obstáculos na implantação das propostas do Corredor Bioceânico? Se sim ou não, comente.
- 08) Quais as vantagens políticas e econômicas, grosso modo, traria, naquela época, o Corredor Bioceânico para o Estado de Mato Grosso do Sul e para o Brasil? Comente.
- 09) Entre as dificuldades da implantação do Corredor Bioceânico (daquela época), havia dificuldades no Estado de Mato Grosso do Sul? Se sim ou não, comente.
- 10) Entre as dificuldades da implantação do Corredor Bioceânico (daquela época), havia dificuldades no Brasil e outros Estados? Se sim ou não, comente.
- 11) Entre as dificuldades da implantação do Corredor Bioceânico (daquela época), havia dificuldades do Peru e do Chile enquanto porta de “entrada” e “saída” do Oceano Pacífico? Se sim ou não, comente.

12) Ao falar em Corredores Bioceânicos, conjuga-se também a questão da integração da América Latina e isso leva à questão aos acordos de livre comércio. Como o senhor relaciona o Corredor Bioceânico a essa questão, considerando a posição política e econômica dos Blocos Econômicos?

13) O Mercosul poderia ou pode ter um papel decisivo nas discussões e implantação do Corredor Bioceânico? Se sim ou não, comente.

14) Havia oposição de outros Blocos Econômicos ou países em relação ao Corredor Bioceânico? Se sim ou não, comente.

15) Se pensarmos mais detidamente, o Corredor Bioceânico poderia afetar positivamente a economia de alguns países com a diminuição dos custos de transporte, o que tornaria muitos produtos mais competitivos no mercado internacional. Quais países poderiam ser beneficiados, além do Brasil?

16) Se pensarmos mais detidamente, o Corredor Bioceânico poderia afetar positivamente a economia de alguns países com a diminuição dos custos de transporte, o que tornaria muitos produtos mais competitivos no mercado internacional. Quais países poderiam não se beneficiar, da América Latina?

17) Havia alguma expectativa de sua parte em relação a implantação do Corredor Bioceânico? Se sim ou não, comente.

18) Caso fosse implantado o Corredor Bioceânico, a globalização das economias e das políticas mundiais poderia, de alguma forma, ser um obstáculo? Se sim ou não, comente.

19) Agora abro um espaço para alguns comentários que o senhor gostaria de fazer e que não tenha sido contemplados nas perguntas.

ANEXO III - Transcrição das entrevistas

Posição-sujeito entrevistado I³⁸

Pergunta:

Heitor, qual cargo ou função pública o senhor ocupou e em qual período?

Resposta:

Bom, eu ocupei vários cargos além do Ministério Público, eu ingressei no Ministério Público em 1979.

Mas eu é ... participei aqui da Prefeitura de Campo Grande como procurador jurídico é ... no ano de 1996, em seguida, eu fui pra Secretaria de Estado do Trabalho no governo Ramez³⁹. Em 1988 eu me afastei, concorri a prefeitura de Murtinho⁴⁰ fui eleito e ... é ...administrei a prefeitura de Murtinho de 1989 a 1992, foi quando eu comecei ter acesso a esses temas de integração através dos...dos governos é ...do... de Departamento do Alto Paraguai, de Boquerón⁴¹ e contatos com o pessoal do Chile e da Argentina.

É ... eu retorno pro Ministério Público em 1997, né? ... Com a vitória do Zeca⁴², em 1998, desculpe, pro governo do Estado eu passei a ocupar a ... Coordenadoria Geral de... Assuntos... de Ações Estratégicas e Assuntos Internacionais, foi quando nós trouxemos pra dentro do governo esse debate fundamental é ... da integração e que ela passaria necessariamente é ... por Corredores é ... ligando o Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico.

Tive é ... acesso no primeiro momento ao estudo⁴³ do GEIPOT é ...é ... e o estudo do GEIPOT ele considerava dez, se não me engano, considerava dez é ...Corredores de ligação a começar do Norte do país até Sul, no Mato Grosso do Sul ele fazia referência ao Corredor por Corumbá, né? ... Santos é ... Campo Grande, Corumbá, é ... Santa Cruz de La Sierra, Cochabamba é ... e aí os portos é ... de Ilo ou Matarani no Peru e de Arica e Iquique no Chile.

Nós passamos a trabalhar com a possibilidade de criar no Estado de Mato Grosso do Sul o segundo Corredor Bioceânico que sairia de Santos ou de Paranaguá, né? ... Entraria no Estado por Mundo Novo ou por Bataguassu, né? ... Passando aí por Dourados, por ... por ... Rio Brillhante é ... Jardim, Porto Murtinho, Porto Murtinho, Carmelo Peralta ... Carmelo Peralta, ... ufrano ... dos Menonitas no coração do Chaco paraguaio, e daí podendo é ... acessar é ... os portos do Pacífico tanto pelo Sul da Bolívia com entrada através de Villa Montes ou pelo Norte Argentino através de Poço Ondo, Tartagal, né? ...

Essa ligação pela Argentina ela, necessariamente, tem que passar pela...pelo...pelo Passo de Jama é ... que é divisa da Argentina com Chile que é muito alto, ele tem 4.800 metros de altitude e aí existe alguma resistência dizendo que ele encarece em função do ar rarefeito, da altitude, enfim ...é ... sucede que o Paraguai, ele ocupa muito esse rota, ele traz as cargas, né? ... Através da Costa Oeste americana (EUA) é ... e do Oceano Pacífico é ... dos países Ásia-Pacífico ele traz, via Iquique, né? ... Caminhões, carro é ... aparelhos eletroeletrônicos via o Passo de Jama.

³⁸ Os três pontos (...) presentes em meio a transcrição da entrevista, foram utilizados como recurso para marcar algumas pausas na fala.

³⁹ Ramez Tébet, ex-governador do Estado de Mato Grosso do Sul (1986 a 1987).

⁴⁰ Município brasileiro situado no Estado de Mato Grosso do Sul.

⁴¹ Departamento ou região administrativa do Paraguai.

⁴² José Orcírio Miranda dos Santos ou Zeca do PT, ex-governador do Estado de Mato Grosso do Sul.

⁴³ Estudo de Corredores Bioceânicos de 1996.

Existe uma outra alternativa, é ... que essa alternativa seria pelo Sul da Bolívia, né? ... Pelo ... por Villa Montes que passaria por ... por ... Tarija que é a região do gás da Bolívia, Iquiqua, aí com acesso ao Canal... ah... ao Salar de Uyuni, atravessaria os Andes no Hito 60, que é a parte mais baixa dos Andes, isso... nós estamos falando aí de numa altitude de 3.600 metros, mais ou menos e aí acessando, então, o porto de Iquique ou de Mejillones é ... essa rota hoje tem algumas restrições com relação a Bolívia, né? ... A Bolívia tem colocado algumas...algumas...alguns óbices no tocante a passagem por essa rota, querendo que os caminhões que passassem pela Bolívia fossem pilotados ou dirigidos por motoristas bolivianos

Isso pra quem é dono da carga ou dono de caminhão é um assunto que é muito melindroso, então... favorece a tese do Corredor pelo Norte da Argentina, isso é tão forte que agora mesmo ah, a presidente Dilma com o primeiro ministro é ... Chinês é ...tentaram passar, fazer um Corredor ferroviário via Bolívia e ... o Evo⁴⁴ não topou e o resultado disso e que essa... esse Corredor tá indo via é ... Amazonas, Peru ... sair lá pelo Peru ... é ... eu acho isso um complicador enorme porque, tratando-se da Amazônia, de meio ambiente, nós teríamos ali, além da floresta amazônica, é ... inúmeros rios de ... de... grande envergadura, eu penso que seria mais difícil, eu continuo acreditando que o melhor caminho seria esta via, por Porto Murtinho que é o trecho mais curto, se a gente analisar o mapa da América do Sul como um todo, a gente vai perceber que ele... ele... abre é ... é ... em uma largura extraordinária de Atlântico-Pacífico e ele vai reduzindo até chegar no Sul, ele é bem estreito, e essa pelo... pelo... por Murtinho por.... em face dessa questão de sair pela Argentina eu penso que é o Corredor mais importante.

Pergunta:

Então é ... nós estamos falando, então, de uma questão estratégica.

Resposta:

De uma questão estratégica ... de uma questão estratégica, porque na verdade o que que ocorreu... eu uma vez eu conversando no governo do Zeca com o Lessa⁴⁵ que foi presidente da... do Banco Central, e ele é um historiador fantástico também, o que ele dizia, que o grande mérito da Coroa Portuguesa foi manter o Brasil como um País unitário, como um país único, país de tamanho continental mas único em função da língua, em função de uma série de questões e que já o lado espanhol não... não aconteceu o mesmo, né? ... Nós tivemos aí 13 países, pequenos... é ... pobres... é ... com brigas entre si, nós temos brigas seculares aí, nós temos a batalha do Pacífico é ... que toma... o Chile acaba tomando os portos da... do... Chile do Peru... Arica ... nós temos a Guerra do Chaco, né? ... Da Bolívia e do Paraguai, uma guerra longa que acabou no manchete, né? ... Acabou até a pólvora como diz o outro.

Então, isso tem fragilizado muito os países de língua espanhola, se tornaram países pequenos e muitos deles só vão se viabilizar se houver essa integração, e essa integração se foi muito dificultada, em função de que os trens do lado brasileiro não coincide com a bitola dos trens do lado argentino, né? ... A da Bolívia ainda coincidiu que se tem um trem que vai até Santa Cruz, né? ... E aí se faz uma guinada é ... Norte-Sul até Salta e aí retoma no sentido Leste-Oeste, passando por Socompa é ... numa altura extraordinária, tanto é que o trem ali chama trem das nuvens, né? ... Eu penso que o melhor caminho é ... seria este pelo Sul da Bolívia é ... os Andes ali é ... é mais ... mais ... estreito, mais baixo e eu acho que facilitaria muito inclusive com um Corredor ferroviário, além do Corredor rodoviário.

Isso é ... seria estratégico para todos esses países, para você ver o Paraguai hoje tem um interesse grande em função disso é ... vai investir aí setecentos milhões de dólares, aproximadamente, para asfaltar de Canelo Peralta em frente a Murtinho até a... a divisa com a Bolívia em... em... é ... Rivarola, passando por Marechal Estigarribia até Infante Rivarola e com uma bifurcação saindo é... pelo... pelo Norte da Argentina pelo... pelo Norte da Argentina através de Salto e Tartagal, né? ... É ... hoje o Chaco Paraguai, ele tem se transformado celeremente naquilo que se transformou o ... o cerrado brasileiro.

44 Evo Morales, presidente da Bolívia.

45 Carlos Lessa

O Chaco, hoje, é campeão de carne, de leite, de soja, de grãos, né? ... Além de que está se analisando ... pesquisando petróleo e com muita... com muita lógica, porque se tem petróleo é ... no Chaco boliviano como gás ali em Tarica, se tem petróleo no Chaco argentino ali em Tartagal: Porque não haveria no Chaco paraguaio?

E aí nós temos no Chaco brasileiro, porque o Chaco todo perfaz um... uma área de oitocentos mil quilômetros quadrados e o Chaco brasileiro está todo ele no município de Murtinho, então a mesma indagação se faz em relação a Porto Murtinho e o que a gente pretende com isso, é quebrar o isolamento de Murtinho e quebrar o isolamento do Sudoeste do Mato Grosso do Sul e quebrar o isolamento do Mato Grosso do Sul.

O Mato Grosso do Sul é um Estado mediterrâneo, nós estamos no meio, agora só... hoje com a saída apenas pelo Atlântico. se possibilitar essa saída pro Pacífico, nós ganhamos uma importância logística e estratégica fundamental, né? ... Que passa a exercer um movimento pendular é... e dependendo da carga, da origem da carga e do destino você tem as opções de sair tanto pelo Atlântico quanto pelo Pacífico, né? ... E o Paraguai nesse momento é um grande parceiro.

O Paraguai tem crescido aí na taxa de 14% ao ano, né? ... Só a colônia Menonita ali a duzentos quilometro de Murtinho eles abriram mais de um milhão e meio de hectares de terra, produzem por dia quatrocentos mil litros de leite, abatem por dia é ... setecentos ... oitocentos bois, a carne do Chaco, do boi do Chaco é uma carne extremamente saudável, ali não tem é ... é ... não tem carrapato, não tem berne, para você ter uma adeia, toda a pele dos bois abatidos em Loma Plata e Filadelfia tem destino certo, que é a ... a... a Rolls Roice, para fazer os estofamentos dos carros da Rolls Roice e ali eles se tornaram um centro extremamente rico.

Os Menonitas têm ali até banco, cooperativas, tudo é cooperativado, se a gente conseguir ligar isso, né? ... Com o ... o ... Sul da Bolívia é ... até o próprio é ... esse é ... o ramal do gás... do... do Gasbol⁴⁶, do gasoduto, ele faz uma volta tremenda, ele foi dali de Tarica até Santa Cruz, Santa Cruz à Corumbá, se ele tomasse direto Tarica é ... Murtinho nós encurtaríamos extraordinariamente o custo é ... de transporte em função da diminuição de quilometragem.

Pergunta:

Então é ... considerando que a integração rodoviária, ferroviária, hidroviária em forma de corredores em terra das regiões do Brasil e de outros países depende de uma política do Governo Federal. O senhor em algum momento encaminhou o projeto nesse sentido para o desenvolvimento de corredores ou de linhas de transportes para redução de custos?

Resposta:

Sim. Nós tivemos desde o primeiro ano do governo do Zeca... nós tivemos uma reunião em Murtinho com o Lula⁴⁷ antes dele ser presidente e ... eu indaguei, eu e o Zeca indagamos a possibilidade de a gente ter uma conversa com Eliezer Batista, que era então o homem mais entendido é ... em termos de logística.

O Lula achou interessante essa ideia. Eu consegui agendar a conversa com o Eliezer em 99, essa conversa aconteceu em maio de 99, na FIRJAN⁴⁸, né?

O Eliezer no primeiro momento em função desse estudo da GEIPOT colocou é ... alguns óbices que era ass... naturalmente a questão da altitude da ultrapassagem dos Andes, e nós colocamos também a perspectiva turística.

Aí ele falou, bom, pro turismo isso é essencial, que a gente vai ligar é ... ecossistemas completamente diferentes e antagônicos, né? ...

Ligar o grande deserto do Atacama, que é o deserto mais árido do mundo, com o circuito de águas de Bonito e o pantanal de Mato Grosso do Sul e o Chaco paraguaio é ... argentino, boliviano,

46 Gasoduto Brasil/Bolívia.

47 Ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva.

48 Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro.

paraguaio e ... e brasileiro que é Murtinho, então ele achou essa ideia fantástica, extraordinária e se propôs a fazer o estudo e fez, né?

Esse estudo foi é ... é ... bancado pela... pela BR Distribuidora⁴⁹, né?

Pergunta:

- Quer dizer, para além do Transporte de cargas a circulação de pessoas?

Resposta:

Também pessoas, o turismo, né? ... A exploração do turismo é ... em si, e ... em função dessa conversa com o Eliesér, né? ... Eu sei dizer que em 2000, em agosto de 2000, Fernando Henrique⁵⁰ reúne todos os países da América do Sul, né? ... Em Brasília, e lança o IIRSA, que é Iniciativa de Integração da Infraestrutura da América do Sul, né? ... Isso aí já prevendo vários Corredores, Murtinho, novamente, não estava aí, fizemos uma briga, quando eu fui na transição do governo Lula eu voltei a insistir na inclusão desse Corredor via Murtinho.

E essa ... essa ... essa integração de infraestrutura, ela é importante porque não passa só pela ligação física, não passa só pela estrada, pela ferrovia, pela aerovia, mas, principalmente na comunicação, de você ter aí é ... linhas telefônicas que hoje já tem, você pega o Paraguai hoje ele é bem iluminado na área do Chaco paraguaio, tanto através da Tigo⁵¹ quanto através da Claro⁵², né? ... E ... e ... e ... nós não tínhamos essa comunicação até então, né? ... Essa comunicação ela é fundamental pra poder é ... é ... as pessoas, elas interagirem.

Para você viajar é ... antigamente foi a primeira expedição foi feita quando Myrian⁵³ era prefeita e o Zeca Governador em 1999-2000, foi feita essa primeira viagem do pessoal até Porto Murtinho, era uma aventura, porque não tinha postos de serviços, as estradas eram precárias, eram estradas de fazendas, né? ... Hoje nós avançamos muito e tem muitos brasileiros comprando fazendas no Chaco paraguaio, né? ... Quer dizer desde a Bom Bril até outros fazendeiros é ... aqui em ... aqui no Brasil, estão investindo forte e pesado lá no Chaco paraguaio, então, eu penso que essa integração ela é fundamental é ... porque... vai melhorar a qualidade de vida das pessoas, vai gerar renda, vai gerar emprego, como tem gerado, né? ... E ela pode ser é ... é ... e ela pode ser beneficiada exponencialmente se a gente concretizar esse asfalto que o presidente Cartes⁵⁴ é... promete de fazer, à partir daqui dois meses, iniciar esse asfalto.

Já foram feitas as audiências públicas, todas, nós tivemos o ... aí depois eu participei ainda no ano passado, num debate na comissão de infraestrutura do Senado brasileiro é ... promovido pelo Senador... Senador Figueiró, Rubens Figueiró, estivemos lá com o prefeito de Iquique, com a embaixada paraguaia, com a embaixada de vários países, foi a onde a embaixada paraguaia demonstrou esse interesse em função do desenvolvimento atual do Chaco paraguaio, né?

Então, isso é fundamental pra gente e agora a pouco nós tivemos a visita em Murtinho do embaixador paraguaio, em Brasília ele promoveu um almoço na embaixada paraguaia com toda a bancada federal do Mato Grosso do Sul, me convidou eu estive presente, houve já uma primeira reunião técnica em Assunção isso já com relação a ponte, que é sobre o rio Paraguai e Murtinho e eu penso que esse ... esse ... esse projeto tá bem encaminhado, andado e tem hoje uma vontade é ... muito bem definida, tanto por parte do governo brasileiro, quanto por parte do governo Paraguai.

49 Nome fantasia da empresa estatal brasileira Petrobras Distribuidora S/A.

50 Ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso.

51 Companhia telefônica do Paraguai.

52 Companhia telefônica do Brasil.

53 Ex-prefeita da cidade de Porto Murtinho, Myrian Silvestre dos Santos.

54 Horacio Manuel Cartes Jara, presidente do Paraguai.

Que na verdade, hoje o que falta é esta ligação dentro do Paraguai, e o Horácio Cartes está muito envolvido nisso, aí a parte argentina tá pronta, a parte chilena tá pronta, o que faltaria seria esse no ... esse Sul da Bolívia, né?

A Bolívia tem essa estrada por Santa Cruz de lá Sierra, mas, se ela fizesse essa ligação pelo Sul, aí por Tarica e Aquiba, nós teríamos, inclusive, passaríamos por uma região muito forte na produção de lítio, é uma região de que tem uma reserva de lítio muito importante, então, eu acho que isso representaria aí uma... uma... um desenvolvimento extraordinário para a região toda.

Pergunta:

Bom é ... essas discussões sobre o corredor bioceânicos são discussão é ... bastante antigas, né? ... É pensando naquele... naquele momento de 1996 a 2006 e pensando hoje, qual a sua posição sobre o corredor bioceânico naquele momento e hoje?

Resposta:

Eu acho que avançamos muito... você pensa que em 96 pouca gente conhecia isso, no Mato Grosso do Sul mesmo é ... pouca gente sabia da existência de Antofagasta⁵⁵, de Iquique⁵⁶, de Merillones⁵⁷, de São Pedro de Atacama⁵⁸, hoje nós temos a rede... a Tevê Globo a ... os grandes canais de televisão do Brasil e os grandes jornais é ... já falam no deserto do Atacama, inúmeras reportagens sobre é ... é ... São Pedro do Atacama, novelas filmadas no deserto do Atacama.

O Atacama hoje é o principal ponto é ... de... de... de telescópio do mundo, todos os países do mundo têm um espaço no Atacama para fazer suas observações né? ... Com ... é ... espaciais, descobrimento de novas estrelas, de novos planetas, tudo isso tem passado por esses observatórios do Atacama, é ... então hoje isso já é familiar, parece que a dupla Zezé de Camargo e Luciano também gravaram um ... parte de um CD alí pelo que eu fiquei sabendo.

É ... eu lembro que naquela época em é ... ainda em... o ... antes de eu vir para o governo em 96, o Ozório⁵⁹, meu irmão, junto com o prefeito Abel⁶⁰, eles foram lá em Iquique e quem que eles encontraram lá? Beto Carrero! Que morreu logo depois que voltou de lá.

Beto Carrero⁶¹ já tinha interesse de montar um grande atrativo lá em Iquique que é uma cidade maravilhosa, uma cidade de trezentos e poucos mil habitantes, Salto é uma extraordinária né? ... Com suas culturas, suas músicas né? ... o ... o espanhol mais bem falado e escrito é no Norte argentino né? ... Terra de Mercedes Sossa.

O Chile com Víctor Jara, com Violeta Parra e outros atuais então, eu penso aí tem os índios do Atacama é ... os atacamenhos, tem é ... é... é, os Incas, as... as múmias mais antigas não estão no Egito, estão aqui.

Agora mesmo tem uma reportagem no grande é ... nos Andes argentino, a descoberta lá em Salta é de... de... de múmias de sei lá quantos anos, em perfeito estado. Então isso tudo é ... é motivo de pesquisa de estudo é ... de forma que nós avançamos muito nisso, hoje, eu posso dizer sem medo de errar que nós alcançamos um estágio de maturação capaz de concretizar esse projeto.

Pergunta:

Pensando naquele período 1996, os dez anos depois né? ... Havia obstáculos na implantação das propostas de Corredor Bioceânico?

55 Cidade no norte do Chile.

56 Província, localizada na região de Tarapacá, Chile.

57 Província de Antofagasta, Chile.

58 Província de El Loa, Chile.

59 Ozório Miranda dos Santos.

60 Ex-prefeito de Murtinho, Abel Proença.

61 Empresário brasileiro do ramo de parque de diversões.

Resposta:

- O obstáculo era tornar conhecido isso, né?
 Vai ligar o que com o que?
 Qual que é o potencial de cada região?
 É ... haviam outras prioridades né? ... Então é ... é ... quem que comprava produto do Brasil?
 Era a Europa praticamente, a Argentina, o Chile ...
 O Chile, como grande comprador do Brasil, é um fato recente, né? ... E o Chile entrou pra quebrar, quer dizer, hoje um dos maiores parceiros comerciais nossos é o Chile é ... desculpe é a China.

A China, hoje, é um dos maiores parceiros comercial do Brasil, então isso muda tudo: Como que nós vamos mandar um produto daqui para a China pelo Atlântico, né? Fazendo a volta é ... lá pela, pelo ... pelo... pela África do Sul ou pelo, é difícil então, o caminho mais curto ... exato, o mais curto é passar aqui e embarcar diretamente no Pacífico, então a China muda tudo.

Aí dizer, até dizer: Mas, a China está quebrando!

Teve lá... um sacolejo lá... um sacolejo grande nas bolsas, más isso é natural. Todos os países nesse momento estão passando é ... por uma crise que eu penso que nós vamos sair dela em um relativo espaço de tempo.

Pergunta:

Olhando ainda mais nitidamente essa questão política e econômica naquela época, 1996 - 2006, quais as vantagens políticas e econômicas, grosso modo, traria naquela época, o Corredor Bioceânico para o estado de Mato Grosso do Sul e para o Brasil?

Resposta:

Alí, naquele momento, pelos óbices colocados até pelo estudo do GEIPOT, seria através da... do turismo, eu penso que... hoje, por exemplo, tá pronta a ligação por Corumbá (MS), né? ... E várias pessoas começam a descobrir isso, quer dizer, hoje é muito mais interessante ir de carro, quem sai aqui de Mato Grosso do Sul ou dos Estados mais próximos e se direcionar a Machu Picchu, indo por Corumbá, por Cochabamba, La paz, Nossa Senhora de Copacabana, Cuzco, quer dizer, é um mundo maravilhoso que ainda... falta as pessoas descobrirem.

No momento em que se descobrir isso, né? ... E as pessoas começar a despertar é ... nós teremos aí um ... um grande... um grande é... entrosamento, uma grande integração, a ... os Ralis, por exemplo, já existe aí o Rali é ... da Argentina até o Atacama: Que ... que... que não seria de um Rali saindo do Chile, né?

A travessia dos Andes aí, com ... com o Chaco argentino ou... ou... ou boliviano, paraguaio, Murtinho até Bonito, com chegada a Campo Grande, quer dizer, dá pra viajar muito nessa... nessa história.

Pergunta:

Agora um pouco dessa vivencia dentro do governo do estado do Mato Grosso do Sul, é ... entre as dificuldades da implantação do corredor Bioceânico daquela época, havia dificuldades no estado de Mato Grosso do Sul?

Resposta:

É ... o Zeca sempre foi um homem muito sensível a isso, né? ... Então ele nos ajudou muito. e aí nós pegamos andando um... a... um... um... órgão, um organismo que foi muito fundamental pra a gente vencer todas essas barreiras e queimar etapas, que é o ZICOSUR⁶² a Zona de Integração do Centro Oeste Americano, enquanto movimento ele começa em Antofagasta, no ano de ... 96 ou 97, ele vem para Salta em 98, vem pra é, Filadélfia, alí no Chaco paraguaio, Loma Plata em 99 e nós trouxemos o Quarto ZICOSUR pra Campo Grande já sob é... os auspícios do governo do Estado.

Então, o Zeca, ele foi um parceiro muito grande e nós viajamos pro Paraguai várias vezes, o maior óbice estava dentro do Paraguai, eles tinha um receio de fazer esse Corredor por Carmelo Peralta e prejudicar Concepción, né? ... Que em tese seria o segundo maior... é maior... a segunda

62 Zona de Integração do Centro Oeste Sul-americano.

maior cidade paraguaia, isso tudo hoje está superado, eles estão... todos eles os empresários paraguaios estão convencidos que o melhor caminho é por Carmelo Peralta e a partir daí os Menonitas estão muito fortes, né? ... E ... ganhando o Sul da Bolívia e o Norte argentino.

Então nós avançamos muito em reuniões através do ZICOSUR, em reuniões que demos no Chile, é ... é na Argentina, no Paraguai diversas vezes, na Bolívia, né? ... E ... e o Lula tem se empenhado muito também.

O Lula tem sido um grande parceiro, o Lula tá convencido, tanto é que que fizemos um encontro em Corumbá a pouco tempo, né? ... O Lula estava presente lá, trouxemos o senador Castiglioni⁶³ é de Asunción, que foi vice-presidente na época do Nicanor⁶⁴, o Lula era o presidente, senadores da Bolívia, né? ... Prefeito de Iquique e várias... várias autoridades.

Então eu penso que isso tá maduro, nós alcançamos um objetivo principal que era sensibilizar essas esferas superiores que onde é ... é ... vai, realmente, tornar isso definitivo e concreto.

Pergunta:

Agora a mesma pergunta Heitor, mudando o foco, né? Entre as dificuldades da implantação do corredor Bioceânico, ainda naquela época, havia dificuldades para o Brasil em outros Estados?

Resposta:

Havia ... havia ... naturalmente que sim. Na própria... na própria interlocução nessa questão da integração é... prejudicava muito. A diferença entre o Paraguai e a Bolívia, o problema da Argentina com o Chile, o problema do Chile com a Argentina, com a ... com a Bolívia, eram óbices quase intransponíveis, né? ... Porque é ... a ... a Bolívia até hoje não perdoa o Chile, por lhe ter tirado a saída pro Pacífico, né?

É ... então, isso foi um... um trabalho muito grande de convencimento de tentar mudar é ... esses conceitos todos mostrando que a integração seria o passo mais rápido pra se alcançar a melhoria da condição de vida para todo mundo. Eu penso que aí o MERCOSUL também é ... a ... a ... na época do Sarney⁶⁵ ajudou bastante, né? ... O Brasil... o próprio Brasil com a Argentina é ... via é... certas querelas que foram ficando para trás, né? ... Mostrando que o próprio rio Paraguai quando é ... se pega aí na revolução de 1932 é ... Getúlio⁶⁶, ele tinha é ... completo é ... completa... completo domínio dos portos do Atlântico e não tinha dos portos interiores, e quando a ... a revolução de 1932, a Revolução Constitucionalista, comandada por Bertoldo Klinger as... as armas vinham da Argentina através dos naviozinhos da Mate Laranjeira⁶⁷ e das carretinha, em função disso, a própria hidrovia foi condenada por um largo período, né?

Porque se criou um conceito geopolítico de quem mandava no rio, é quem tava na boca⁶⁸ e quem tava na boca, era a Argentina.

E você pode ver a própria Argentina do lado dela, os trilhos são todos de bitola larga, no lado brasileiro de bitola estreita, quer dizer, foram feitas, exatamente, para não permitir integração, contudo, isso hoje está superado, se superou isso aí.

Pergunta:

É Entre as dificuldades da implantação do corredor bioceânico, ainda naquela época, havia dificuldades do Peru e do Chile enquanto porta de entrada e saída no Oceano Pacífico?

63 Luis Castiglioni Joria.

64 Ex-presidente do Paraguai, Nicanor Duarte.

65 Ex-presidente do Brasil, José Sarney.

66 Ex-presidente do Brasil, Getúlio Vargas.

67 Companhia Matte Laranjeira.

68 Referência a nascente do rio.

Resposta:

Desde que passasse pelo Chile, né?

O Peru, não.

O Peru nunca colocou obstáculo, só que pra gente o Peru fica muito fora de linha, né? ... Ele fica muito ao Norte, muito lá em cima, tem um porto de Iti ... porto de Ilo, de Matarani e ele fica deslocado pra quem vai seguir essa rota central, do Corredor Bioceânico Central, pra quem vai fazer a rota por Porto Velho é ... por Rondônia, tudo bem, ele é interessante, né? ... Agora para nós que estamos aqui no Corredor central, ele fica muito deslocado.

Pergunta:

Ao falar de corredores bioceânicos, conjuntos também a questão da integração da América Latina e isso leva a questão dos acordos de livre comércio. Como o senhor relaciona o corredor bioceânico a essa questão, considerando a posição política e econômica dos blocos econômico?

Resposta:

Veja bem, é ... eu acho que o MERCOSUL de certa forma, ele conseguiu é ... equalizar essa questão, tanto é verdade que hoje a Venezuela faz parte, a Bolívia também tá querendo fazer parte, né? ... O Chile é muito independente, ele negocia diretamente com os Estados Unidos e com os outros países. Mas, agora, essa visita da Dilma⁶⁹ aos Estados Unidos, né? ... A última visita dela com o Obama⁷⁰, quebrou muito a resistência. O próprio Brasil começa a ... a própria ... o próprio Estados Unidos, melhor dizendo, começa a abrir as portas pro lado brasileiro, né? ... Pro comércio, porque entende que isso é importante, né? ...

A ... a ... a condução da política econômica na América do Sul passa pelo Brasil, é o maior produtor, é ... as maiores indústrias estão aqui do lado brasileiro, né? ... Dentro do Brasil, então eu vejo com boa perspectiva isso, né? ... No tocante a carne, por exemplo, havia uma ... um bloqueio da carne brasileira, o Paraguai tinha a cota Hilton⁷¹ e outros países tinham, que era vender diretamente aos Estados Unidos.

Agora isso foi quebrado, né? ... E outros produtos que nós temos aqui, que nós passamos a ... a ... a ter a ... a possibilidade de vender e fazer essa... essa troca comercial com os Estados Unidos. Então, por isso que eu digo, eu acho que nós estamos chegando no momento certo, na hora certa, e poder resolver e deixar que o livre comércio é ... a lei do mercado é ... comece a ... a vigorar de fato.

Pergunta:

Então o MERCOSUL poderia ou pode ter um papel decisivo nas discussões da implantação do corredor bioceânico?

Resposta:

Sim, sem dúvida nenhuma, né? Porque interessa a todo bloco econômico, você tem que ter integração física, tem que ter integração é ... logística, tem que ter uma integração é ... cultural, turística, permitir a ... o ir e vir das pessoas e produtos, né? ... E isso também acelerou muito essa ... esse conceito a própria liberdade hoje de... de... de comércio dos municípios de... fronteiriços. Então antigamente o Itamarati era um órgão muito distante, hoje a diplomacia moderna não se faz mais via, é ... canais diplomáticos de diplomacia, a diplomacia se abriu pra ... pros ... pros estados para só municípios envolvidos diretamente na fronteira.

Hoje nós temos aí o próprio governo brasileiro criando é ... o ensino sem fronteira e o ensino na área de fronteira é ... programas sociais para ajudar na questão da saúde, o atendimento na saúde, o

69 Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff.

70 Presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama.

71 A cota Hilton é constituída de cortes especiais do quarto traseiro, de novilhos precoces, e seu preço no mercado internacional geralmente é mais alto do que a carne em geral. A cota anual, de 65.250 toneladas, é fixa, e a ela somente têm acesso os países credenciados: Argentina, Austrália, Brasil, Uruguai, Nova Zelândia, Estados Unidos e Canadá e Paraguai. Disponível em <http://www.abiec.com.br/8_faqs.asp#2>, acesso em 25/09/2015.

atendimento na esfera social, com a ... com projetos de conurbação, né? A ... então eu acho que avançou muito hoje e nós estamos completamente preparados para exercitar na prática essa integração.

Pergunta:

Bem é... ainda focando naquele período de 1996 a 2006, um pouquinho pra trás, havia oposição de outros bloco econômicos ou países em relação ao Corredor bioceânico?

Resposta:

- Sim. Você, veja bem. Vamos colocar claramente a questão da ALCA (Área de livre comércio das Américas) quando, né? ... Que ... que a ALCA previa, era um certo engessamento, né? ... Pra poder se tirar proveito de determinados mercados é ... de um certo aprisionamento nessa questão bilateral ou multilateral do comércio. Eu vejo que isso hoje é ... se avançou muito, né? Por isso que eu digo: o ano de 2015, 2014, 2015 é completamente diferente do... do... do... do cenário... do cenário que se viveu lá em 96 99.

Pergunta:

Se pensarmos mais nitidamente o Corredor bioceânico poderia afetar positivamente a economia de alguns países com a diminuição dos custos de transpores, o que tornaria os produtos mais competitivos no mercado internacional. Quais países poderiam ser beneficiados, além do Brasil?

Resposta

Veja bem, eu estava falando da China, né? ... A China hoje é um grande comprador, vamos colocar a costa Leste americana, Austrália, é ... é Japão é ... as Coreias e o... os asiáticos hoje, vê a população da ... dos países compõem é ... o continente asiático. E aí, e nós que é somos os produtores dos alimentos, né? ... Nós estamos batendo recordes de produtividade. Você pega a produção, é... a própria produção do feijão e da soja, do milho e da soja em Mato Grosso do Sul de 2015 e vê a produção de 2000, e de 99, quer dizer, hoje nós estamos produzindo aí, é... oito, nove milhões de toneladas de milho, estamos chegando a seis, sete milhões de toneladas de soja, quer dizer, já temos o suficiente para abastecer o mercado interno e o excedente para exportação, se pega a produção do Mato Grosso, né? ... De 96 e 99 e a produção de Mato Grosso agora em 2015, né? ... De Goiás, são Estados que tem nítido interesse em uma saída por aqui, principalmente se se concretizar essa ferrovia é ... vindo aí até Maracaju que aí eu tenho certeza que chega até Murtinho, né? ... A ferrovia do Pantanal.

Então, mas, mesmo assim hoje cê tem... pode fazer um *link* entre hidrovia e ... e ... e rodovia, né? ... A produção do Norte... do Mato Grosso, sair parte pelo porto de Cáceres, indo até a Bolívia pelo porto de... de... da... é ... lê de ...de ... Quijarro⁷², descer até Porto Murtinho pra daí seguir por caminhão ou... é ...ou outro meio de transporte para a saída para o Pacífico.

Eu acho que essa... essa coisa vai funcionar!

Pergunta:

Mudando um pouquinho o foco mas a mesma pergunta. Quais países poderiam não se beneficiar da América Latina?

Resposta:

Eu acho que nenhum, essa é uma questão de interesse de querer comercializar conosco. É ... mas todos os países, eles tem interesse, é ... você pega, nós temos hoje é ... produtos aí é... Multinacionais é ... como por exemplo os produtos de robótica, os produtos a ... daí da...de informática, informática mais fina. Isso hoje, uma peça disso é alto valor agregado e você transporta, pode transportar isso até de avião, né? ... Você pega é ... é ... Mariscal Estigarribia tem um aeroporto⁷³

72 Localidade do departamento boliviano de Santa Cruz.

73 Com 3,5 km de extensão por 40 m de largura, a pista está dotada de radar, sistema de aterrissagem noturna, bombas de reabastecimento e hangares de grande porte. Disponível em

com três mil quilômetros de comprimento. Dizem que foi contruído até pra é ... como uma opção pra... pra... pra... Challenger⁷⁴ quando chegasse no Brasil, se não... na Terra, se não alcançasse a... a... o... alí os Estados Unidos ele teria como opção aterrissagem no Chaco paraguaio. Porque é um monstro, é fantástico o aeroporto lá de... de... de... Mariscal Estigarribia.

Então eu acho que na verdade todo mundo ganha com isso, esse é um jogo de ganha-ganha.

Pergunta:

É... Havia alguma expectativa de sua parte em relação a implantação do corredor bioceânico pensando, lá em 96?

Resposta:

Eu comecei a discutir isso é ... na verdade em 92, quando estava saindo da prefeitura de Murtinho, eu recebi a visita na minha casa do... Flávio Queiroz, que tinha várias fazendas e tava comprando, era corretor de imóveis no Paraguai, e o ... o ... como que era o nome dele? ... que se ... se tornou governador do alto Paraguai... Sustoua... e ... falávamos, começamos a imaginar essa ligação de Murtinho (Porto Murtinho) com os Menonitas, a duzentos quilômetros.

Então, isso ficou na minha cabeça quando Miriam foi prefeita e já o Zeca governador, a primeira integração foi feita via, é, Porto Murtinho, né? ... Pessoas que saíram lá do Chile, da Bolívia é ... é ... da Argentina, o governador Romero esteve presente, né? ... Veio de avião direto a Murtinho.

O Senador Uchoua⁷⁵, que fez a ponte sobre o Pilcomayo⁷⁶ alí no ... que liga o Paraguai e a Argentina nesse ponto que ele fala ali de Posso Ondo, com Tartagal com ... corruí ... e ... e ... O Senador Uchoua, ele criou uma frase que ficou valendo como lema desse trabalho todo de integração. Que isso é uma grande obra, é uma obra que não se constrói sozinho e não se constrói em pouco tempo, e o Senador Uchoua dizia que: *"Las grandes obras las sueñan los santos locos. Las realizan los luchadores natos. Las disfrutan los felices cuerdos y las critican los imbeciles crónicos"*⁷⁷

Essa frase marcou, profundamente, essa primeira expedição de integração, e ela tem valido em todas as reuniões que a gente promove é, buscando, de fato essa, integração.

Pergunta:

Heitor, caso fosse implantado o corredor bioceânico a globalização das economias e das políticas mundiais poderiam de alguma forma serem algum obstáculo?

Resposta:

Não ... não vejo assim.

Pelo contrário, né? ...

Eu acho que esse mundo global ele facilita isso, né? ... A globalização da... da... da economia de mercado facilita muito isso aí, né? ... Nós temos que usar a ... a ... o canto de Mercedes Sossa: "A Desalambrar".

Entrevistador:

Heitor agora abro um espaço para alguns comentários que o senhor gostaria de fazer e que não teriam sido contemplados nessas perguntas.

<<http://noticias.terra.com.br/mundo/presenca-de-militares-dos-eua-levanta-suspeitas-no-paraguai,acea9c01358da310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>, acesso em 25/09/2015.

74 Ônibus espacial Norte-americano.

75 Senador Boliviano.

76 Rio na Bolívia.

77 As Grandes obras, as sonham os Santos loucos. As realizam os lutadores natos. As desfrutam os felizes sensatos e as criticam os imbecis crônicos (tradução livre).

Entrevistado

É ... eu sou um... um ... um ... eu sou um sonhador nato, né? ...

Eu sonhava muito com o porto de Murtinho e ele funcionou por um tempo, acho que volta a funcionar agora, discuti muito esse corredor, eu penso que tá próximo de alcançar, né? ... Começa com esse asfalto do lado do Paraguai que deve se iniciar daqui a dois meses. É... Nós estamos trabalhando muito também lá para envolver as universidades. Eu já levei a UEMS pra lá, pra é ... na... na Colônia é ... Municipal da Cachoeira do Apa ... é ... quer fazer alí um núcleo de pesquisa da ectiofauna e da flora, é... tô fazendo um convênio com a UFMS a professora Sartori, Ângela Sartori, tem dez anos de pesquisa sobre o Chaco, e eu estou desafiando a UFMS a montar um centro, nós temos um polo acadêmico em Murtinho que tá muito bem ranqueado, ele é o trigésimo quinto é ... no Brasil todo e tem quase setecentos polos, para transformar o polo acadêmico de Murtinho numa... num centro de monitoramento e estudo do Chaco. nós temos um polo acadêmico em Murtinho que tá muito bem ranqueado, ele é o trigésimo quinto é ... no Brasil todo e tem quase setecentos polos, para transformar o polo acadêmico de Murtinho numa... num centro de monitoramento e estudo do Chaco., né?

E transformar Murtinho numa cidade de pesquisa, uma cidade científica. Pássaros, nós temos alí a fotografia de pássaros do Chaco, esses dias foi uma equipe de biólogos e em dois dias fotografaram duzentos e cinquenta e nove espécies de pássaros raros, ou seja, nós temos que ter esse olhar para o interior, nós temos que ter esse olhar para o Oeste. Não á atoa que lá atrás, né? ... Já se cantava no cuitelinho⁷⁸... é... é ... essa marcha para o oeste, né? ... *"quando eu saí da minha terra, despedi da parentaia, entrei no Mato Grosso, dei em terras paraguaias. Ali tinha revolução"*

Então essas revoluções, intestinas, na América do Sul prejudicou muito esse trabalho de integração, né? ... E ... e ... isso tá superado, né? ... Nós éramos um povo que é ... cinquenta anos em rebelião, essa rebelião parou, tá dando um ... momento, abrindo um momento, um espaço importante para a integração de fato, a integração é ... cultural, científica, tecnológica, é ... cultural de infraestrutura e do comércio.

O comércio move o mundo, melhora a autoestima, gera emprego, gera felicidade.

Eu tô cansado de ver o povo é ... de Murtinho e alí do Paraguai, é ... passando necessidade.

Eu, quando fui prefeito em Murtinho de 89 a 92, eu dizia que nós tínhamos ali oitenta por cento ... setenta por cento de pobre, vinte por cento de necessitado e dez por cento de classe média alta e de rico que não morava na cidade, os fazendeiros, nós começamos a inverter essa lógica e eu penso que nós precisamos nos unir, pra através dessa integração, promover o bem-estar das pessoas.

Entrevistador:

Muito bem, Heitor Miranda, pela sua entrevista obrigado!

Entrevistado:

Obrigado você, obrigado a ... a UEMS, obrigado a ... pela oportunidade, e ... esse é um tema que ... é muito palpitante e aonde quiserem eu estarei pronta pra debate-lo.

78 Canção folclórica brasileira, não tem autor conhecido.

Posição-sujeito entrevistado II

Entrevistador:

Vamos entrevistar Zeca do PT. Um trabalho do mestrado na UEMS que tem como tema: “O discurso sobre o corredor Bioceânico como fator de integração dos países da América Latina”. Zeca, eu vou fazer algumas perguntas a esse respeito ...

Entrevistado:

Sim.

Entrevistador:

É ... a gente vai falar primeiro sobre as ... funções que o senhor ocupou durante um período. Essa pesquisa, ela vai abranger do período mais ou menos entre 1996 e 2006, são mais ou menos dez anos, né? E ... qual cargo ou função pública o senhor ocupou e em qual período?

Entrevistado:

A minha história política começa em 1980 concomitantemente com o início da história política e de criação do Partido dos Trabalhadores. Foi minha primeira filiação partidária. Eu sou funcionário do Banco do Brasil. Iniciei minha vida profissional como bancário em Porto Murtinho. Em 77 fui para ao interior de São Paulo. Em 79 foi quando retornei para Campo Grande como funcionário do Banco do Brasil. Cheguei aqui, já com a ideia lançada por Lula, da criação de um partido que fosse capaz de ...canalizar os anseios do povo trabalhador com a sociedade mais justa, por melhores salários, por melhores condições de vida, por mais liberdade e mais democracia. Me atirei de cabeça nisso.

Dum lado, de outro lado, fui pra dentro do movimento sindical, o Sindicato dos Bancários. Em 82 ... Antes ... dia 10 de fevereiro de 1980 eu tive em São Paulo no colégio “Sion”, colégio de freiras, no lançamento nacional da ... da ...da ... do texto básico de criação do PT ... é ... da mensagem inicial de criação do PT. Em 1982 ... pertenci à primeira executiva provisória do PT do Mato Grosso do Sul. Em 82 fui candidato a deputado estadual, nós não elegemos ninguém ainda na história da ... da ... ditadura militar com voto vinculado. Em 86, fui eleito dirigente do Sindicato dos Bancários. Em 88, sou candidato a vereador, pelo PT, tudo isso pelo PT.

Sou vereador do PT mais votado em Campo Grande eu acho que o terceiro, quarto ou quinto mais votado entre todos, mas nós não fizemos legenda. Em 89, com a chapa da CUT, nós perdemos o sindicato e perdemos o segundo turno pro Collor na eleição Lula *versus* Collor. Ah ... Pensei ir embora pro interior pra advogar, pra trabalhar no Banco, pra fazer militância política junto com minha família, já casado, evidentemente.

Em 90, por insistência dos companheiros do movimento sindical, aceito no final minha candidatura a deputado estadual, me elejo o primeiro deputado estadual e único do PT em 90 e em 92 sou candidato a prefeito. Só tinha eu de deputado. Quase fomos pro segundo turno. Quando foi pro segundo turno Marilu e Juvêncio, vocês devem lembrar, quem é mais antigo e nos assiste com certeza lembra, mas ali nós elegemos os dois primeiros vereadores do PT em Campo Grande, o Ben Hur e o Teruel. Em 94, sofro uma pressão forte pra ser candidato a governador, tinha convicção que não era o momento. Saio candidato à reeleição.

Elegemos os três deputados. Os primeiros três deputados do PT. Eu, Ben Hur e Prego. Em 96, eu e Ben Hur disputamos a prefeitura de Campo Grande, dividimos a cidade no meio. É... No primeiro turno nós botamos cem mil votos na frente do André Puccinelli, no segundo turno num grande esquema montado pra fraudar o processo eleitoral eles nos ganham com 411 votos ... 96 ... 98 eu resolvo ser candidato a governador, não queria ser mais deputado. Hã ... o Pedrossian tinha em torno de 65, 70% nas pesquisas iniciais.

Segundo Ricardo Bacha, que era candidato do Wilson Barbosa, PMDB no Governo, um algo como 30, 35 e eu com 3. Fizemos uma campanha a pé, percorrendo esse Estado, tocando na emoção, no imaginário das pessoas, falando num projeto de mudança, dum Estado que tava falido, que tinha nascido pra ser modelo, me elejo. Vou para o segundo turno, eu e Ricardo Bacha. Ganho as eleições e operamos uma grande mudança na história do desenvolvimento social e econômico do Mato Grosso do Sul, e aí, por isso essa história rápida, aí pela primeira vez me aproximo do tema integração ou ligação bioceânica – Integração da América do Sul.

Faço dois mandatos como governador, mudamos a história do Mato Grosso do Sul, recuperamos do ponto de vista financeiro, econômico, do ponto de vista do desenvolvimento econômico, do ponto de vista do desenvolvimento social, na valorização do servidor público, na aproximação do governo com o interior do Estado. 2006 tem uma pressão forte pra ser candidato a senador, eu insisto dizendo que eu queria parar e parei. Hã... em 2010 sou candidato a governador, quase ganho as eleições, na reeleição do André Puccinelli.

Em 2012, sou candidato a vereador, me elejo como vereador mais votado do PT em Campo Grande na história de Campo Grande e, em 2014 me elejo deputado federal, mandato que exerço hoje, com mais de 160 mil votos. Essa é minha história e minha caminhada ao longo desse processo na construção do PT e do Brasil, insisto, se Deus quiser, um dia, cada vez mais justo, mais humano e mais solidário.

Entrevistador:

Em seu cargo ou função, a questão do transporte para escoamento das mercadorias, quer interna ou externamente, eu estou falando de exportações...

Entrevistado:

Sim.

Entrevistador:

Era uma questão estratégica?

Entrevistado:

Estratégica, até porque nós recuperamos grande parte das terras degradadas com programas de recuperação de terras degradadas com um incentivo fiscal pra ampliar as áreas plantadas com soja, milho, enfim, e ... com a produção de carne, investindo em tecnologia, estabelecendo parceria com as associações de produtores, de agricultores, de pecuaristas, enfim, do agronegócio, e quando se faz isso, evidentemente, que nós nos deparamos com a problemática do escoamento, principalmente, não só do escoamento, do escoamento barateando o custo, há ... no transporte desta produção.

Esse período coincide com, praticamente, o fim da famosa Noroeste do Brasil, privatizada lá no governo Fernando Henrique, 96, quando no Estado tinha o governo do PMDB, do Wilson Barbosa, se sucateou a Noroeste do Brasil, que integrava o Mato Grosso do Sul a São Paulo via ferrovia, e nos colocava como alternativa pra sair pro pacífico, que é o grande anseio há ... a mais de cem anos, porque essa história de integração começa com os bandeirantes lá atrás, buscando um caminho de nos há ... permitir uma saída pro pacífico e ,consequentemente, nos estabelecer como fornecedor de commodities pra o mercado asiático, né?

E aí, nós começamos a, concretamente, frente a este dilema, de como escoar produção barateando o custo, a trabalhar a ideia da saída bioceânica. Nós temos que entender a ideia da saída bioceânica do ponto de vista, do ponto de vista do transporte rodoviário, que cada vez mais se aproxima ...

Ontem, coincidentemente, antes dessa entrevista, e eu tô falando pela primeira vez, tive em São...em Brasília, eu e deputado Vander, junto com equipe do governo do Estado, do PSDB, reestabelecendo contato, pra nós voltá a trabalhar a ideia da ponte sobre o rio Paraguai em Porto Murtinho, que nos vai dá acesso as comunidades Menonitas há ... do Chaco paraguaio,

consequentemente, a saída atravessando o ponto mais fácil da Cordilheira dos Andes e, nos permiti chegar aos portos ou ao porto de Iquique, no Chile, o que significa pra nós, meu querido, aproxima aproximadamente 7500 quilômetros de distância daqui pro mercado asiático, 7.500 quilômetros de aproximação com o mercado asiático significa algo como quinze dias de navios de transporte de contêiner em alto mar.

Ou seja, baratear custo, nos estabelecer como ...como ... hã ... hã...capacitados pra colocar no mercado asiático, onde tem aproximadamente 2 a 3 bilhões de...de...de pessoas pra comer as nossas proteínas. A soja e os seus derivados, o milho e os seus derivados e a carne do Mato Grosso do Sul. Portanto, primeiro pensar do ponto de vista rodoviário, e nós caminhamos pra isso. Do outro lado, começar a trabalhar também, eu tenho trabalhado em Brasília, hã...na ANTT e dentro do Congresso Nacional a ideia de retomar o debate sobre a recuperação da antiga Noroeste. Depois de privatizada pelo governo do PSDB, do Fernando Henrique e do Wilson Barbosa, a antiga Noroeste se transformou na...na ... Noroeste, se transformou hã...foi vendida pra um terceiro grupo, um quarto grupo, um quinto grupo e hoje pertence a um grupo que quer reestabelecer ou quer estabelecer investimentos ao longo da via hã...da ferrovia que vem, no primeiro momento, como o nome...com o nome de ferrovia Bandeirantes de Santos até Bauru.

De Bauru até Corumbá, atravessando Três Lagoas, Campo Grande, ou seja, atravessando o Mato Grosso do Sul, como a antiga Noroeste do Brasil. Lá na divisa de Corumbá com a Bolívia ela recebe a Ferro Carril, Boliviana, de excelente qualidade, vai até Santa Cruz de La Sierra. Santa Cruz ela desce ao sul da Bolívia e vai se encontrar com uma outra ferrovia que vem do rio Paraguai, no território da Argentina, numa cidade chamada cidade de Salta, na pré Cordilheira dos Andes. Alí se juntam as duas ferrovias.

Passa a ser denominado a Ferrovia das Nuvens, né? Ela sobe a Cordilheira dos Andes, e eu já subi a Cordilheira dos Andes nesse trem, nessa ferrovia, atravessa a cordilheira e vai até Antofagasta. Portanto, o que nós temos que fazer, e lá de boa qualidade, o que nós temos que fazer é trabalhar pra construir a ponte , hã ... asfalta as carreteras, ou as rodovias pra chegar com o caminhão de grande porte aos portos do Chile, mas também trabalhar a ideia da ferrovia pra nos credencia como alimentador do povo asiático com os produtos que nós temos, não só no Mato Grosso do Sul, mas também no Mato Grosso ou no Centro- Oeste como um todo, no Paraguai, na Argentina, colocando nossos produtos de forma muito mais competitiva no mercado asiático. 11:19”

Entrevistador:

Por uma questão de sistematização Zeca, a gente vai retomar algumas coisas que você já falou.

Entrevistado:

Claro ... claro ... eu dei um panorama geral do que nós estamos pensando pra ti.

Entrevistador:

Considerando que a integração, ela, falando aqui das rodovias, ferrovias, hidrovias e em forma de corredores, interna da região do Brasil e de outros países, depende de uma política do Governo Federal. O senhor, em algum momento, encaminhou projeto nesse sentido, para desenvolvimento de corredores ou linhas de transporte para redução de custo?

Entrevistado:

Muito mais do que projeto, do ponto de vista hã...de escrever o projeto, de pensar na tramitação do projeto, mas o projeto do ponto de vista da articulação política. Já estive junto com prefeito Heitor, lá de Porto Murtinho, junto com outros companheiros da bancada. Eu cito Vander, deputado Vander, deputado Dagoberto, com o embaixador do Paraguai em Assunção, tratando disso que eu me referi, da ponte sobre o rio Paraguai em Porto Murtinho, esse é um projeto concreto, viável, em andamento, que me parece que já tem o termo hã...de acordo binacional Brasil e Paraguai estabelecido escrito, falta nós criá espaço para um...um... ato solene de assinatura dos dois presidentes.

Da presidenta Dilma pelo Brasil, do presidente Horácio Carter pelo Paraguai, é? Esse é um projeto, e o segundo projeto, as relações que eu tenho estabelecido com a Federação dos Ferroviários do Brasil, com a ANTT, com o BNDES pra gente estabelecer mandato deputado Zeca do PT há... Federação dos Ferroviários do Brasil, Sindicato dos Ferroviários do Mato Grosso do Sul, a ANTT e BNDES e, conseqüentemente, a Câmara dos Deputados, um grande seminário com especialistas do Brasil, pra nós e os empresários, evidentemente interessados, estabelecer as oportunidades e a viabilidade da recuperação dessa ferrovia, que eu me referi, que sai de Santos com o nome de Bandeirantes até Bauru, de Bauru até Corumbá de, no território da Bolívia até Santa Cruz, até Salto na Argentina, atravessando a Cordilheira.

Essas duas ações eu quero intensificar como deputado federal este ano, do ponto de vista, portanto, da viabilização da ponte sobre o rio Paraguai, que nos vai permitir uma carreteira de acesso ao pacífico, como também do ponto de vista de encontra instrumentos e ferramentas que sejam capaz de recuperar a ferrovia. Se tinha, e é importante quem nos assiste saiba, se tinha, ou ainda se tem, um discurso de que a ferrovia métrica, ela hoje é inviável, né? E eu conversando com técnicos do Brasil em Brasília, que a Federação dos Ferroviários me levou, provou que esta não é uma verdade.

A chamada bitola estreita, que é essa que nós temos no Pantanal, a bitola métrica seria insegura, não é verdade, ela é tão segura quanto a outra, mais ampla. O que precisa fazer nela é manutenção, o que nós não temos aqui, porque quem comprou a concessão abandonou, então, estão inclusive, é uma denúncia que eu tenho feito, retirando trilés...trilhos, como retiraram do ramal Campo Grande – Maracaju – Ponta Porã, né?

O que precisa é recuperar essa ferrovia, a Três Lagoas–Campo Grande–Corumbá, mudando o modelo, inclusive, dos dormentes, há ... se você andar pela ferrovia, eu tenho andado, os dormentes dessa ferrovia é toda de madeira, não se uja ... não se usa mais isso, até porque é politicamente, do ponto de vista ambiental, agressivo.

Hoje, as ferrovias modernas, sejam de bitola estreita, métrica, sejam de bitola larga, as...as...as...o material usado é de concreto, né? Portanto, o que nós vamos insistir, é esse o motivo da ideia do seminário, é ver como que nós fa... canalizamos recursos para modernizar a ferrovia dá segurança de transporte de carga, pra que ela volte a operar na sua intensidade. Hoje nós temos ao longo da ferrovia, no Mato Grosso do Sul, madeira, eucalipto pra ser transportado, sendo transportado por caminhão, sai de Campo Grande pra í à Três Lagoas você quase não consegue andar no seu carro particular de tanto caminhão transportando madeira de eucalipto pras industrias de papel e celulose em Três Lagoas, não é verdade?

Segundo, nós temos madeira, segundo, nós temos há ... há ... os minérios, né? Manganês, minério de ferro, enfim, de...do...das reservas, das minas de Corumbá e de Ladário, e nós temos hoje, foi um debate que eu fiz em Brasília, na ANTT, aproximadamente 600 caminhões andando pelo Estado transportando combustível, combustível que antigamente era transportado pelos tanques da ferrovia. Ou seja, eu começo a entender que é absolutamente viável, do ponto de vista econômico, e nós temos que olhar este lado, afinal de contas nós vivemos num sistema capitalista que qualquer um, antes de tudo, vê o lucro. Viável do ponto de vista econômico para se ter investimento. 16:41”

Entrevistador:

Zeca, ainda a mesma pergunta, é...algumas outras projetos ou articulações com países além do Paraguai?

Entrevistado:

Eu quando governador, eu me articulei muito dentro de uma organização que nós criamos dos governadores do interior da América do Sul. Eu, durante algum tempo, nesse período de governador, eu fiz um discurso dizendo que nós, no Brasil, e nós, no Mato Grosso do Sul, passamos 500 anos acreditando no discurso oficial. Qual discurso? De que nós tínhamos que ter paciência, nós tínhamos que esperar, porque o desenvolvimento ia acontecer primeiro no litoral há ... brasileiro, do Atlântico, e ao longo desse tempo ia se interiorizando. Faz 500 anos e o Brasil continua abandon ... O interior do Brasil, os Estados do Brasil central continuam muito abandonados. Você viaja, como eu viajei, pelo

interior da Bolívia, pelo interior do Peru, pelo interior do Paraguai, hã ... pra se resumir a estes, você vai perceber que eles também sofrem da mesma ilusão.

Passaram ao longo do tempo acreditando no discurso oficial de que tinham que ter paciência, ponderação, porque afinal de contas primeiro ia acontecer o desenvolvimento do litoral do Pacífico, ao longo do Pacífico, pra depois se interioriza. Nós temos hoje milhões ou milhares de pessoas no interior da América do Sul, na América do Sul-Central, que é esta região, ligada ao Paraguai, a Bolívia, ao interior da Argentina, a ... a ... ao Chile, há milhares de pessoas padecendo de fome e de miséria.

Nós vivemos, meu amigo, meus amigos, num continente, com certeza, dos mais, senão o mais rico do planeta, do ponto de vista das suas áreas pra agricultura, do ponto de vista das suas terras pra pecuária, ou seja, pro agronegócio, do ponto de vista das suas reservas minerais, do ponto de vista das suas reservas de petróleo, hã ... do ponto de vista da viabilidade que se tem de ter um projeto verdadeiramente capaz e pensado de desenvolvimento, pra gerar oportunidade, emprego e qualidade de vida pra população.

O que nós precisamos é nos integrar, nos integrar do ponto de vista econômico, nos integrar do ponto de vista cultural, nos integrar do ponto de vista turístico, e pra isto a gente precisa de uma primeira integração, a integração física, seja ela ferroviária ou rodoviária. Melhor, rodoferroviária. 19:20”

Entrevistador:

O perfil econômico do Estado de Mato Grosso do Sul é de grãos e carnes de forma geral. O escoamento de seus produtos para exportação é via oceano Atlântico, o que demanda custos, né?

Entrevistado:

Claro

Entrevistador:

Estamos falando aí no período de 96 a 2006 (...), existiu ou existia algum projeto alternativo em discussão para baixar os custos de transportes e, assim, tornar os produtos mais competitivos no mercado externo?

Entrevistado:

Eu acho que o projeto mais viável e mais competitivo do ponto de vista de baratear custo hoje é a (...) do aproveitamento da hidrovia do rio Paraguai, hã...com o Porto de Corumbá – Ladário e com o Porto de Porto Murtinho (...). Felizmente ... Infelizmente, aliás, hã...o governo passado, do PMDB, do senhor André Puccinelli, jogou isso pro lixo, fazendo disso politicagem, e nós temos hoje, por mais paradoxal que possa aparecer, um deputado do PT falando isso, nós temos hoje um governo do PSDB que trata estas questões de forma democrática e republicana e que busca, como tem buscado o governador Reinaldo (...), outros setores e outros partidos pra fortalecer a ideia.

Portanto, eu acho que o governo do PSDB do Reinaldo Azambuja caminha corretamente do ponto de vista de, aproveitando a hidrovia do rio Paraguai e do rio Paraná, mas particularmente do rio Paraguai, nos aproxima cada vez mais do oceano Atlântico, barateando o custo, porque com certeza tanto o transporte ferroviário quanto o transporte fluvial é muito mais econômico, é muito mais viável, é muito mais hã ... ambientalmente sadio do que do ponto de vista rodoviário, queimando (...) combustível, queimando óleo diesel, colocando em risco a vida das pessoas.

Eu acho que nós temos que insistir (...) a saída do rio Paraguai nos leva ao Porto, aos portos da hã ... do Uruguai, né? (...) atreves do rio Paraguai, primeiro o território brasileiro-paraguaio, depois paraguaio-argentino, se juntando com o rio Paraná, e lá embaixo, o rio Paraguai já incorporado ao rio Paraná cai no rio (...) se junta com o rio Uruguai, o que nos vai permitir acessar o Oceano Atlântico mesmo fazendo uma grande curva, que é contornada com a saída pelo Pacífico, mas nos permite um transporte muito mais (...) economicamente viável e mais competitivo.

Entrevistador:

É ... havia obstáculos à implantação das propostas de corredor bioceânico naquela época de 96 a 2006?

Entrevistado:

Havia e há. Há barreiras do ponto de vista alfandegário, do ponto de vista ambiental, do ponto de vista tributário, que nós não teremos dificuldade de superar uma articulação dentro do Mercosul. Não tem nenhuma dificuldade. Ainda existe. Tanto é verdade que uma grande revelação que se faz até hoje, não sei como tá agora, mas até algum tempinho, é de que os caminhões que vêm da Bolívia carregados, que pretendem acessar os portos do Atlântico no Brasil, chega final da tarde numa sexta-feira. Na divisa de Corumbá com a Bolívia, em porto Qui...qui...Quijaro, a fica necessariamente sábado e domingo pra poder ... há ... há ... receber o visto pra continuar andando porque os fiscais não são lá.

Ou seja, essa integração também há ... de normas (...) normas técnicas, de fiscalização, de equipes, nós temos que facilitar porque senão nós vamos (...) construir os canais de integração física e vamos dificultar do ponto de vista da integração econômica. Eu, uma vez, fui atravessa de (...) carro a Cordilheira do Andes e lá em cima da Cordilheira do Andes, há ... no deserto de Atacama ficamos uma hora e meia, duas horas parado de carro porque, na divisa da Argentina com o Chile, tinha uma ... uma ... uma ... uma ... um posto de fiscalização aqui e outro aqui, um da Argentina e outro do Chile, e os dois fiscalizavam absolutamente ... absolutamente a mesma coisa, ou seja, esse tipo de demora atrasa a viagem, e atrasando a viagem ela se torna cada vez menos competitivo. 26:01”

Entrevistador:

Quais as vantagens políticas e econômicas, grosso modo, traria, naquela época, o corredor bioceânico para o Estado de Mato Grosso do Sul e para o Brasil?

Entrevistado:

Primeiro que acelera ... aceleraria e acelera o desenvolvi ... as vantagens econômicas e políticas da época são as mesmas de hoje. Acelera, do ponto de vista (...) do nosso crescimento, há ... toda vez que você se torna o teu negócio individual há ... ou de grupo empresarial, ou do ponto de vista do Estado, não indiferente, mais competitivo, mais ágil, evidentemente ... que você ganha mais competitividade, né? Então, essas condições econômicas prevalecem (...). Nós saí pro (...) nós ... nós ... nós buscá a saída rodoferroviária pra ... pro Pacífico nos torna ... nos tira da situação de linha e nos torna o centro. Se nós abrissemos aqui o mapa da América do Sul, você vai perceber que o Mato Grosso do Sul tá no centro, do coração da América do Sul, (...).

Portanto, nós não vamos ser final de linha, vamos ser o meio da linha, altamente competitivo.

Do ponto de vista político, não só pra nós, pro Brasil, mas para a América do Sul, a integração que vai, consequentemente melhorar a qualidade de vida, a empregabilidade de milhares de pessoas que hoje perambulam sem nenhuma expectativa de vida. 27:26”

Entrevistador:

Entre as dificuldades de implantação do corredor bioceânico naquela época, havia dificuldades de implantar em Mato Grosso do Sul?

Entrevistado:

Havia. Havia porque muita gente, um bom tempo, achava que isso era um sonho, é só invenção da cabeça do Zeca, do Heitor, (...), essa história de integração, nunca ninguém tinha visto falar, (...) as pessoas me perguntavam quê ... quê é essa história de bioceânica, né? Até as pessoas (...).

Que a mais de cem anos os Estados Unidos fez a sua ligação bioceânica, ligando o Atlântico ao Pacífico, começaram a entender que aqui também era factível, agora, pra você fazer essa ligação, onde não tem investimento tem que ser colocado investimento, investimento público, nas carreteiras, ou seja, nas rodovias, no aperfeiçoamento, no melhoramento, na modernização da ferrovia.

Isso é recurso. E recurso público tem uma definição, prioridade. Se aqueles que têm a caneta na mão não tiverem isso como prioridade, evidentemente que passa o tempo e a gente não faz acontecer. 28:29”

Entrevistador:

A gente tá falando dessas dificuldades, Zeca, havia dificuldade é... no Brasil e outros Estados?

Entrevistado:

No Brasil. Também, nunca se discutiu. A bem da verdade, o grande debate sobre integração (...) América Latina e da América do Sul, em particular, aconteceu a partir de 2000...2003, com o advento do governo Lula. Lula foi um grande há...visionário, um grande comandante, um grande motivador da história da integração, não é? Um grande. Lula que viabilizou. Lula, o presidente Lula, viabilizou (...) os empréstimos pra Bolívia fazê o asfaltamento, que durante muito tempo se falou e ninguém fazia. De...da divisa do Brasil em Corumbá até Santa Cruz tem 800 quilômetros. Tá pronto.

De lá pra frente, tá pronto. Se quiser sair de Campo Grande hoje com a tua família num passeio, você vai de asfalto daqui até Corumbá, não atravessa mais de balsa o rio Paraguai, porque nós, o meu governo fez a ponte do rio Paraguai. Descansa em Corumbá. No outro dia você atravessa a fronteira, pode ir dormir numa bela cidade, que eu conheço, chamada Santa Cruz de la Sierra, e de lá pra frente deve ser uma viagem maravilhosa, começa a subir a Cordilheira pra ir até La Paz, por exemplo(...). Quer dizer, nós temos que nos acostumar a isto (...), ainda tá muito forte em nós todos a ideia de que o passeio fundamental (...) o grande sonho de todo jovem, de toda família brasileira é ir pra Disney, é pra ir pra Miami, é pra ir pra Orlando, é pra ir pra Europa. Claro que é importante, mas será que não é mais importante, antes de tudo nós nos conhecê por dentro?

Eu já andei bastante. Eu já andei por aí tudo, né? É possível a gente fazer isso. Eu volto a insistir, isso se chama vontade política, vontade política é caneta, pra deliberar recurso no sentido da gente avançar do ponto de vista da construção desse sonho. 30:27”

Entrevistador:

Agora Zeca, vamos falar um pouquinho dos nossos países vizinhos, aí. Entre as dificuldades de implantação do corredor bioceânico, daquela época sempre, lembrando, 96 – 2006, havia dificuldades do Peru e do Chile enquanto a porta de entrada e saída do Oceano Pacífico?

Entrevistado:

Tem até hoje, né? Tem uma...tem uma disputa enorme, como tem com o Chile e a Bolívia, uma coisa até hoje não resolvida. Porque a diplomacia, o mundo moderno tem hoje elementos mais eficazes pra superação. Volto a insistir na história dum grande articulador disso tudo, que aproximou essa gente todinha, chamado Luiz Inácio Lula da Silva, há ... acho que é possível a gente construir, respeitando a individualidade, respeitando a soberania de cada um desses países, de cada um desses povos, né...dá Argentina, tá em debate da Bolívia, do Peru, do Chile e do Brasil, é possível a gente construir há ... um projeto solidário irmão na medida em que a gente faça o seguinte debate: Isto interessa a todos, isto vai significar melhorar a vida não só do povo brasileiro, vai signi ... significa melhora a qualidade de vida ... de vida do povo da América do Sul. 31:45”

Entrevistador:

Ao falar em corredor bioceânico, conjuga-se também a questão da integração da América Latina e isso leva à questão dos acordos de livre comércio. Como o senhor relaciona o corredor bioceânico com essa questão, considerando a questão da política econômica, dos blocos econômicos?

Entrevistado:

(...) Nós já demos um grande avanço, né? ... Com a criação dos blocos, né? Nós aqui, no caso, o Mercosul, que depois, também por articulação da figura do presidente Lula, incorporou a Bolívia, incorporou a Venezuela, né? Permitindo a nós a construção há ... de um projeto que nos unificasse, e que a partir da unificação desse projeto que nos unifica através do bloco, né? Há...seja capaz de superar restrição.

Eu tava vendo a alguns dias, na mídia, de que o governo da presidenta Dilma tá assinando ou assinou, na época da Cristina ainda ou agora, com o atual presidente da Argentina, um acordo binacional há...de...de...de...de facilita a intercâmbio há...de negócios, de empresas, tanto do Brasil vendendo pra Argentina como da Argentina tendo facilidade de colocar seu produto aqui, consequência dessa articulação. É preciso supera (...). o modelo da Europa nos serve muito nesse momento.

A Europa discutiu por mais de cinquenta anos a moeda comum (...), por mais de cinquenta anos, a Europa perseguiu a ideia do Euro, como um ... uma ... uma ... uma moeda que os unificasse, respeitando as suas individualidades. A França continua a França, a Inglaterra continua Inglaterra, Alemanha continua Alemanha, Espanha continua Espanha, Portugal continua Portugal, com as suas particularidades, com os seus problemas, com as suas vantagens. Tem uma coisa que os unifica do ponto de vista comercial: tem uma só moeda (...).

Acho que nós podemos ... caminha pra fazer essa coisa acontece. E é importante dizer, dois...não sei se é 2016, este ano, ou 2020, nós teremos esse processo também unificado a nível do Mercosul e a nível da América do Sul, com a eleição a cada quatro anos (...), tô falando em tese, a quatro anos dos parlamentares num novo parlamento. O parlamento (...) do Mercosul, que vai tá discutindo toda essa legislação do ponto de vista do...da relação econômica, mas também do ponto de vista da relação há ... há ... há ... turística, da relação cultural, da integração de fato da América do Sul. 34:30”

Entrevistador:

O Mercosul, então, poderia ou pode ter um papel decisivo nas discussões de implantação do corredor bioceânico?

Entrevistado:

Sem dúvida nenhuma. Aliás, lá atrás também nós já fazíamos também essa discussão, e a bem da verdade, a respeito dessa discussão do papel que o Mercosul pode ter (...) na questão da integração e do corredor bioceânico. Eu, quando governador, comecei a fazer com o presidente Fernando Henrique. Durante meus oito anos eu peguei, nos meus primeiros quatro anos, os últimos quatro anos do Fernando Henrique, que eu tive uma relação também ... há ... há ... republicana, democrática, há ... me aproximei bastante, respeitando nossas diferenças, gostava do presidente Fernando Henrique, como sei que ele gostava de estabelecer essa relação comigo, e nos meus últimos quatro anos, eu peguei os primeiros quatro anos do presidente Lula. Lá com o Fernando Henrique a gente já começava a discutir o papel e o peso que o Mercosul pode jogar do ponto de vista de viabiliza a integração. 35:28”

Entrevistador:

Havia oposição de outros blocos econômicos ou países em relação ao Merco...ao corredor bioceânico?

Entrevistado:

Não, nunca ouvi falar. Acho...por onde andei, sempre percebi todo mundo com muita simpatia, participei de debates e seminários em Antofagasta, participei de seminários em Santiago, participei em seminários em La Paz, participei em seminário sobre esse tema, debate sobre isso em Assunção, tive há...na Argentina, enfim, nunca...nunca vi nenhuma resistência, ao contrário, a gente percebia que era possível ampliar horizonte articulando há...governadores, porque a quem não interessa a integração?

Ou a quem pode não interessar, né...a integração? Há...no sentido de potencializar as riquezas que cada...cada Estado, pra nós, ou cada Província, pra Argentina, ou cada Departamento, pro Paraguai, tudo é a mesma coisa, (...), a quem pode não interessar? Isso significa potencializar a sua riqueza, potencializando a riqueza o tornar mais competitivo e, portanto, avançar no seu desenvolvimento. Interessa a todos.

O que precisa é todo mundo bota como prioridade política. E aí, eu acho, volto na tua pergunta inteligente, acho que o papel do Mercosul é muito importante do ponto de vista, nas reuniões ordinárias dos presidentes que (...) participam do Mercosul começaram a levantar essa bandeira e esse debate. 36:57”

Entrevistador:

Essa próxima pergunta, Zeca, talvez ela seja repetitiva, mas como eu lhe disse anteriormente a gente tem que ser sistemático, né? É ... se pensarmos mais detidamente no corredor bioceânico poderia afetar positivamente a economia de alguns países com a diminuição dos custos de transporte, o que tornaria muitos produtos mais competitivos no mercado internacional? E assim, quais países poderiam ser beneficiados, além do Brasil?

Entrevistado:

Bolívia, Argentina, Paraguai, Peru, Chile, né? Chile já é ...o Chile tem grandes portos, com calado profundo, ou seja, com navios de grande envergadura podendo há ... há ... há ... carrega a sua carga. (...) O fato de nos aproximar, a nós do Brasil, do Paraguai, que não tem saída de mar, a Bolívia, há ..., a saída pro Mercosul ... pro Chile, o fato de nos aproximar em 7,5 mil quilômetros e diminuir quinze dias de viagem, evidentemente que por si só já nos torna, a todos, altamente competitivo. 38:02”

Entrevistador:

Zeca, a mesma pergunta, mas agora pensando o oposto. Quais países poderiam não se beneficiar na América Latina?

Entrevistado:

Não vejo nenhum. Não vejo ...sinceramente que nenhum. Acho que todo mundo tem um interesse comum, que é viabilizar o corredor.

Entrevistador:

Havia alguma expectativa, de sua parte, em relação a implantação do corredor bioceânico naquela época, 96 – 2006?

Entrevistado:

Do ponto de vista de ... como governador?

Entrevistador:

Isso.

Entrevistado:

Sim, porque facilitava a vida do Mato Grosso, o desenvolvimento do Mato Grosso, nos tirava da condição de final de linha e nos colocava no centro, no coração da América do Sul. Essa era a preocupação central que me (...) guiou durante oito anos. Acho que nós demos passos significativos. Essas coisas não viabilizam do dia pra noite.

Mas eu acho que a curto prazo, a médio prazo nós podemos tá colhendo fruto, com a inauguração do rio Paraguai, com o asfaltamento no Paraguai da rodovia da barranca do rio Paraguai na cidade de Carmelo Peralta até os Menonitas de Filadélfia, no Chaco paraguaio, são 200 quilômetros, há ... e conseqüente, cada vez mais, encurta e facilita a distância pra sair pro mercado asiático. Acho que é nós podemos ter essa ...essa...esse resultado começado lá atrás, né? Nós podemos ter esse resultado com o debate que a gente começa a intensificar sobre a recuperação da qualidade da ferro ... da antiga Noroeste do Brasil, principalmente no trecho Três Lagoas a Corumbá (...).

Se você considera, e um dia conversando com o governador Alckmin, São Paulo, ele então governador lá e eu aqui, numa visita que fiz e ele a São Paulo, ele me dizia que encontrou documentos que a, cem ... cento e cinquenta anos atrás, os bandeirantes já sonhavam com a ideia de integração, (...), de corredor bioceânico. Se você considerar esse tempo pra doze, quinze anos do meu sonho como governador, acho que é muito pouco tempo, há ... pra gente tornar tudo isso realidade. Deus queira que nós possamos tá aqui nessa gravação prenunciando a possibilidade concreta de fazer um grande projeto, pra humaniza, pra dignifica os povos da América do Sul. 40:13”

Entrevistador:

Caso fosse implantado o corredor bioceânico, a globalização das economias e das políticas mundiais poderia de alguma forma ser um obstáculo?

Entrevistado:

Não. Não acredito, né? Se busca hoje inúmeras alternativas. O próprio, há ... o próprio de Mariel⁷⁹, em Cuba, também financiado com recursos do Brasil, e foram financiados, e não recursos dados, como o pa ... o pessoalzinho aí da oposição, há ... não teve grandes obstáculos. Muito mais, quando falo dele, porque tô falando que é uma coisa muito mais sensível aos interesses da economia americana do que a integração sul-americana. Portanto, não vejo obstáculo. Vejo (...) a necessidade da gente intensificar a discussão pra convencimento de todo mundo e agiliza as iniciativas que devem ser tomadas. 41:02”

Entrevistador:

Agora, Zeca, abro um espaço para alguns comentários que o senhor gostaria de fazer e que não tenham sido contemplados nas perguntas anteriores.

Entrevistado:

É dizer isso pra ti. É voltar a repetir, como você falou, essa...essa ideia central. Se é verdade, e é que a cem, cento e cinquenta anos os bandeirantes sonhavam com a ... a ... a ... a ligação bioceânica Atlântico-Pacífico, nós começamos a sonhar aqui em 99, quando eu assumi o governo do Estado, e tem mais dez, quinze pra viabiliza isso, se Deus quiser, e Deus vai querer e nos ajudar a, com certeza, em pouco tempo, a gente concretamente, em pouco tempo, sinaliza, generosamente pro futuro, que é capaz de construir um projeto, nós todos, que potencializando nossa riqueza, melhora significa ... significativamente a vida de todos os cidadãos, de todos os seres humanos, de toda a vida do Brasil, do Paraguai, da Bolívia, do Peru, do Chile, da Venezuela, enfim, que seja capaz de fazer a América do Sul de fato m grande , senão o principal continente do nosso planeta.

⁷⁹ Porto de Mariel, em Cuba.

Entrevistador:

Zeca do PT, pela sua entrevista, obrigado.

Entrevistado:

Obrigado você. Um abraço.

ANEXO IV – Mapas Referenciais

Mapa do Tratado Norte Americano de Livre Comércio (Nafta)⁸⁰



Fonte: Livro Diálogos de Liberdade/ página 171.

⁸⁰ O NAFTA está indicado no Mapa Referencial pela cor marrom.

Mapa do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)



Fonte: Site Brasil Escola. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/geografia/mercosul-paises-integrantes.htm>>, acesso em 06/10/2015.

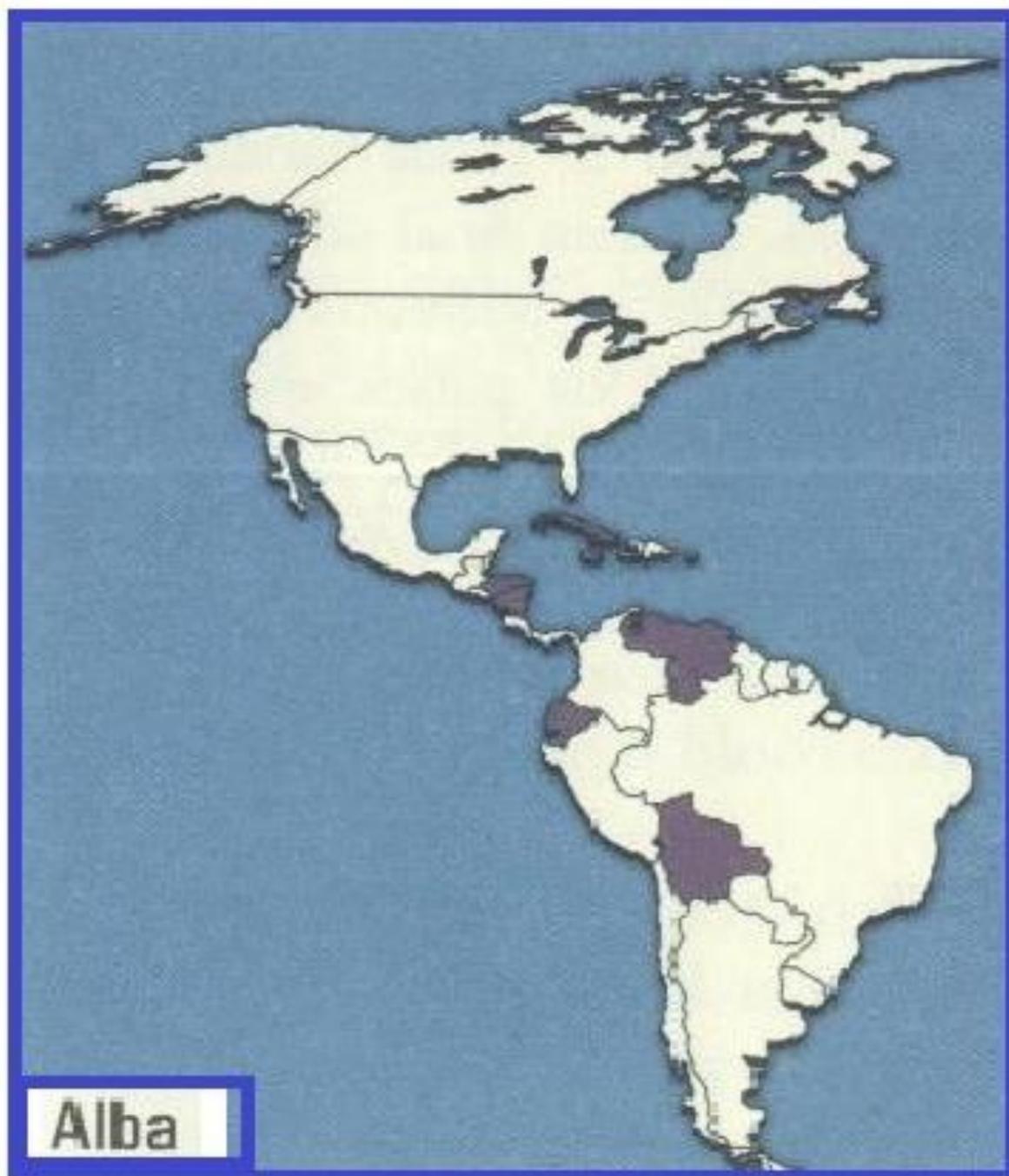
Mapa da Área de Livre Comércio das Américas (Alca)⁸¹



Fonte: Livro Diálogos de Liberdade/página 172

⁸¹ A ALCA está indicada no Mapa Referencial pela cor marrom, nesse contexto, e a ilha de Cuba pela cor branca.

Mapa da Aliança Bolivariana para as Américas (Alba)⁸²



Fonte: Livro Diálogos de Liberdade/página 172.

⁸² A ALBA está indicada no Mapa Referencial pela cor azul escuro.

Mpa da Asia –Pacific Economic Cooperation (Apec)⁸³



Fonte: Livro Diálogos de Liberdade/página 173.

⁸³ A APEC está indicada no Mapa Referencial pela cor azul escuro.

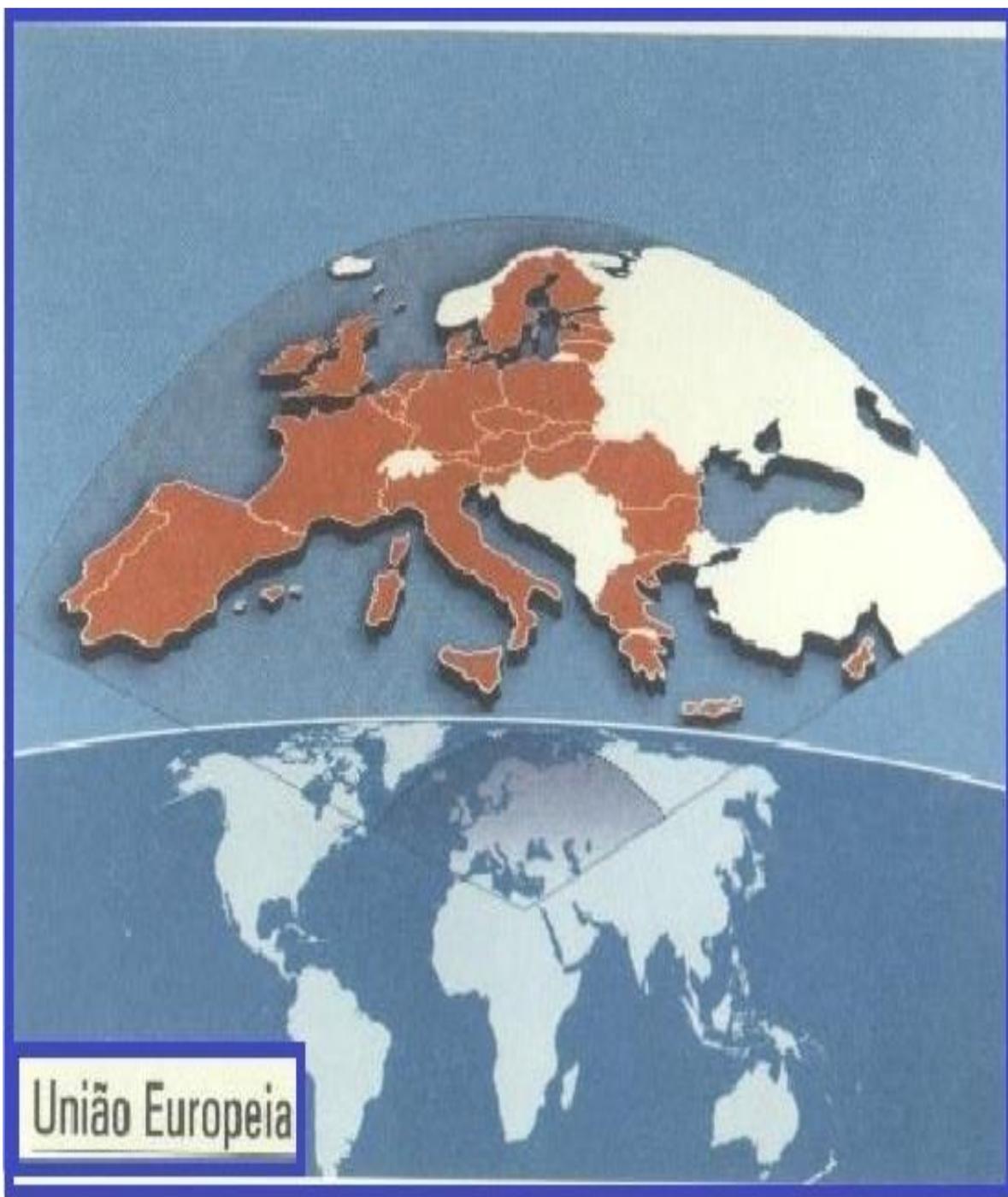
Mapa da Associação Latino-Americana de Integração (Aladi)⁸⁴



Fonte: Livro Diálogos de Liberdade/página 175.

⁸⁴ A Aladi está indicada no Mapa Referencial pela cor verde.

Mapa da União Europeia (UE)⁸⁵



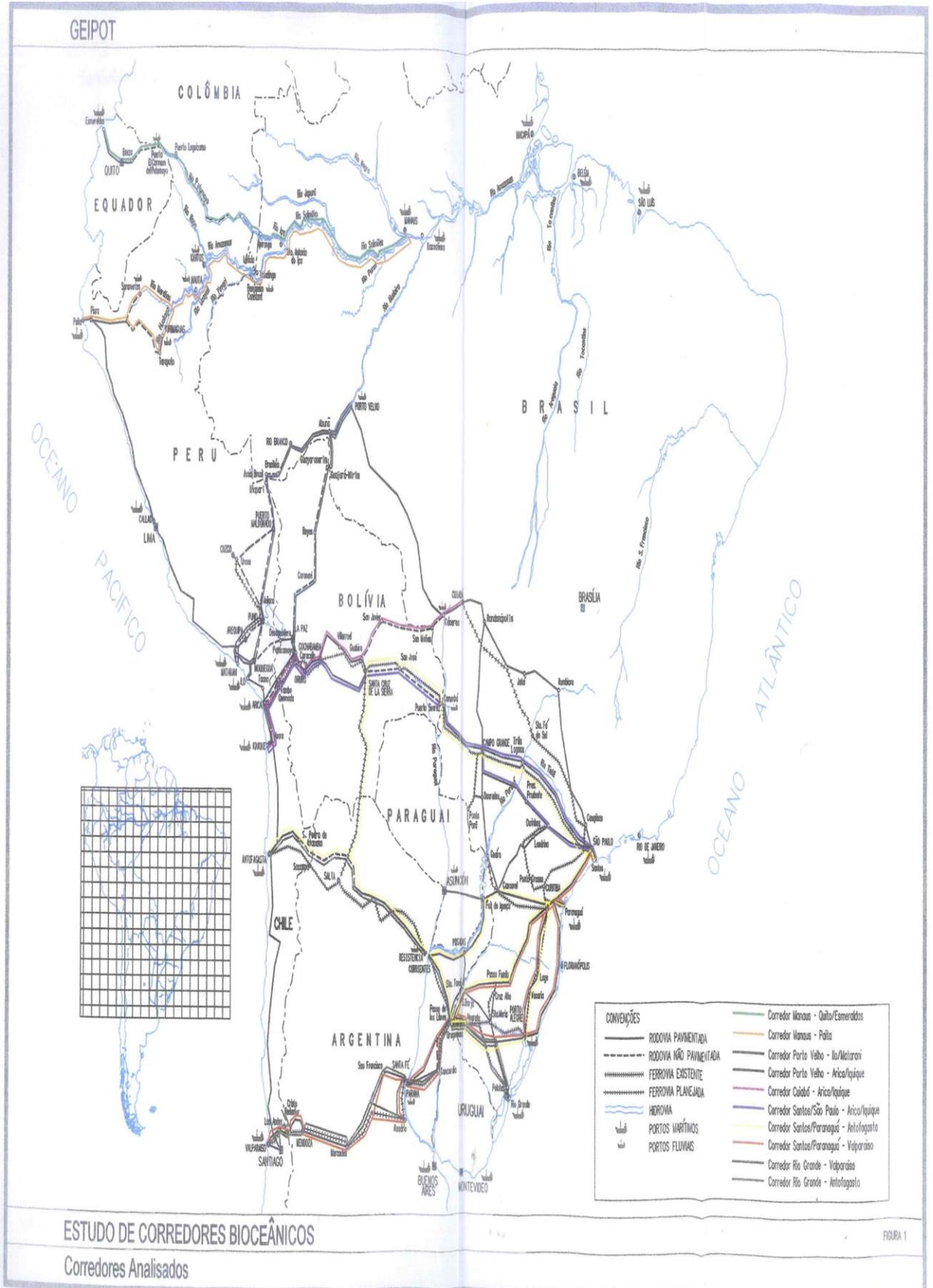
Fonte: Livro Diálogos de Liberdade/página 169.

⁸⁵ A União Europeia está indicada no Mapa Referencial pela cor marrom.

ANEXO V – Mapas das propostas de Corredores Bioceânicos

Os mapas a seguir apresentados foram compilados da obra *Estudo de Corredores Bioceânicos – 1996*, de autoria da extinta Empresa Brasileira de Planejamento de Transporte/GEIPOT, aqui anexados obedecendo a sequência a seguir indicada: Figura 1 – Corredores Analisados (pág. 139); Figura 2 – Rotas Marítimas Alternativas (pág. 140); Figura 3 – Corredores de Integração do Brasil com os Países do Mercosul (pág. 141); Figura 4 – Corredor Manaus –Boa Vista – Caracas/Georgetown (pág. 142).

Figura 1 – Corredores Analisados



ESTUDO DE CORREDORES BIOCEÂNICOS
Corredores Analisados

FIGURA 1

Figura 2 – Rotas Marítimas Alternativas

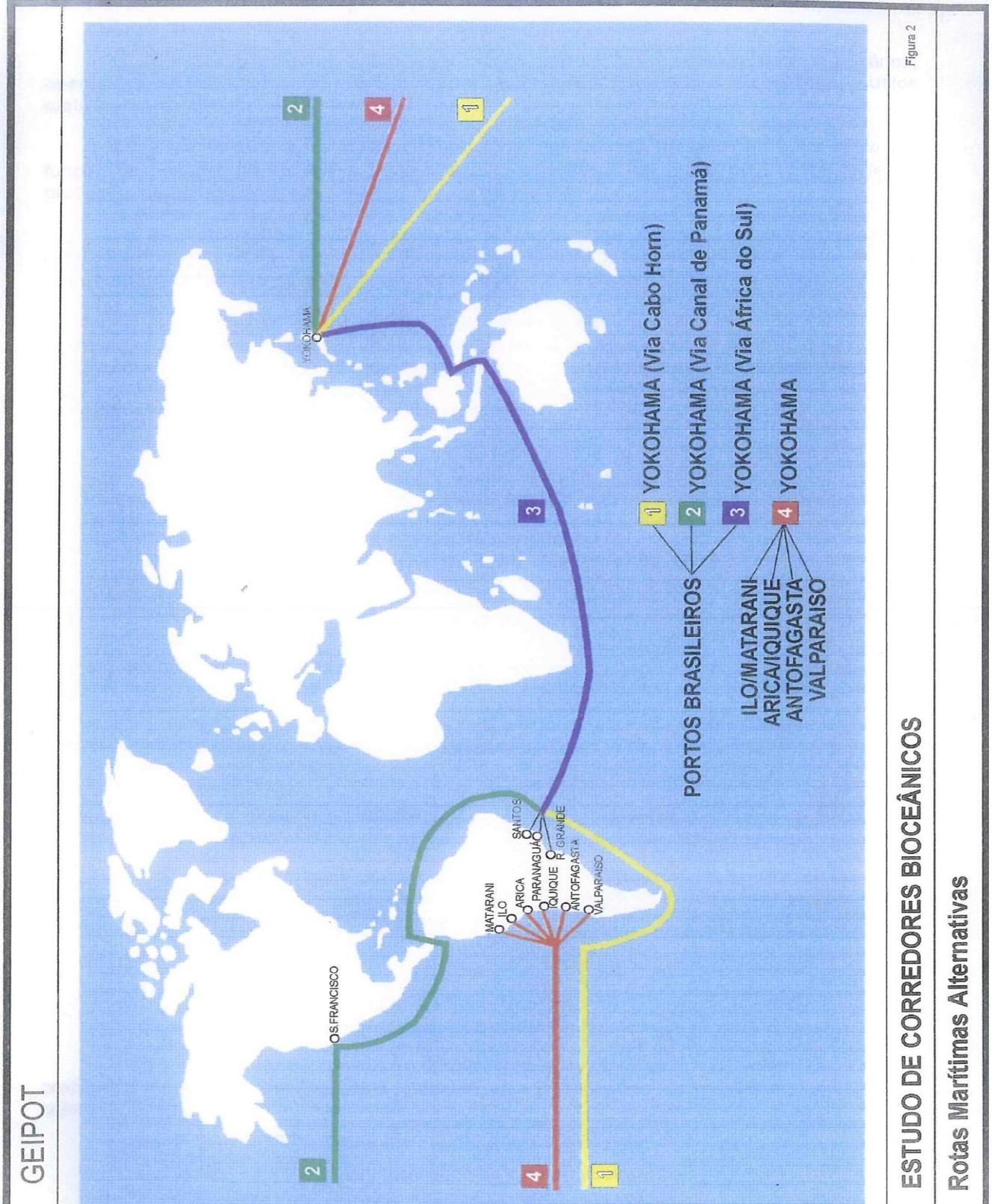


Figura 2

ESTUDO DE CORREDORES BIOCEÂNICOS

Rotas Marítimas Alternativas

Figura 3 – Corredores de Integração do Brasil com os Países do Mercosul

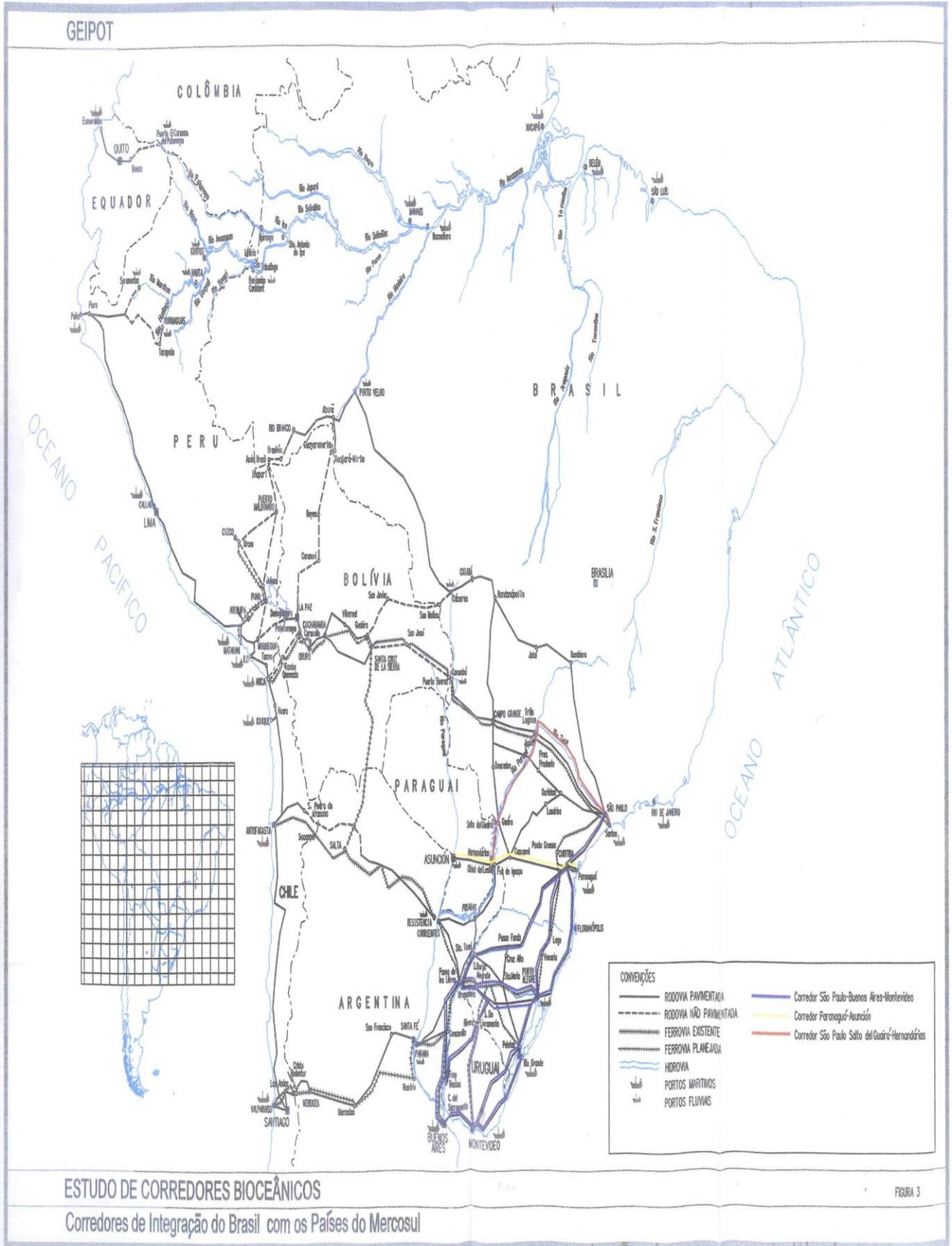


Figura 4 – Corredor Manaus –Boa Vista – Caracas/Georgetown

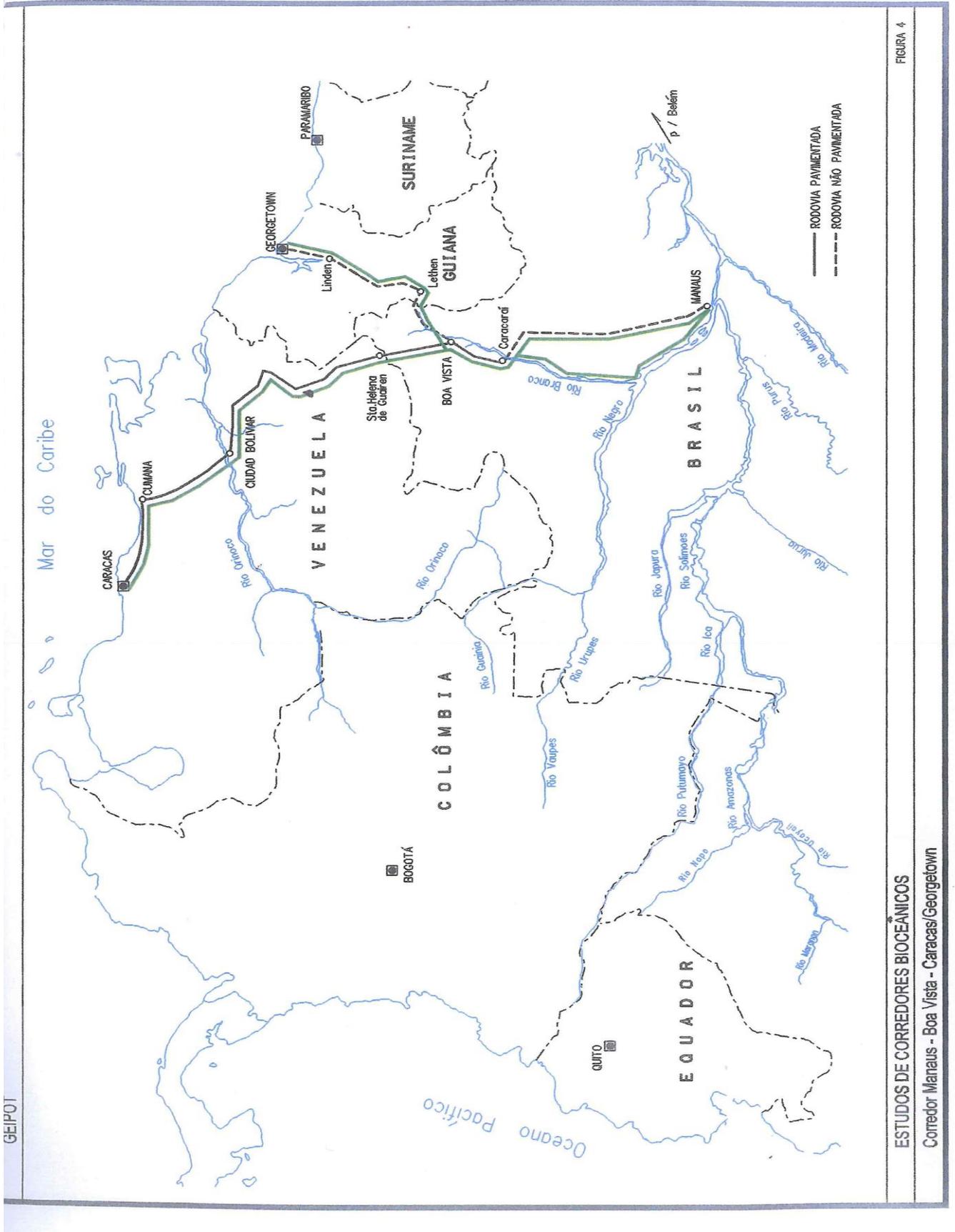


FIGURA 4

ESTUDOS DE CORREDORES BIOCEANICOS
Corredor Manaus - Boa Vista - Caracas/Georgetown